

A Extensão que fizemos, a Extensão que faremos: um novo tempo para a Universidade Pública na sociedade brasileira

Obra de caráter memorialista e de registro institucional das edições das Mostras de Ações de Extensão de 2016-2023

**ANA LÍVIA DE SOUZA COIMBRA E
FERNANDA CUNHA SOUSA
(ORG.)**

VOL. 3

Ana Livia de Souza Coimbra
Fernanda Cunha Sousa
(Organizadoras)

A Extensão que fizemos, a Extensão que faremos: um novo tempo para Universidade Pública na sociedade brasileira

Obra de caráter memorialista e de registro institucional das edições da
Mostra de Ações de Extensão de 2016-2023

Volume III
Mostra de Ações de Extensão – 2021



Juiz de Fora
2024

©Editora UFJF, 2024

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora.

O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens ou textos de outro(s) autor(es) são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizadores



Reitor

Marcus Vinicius David

Vice-reitora

Girlene Alves da Silva

Pró-reitora de Extensão

Ana Livia de Souza Coimbra

Pró-reitora Adjunta de Extensão

Fernanda Cunha Sousa

Equipe editorial

Ana Livia de Souza Coimbra

Fernanda Cunha Sousa

Aline Emy Fuguhara

Eduarda Knaip Costa

Larissa Fernandes

Priscila Gonçalves de Souza Salvati

Renata Miranda de Freitas Alencar

Samuel Fontainha do Nascimento

Thamirys Silva Magalhães Gonçalves

Sadalla Lopes Xavier Pifano

Revisão

Fernanda Cunha Sousa

Anelise de Freitas

Beatriz Jobim Péres Senra

Projeto gráfico

Ericsson Gabriel Reis Alves

Melissa Gilberto Marques

Paulo Henrique Costa Totti

Diagramação

Samuel Fontainha do Nascimento

Paulo Henrique Costa Totti

Coimbra, Ana Livia de Souza.

A extensão que fizemos, a extensão que faremos: um novo tempo para a universidade pública na sociedade brasileira / Ana Livia de Souza Coimbra, Fernanda Cunha Sousa. – Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2024. v. III.

Dados eletrônicos (1 arquivo: 11mb)

ISBN: 978-85-93128-92-9

Obra de caráter memorialista e de registro institucional das Mostras Científicas de 2016 a 2023.

1. Extensão Universitária - UFJF. 2. Transformação social. I. Coimbra, Ana Livia de Souza. II. Sousa, Fernanda Cunha. III. Título.

CDU: 378.4:371.33

DOI: 10.34019/ufjf.ebook.2021.00044

Pró-reitoria de Extensão
Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Campus Universitário - São Pedro
Juiz de Fora/MG - 36036-900
secretaria.extensao@ufjf.br
Telefone: (32) 2102-3971

Filiada à ABEU



Conselho editorial

Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome

Ana Maria Stephan

Ana Rosa Costa Picanço Moreira

Andréia Francisco Afonso

Andreia Rezende Garcia Reis

Charlene Martins Miotti

Cláudia de Albuquerque Thomé

Danielle Guedes Andrade Ezequiel

Gislaine dos Santos

Gustavo Taboada Soldati

Jordan Henrique de Souza

Josane Gomes Weber Oliveira

José Amarante Santos Sobrinho

Katia Teonia Costa de Azevedo

Luciana Holtz

Luiz Carlos Lira

Marco Aurélio Kistemann Junior

Marconi Fonseca de Moraes

Mayra Barbosa Guedes

Neil Franco Pereira de Almeida

Neiva Ferreira Pinto

Otávio Eurico de Aquino Branco

Raquel Tognon Ribeiro

Reinaldo Duque Brasil Landulfo Teixeira

Rodrigo Christofolletti

Samuel Rodrigues Castro

Schirley Maria Policario

Silvina Liliana Carrizo

Simone Sales Marasco Franco

Tatiana Franca Rodrigues Zanirato

Tereza Pereira do Carmo

Thais Fernandes Sampaio

Willsterman Sottani Coelho

V Mostra de Ações de Extensão e III Congresso de Extensão – 2021

Comissão organizadora:

Pró-reitora de Extensão: Prof^a. Ana Livia de Souza Coimbra

Pró-reitora Adjunta de Extensão: Prof^a. Juliana Goulart Soares do Nascimento

Gerente de Ações de Extensão: Diogo Mendes Rodrigues

Coordenação Acadêmica - Campus Governador Valadares: Prof^a. Alexandra Paiva Araújo
Vieira

Coordenação Geral do Evento: Aline Araújo Rocha Nery, Devani Tomaz Domingues,
Prof^a. Juliana Goulart Soares do Nascimento e Magali Soares da Silva

Dedicamos os volumes deste e-book a todos aqueles que acreditam no poder transformador da educação e da extensão na sociedade. Agradecemos aos incansáveis extensionistas, que dedicam seu tempo, conhecimento e paixão para levar o saber acadêmico além dos muros da UFJF, impactando vidas e comunidades inteiras.

Uma menção especial aos dedicados bolsistas e estudantes envolvidos nessas ações de extensão, cujo entusiasmo e comprometimento são a fonte de energia e sucesso por trás de cada projeto e programa. Seu desejo de aprender, crescer e contribuir para um mundo melhor é inspirador.

E, é claro, aos verdadeiros beneficiários de todo esse esforço – as pessoas cujas vidas são tocadas e transformadas pela extensão universitária. São vocês que validam a importância desse trabalho, que nos lembram diariamente que a educação tem um propósito maior: o de construir uma sociedade mais justa, inclusiva e iluminada.

Que este e-book possa servir como um tributo a todos os envolvidos, um testemunho das realizações alcançadas e um incentivo para continuar trilhando o caminho da Extensão, em que a UFJF e a sociedade se transformam mutuamente. Juntos, estamos construindo pontes entre o mundo acadêmico e a sociedade para um futuro mais brilhante para todos.

Organizadoras

“A palavra ‘presença’ não se refere (pelo menos, não principalmente) a uma relação temporal. Antes, refere-se a uma relação espacial com o mundo e seus objetos. Uma coisa “presente” deve ser tangível por mãos humanas – o que implica, inversamente, que pode ter impacto imediato em corpos humanos. Assim, uso ‘produção’ no sentido de sua raiz etimológica (do latim *producere*), que se refere ao ato de ‘trazer para adiante’ um objeto no espaço. Aqui, a palavra ‘produção’ não está associada à fabricação de artefatos ou de material industrial. Por isso, ‘produção de presença’ aponta para todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos ‘presentes’ sobre corpos humanos”.

Hans Ulrich Gumbrecht (*Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*, 2004, p. 13)

Sumário

Prefácio da V Mostra de Ações de Extensão – 2021

Juliana Goulart Soares do Nascimento e Ana Livia de Souza Coimbra 10

Apresentação

Marcus Vinicius David e Girlene Alves da Silva 12

Comunicação

Acessibilidade e a inclusão da pessoa com deficiência durante a COVID-19

Alaine Terezinha de Oliveira, Silvana Lopes Nogueira Lahr, Andreia Peraro do Nascimento e Regina Gendzelevski Kelmann.....13

Conscientização dos hábitos alimentares e educação nutricional através de postagens em redes sociais para a população

Isabella da Silva Almeida, Nelma Helena Freguglia Coutinho, Mariana Oliveira Martins, Caroline Pereira Xavier, Patrícia Cândido da Silva, Lorena Simili de Oliveira, Júlia Carneiro Almeida e Renato Moreira Nunes.....18

Cultura

Educação, memória e patrimônio: ações educativas e culturais durante a pandemia da COVID-19

Mariana Rodrigues da Costa Neves, Laiza Batista Eugenio, Edivânia Rosa Caciano, Isabela Nocelli de Freitas Silva, Lucas Oliveira Furtado, Luiz Philipe de Paiva Silva, Raissa Neves Segantini, Rennan Israel Gouvea Santos e Yasmin Ludigerio Moravia 22

O programa de extensão “Conservação da Memória” durante a pandemia: os desafios enfrentados

Anna Beatrice da Costa Dalcerro Raeder da Rocha, Luise Ramos Gomes de Araújo e Marcos Olender..... 27

“Paisagem Urbana Histórica”: colaboração para a regulamentação de planos setoriais de patrimônio em Juiz de Fora

Ana Aparecida Barbosa Pereira, Kelly Lara de Almeida, Hugo Santos da Cruz Fraga, Luciane Tasca, Paulo Gawryszewski, Cleyton Luiz da Silva Rosa e Daniele Ferreira de Rezende.....34

Reflexões sobre histórias e trajetórias do projeto “Ecos na Cidade”

Carlos de Faria Júnior, Gabriel Araújo Souza, Lara Bruce Alves, Lucas Andrade Silva, Patrick Salviano de Oliveira, Pietra Grisotto Vieira e Rafael Afonso de Souza.....40

UFJF-GV na Rota Cultural: saberes e interdisciplinaridade

Jennifer Silva Soares, Samara Gonçalves Vieira, Thainara de Souza Silva, Ana Maria dos Santos Moreira, Schirley Maria Policário e Devani Tomaz Domingues.....45

Direitos Humanos e Justiça

Ação de apoio a orientação ao Auxílio Emergencial

Marina Monteiro de Castro e Castro, Alexandra A. L. T. Seabra Eiras, Ana Carolina Caetano, Ana Cláudia Leiroz Nacarat, Ana Cristina Peixoto Guimarães, Ana Maria Ferreira, Cláudia Mônica dos Santos, Danielle Sachetto Ribeiro, Fernanda Condé Teixeira, Flávia Limpi Fortes, Janaína Gonçalves de Oliveira, Joseane Barbosa Lima, Lívia Terra, Mayra Barbosa Guedes, Nicole Cristina Oliveira Silva e Sabrina Pereira Paiva.....51

Campanha Transolidariedade: Ação de Extensão de prevenção e enfrentamento à COVID-19

Brune Coelho Brandão, Dandara Felícia Silva Oliveira, Maria José Figueira Pereira e Marco José de Oliveira Duarte.....58

Centro de Referência de Promoção da Cidadania de LGBTQI+ (CER-LGBTQI+)

Marco José de Oliveira Duarte.....65

Os desafios da educação sobre gênero em uma escola pública de Governador Valadares no contexto da pandemia de COVID-19

Murilo Ramalho Procópio, Debora Silva Souza, Emanuely Cortes Aquino, Martim Juvêncio Ferreira, Mayara Oliveira da Silva e Samara Gonçalves Vieira.....72

Relatos do Projeto ACJC sobre a visibilidade da juventude e uma re(construção) social no bairro Turmalina

Julia Cristina Ferreira Reis e Luiza Carvalho de Castro..... 77

Time Enactus UFJF: desenvolvendo comunidades de Juiz de Fora através do empreendedorismo social

Gabriel Fernandes Gonçalves, Luiza Bastos Villela, Marcos Paulo Moraes Sales, Vítor Marcos de Lana e Priscila Vanessa Zabala Capriles Goliatt.....83

Meio Ambiente

Núcleo de atendimento social da Faculdade de Engenharia

Gislaine dos Santos, Jordan Henrique de Souza e Natália Boliano Gonçalves 89

Vamos falar sobre acessibilidade e inclusão? Um relato sobre uma série de Lives no Instagram

Frederico Braidá, Gabriela Cruz Rodrigues, Letícia de Oliveira Santos, Lorena Rodrigues Braga e Thales Luiz de Sá Moreira.....97

Saúde

A efetividade da terapia cognitivo-comportamental de grupo em pacientes com fobia social: pesquisa e extensão

Andressa Helena Quirino, Gabriele Santos de Amorim e Lelio Moura Lourenço.....105

Comunidade Saudável

Márcio José Martins Alves, Francieli do Carmo Pereira Oliveira, Marina Nogueira Henriques de Oliveira, Julia Lobato e Edmar Casimiro.....111

Desafios da educação em saúde no meio virtual: a adaptação de uma extensão universitária

Jeferson Miguel Melo Antunes, Lara Martins Araújo, Mayra Varginha Viegas, Marcela Oliveira Afonso e Ana Carolina Morais Apolônio.....118

Grupo de apoio aos pacientes com dermatite atópica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (HU-UFJF) – Projeto de Extensão

Ana Clara Abreu Lima de Paula, Bruna Rocha Lopes, Carla Meneghetti Galdino, Lais Rodrigues Maia, Nathália Couri Vieira Marques e Maria Teresa Feital de Carval.....125

Incentivo à doação de sangue em Juiz de Fora-MG através das redes sociais: Projeto “Amigo Doador” – um relato de experiência

Mirjhenyfer Lúcia Martins, Betânia Nogueira da Silva, Maura Furtado Barbosa Felipe, Rafaela Gonçalves Dias, Thayná Souza Nascimento e Sabrine Teixeira Ferraz Grunewald131

Tecnologia e Produção

Diagnóstico e gestão da manutenção em instituição filantrópica Instituto Maria

Beatriz Henrique, Charles Henrique, Patrick Farinati e Maria Aparecida Steinherz Hippert.....136

Ensino e aprendizagem em Microgeração Solar Fotovoltaica

André Augusto Ferreira, Hyago Palacio Fabris e Rafael Siqueira Fusário142

O projeto “Radar da Política Comercial” como instrumento para a difusão do comércio internacional

Carolina Rodrigues Corrêa
Ferreira.....149

Relato de experiência: a extração de palavras-chave no projeto ODS Mapeados

Igor Ciampi de Mattos Roque, João Victor de Mattos Louro, Ana Carolina E. Polessa da Silva, Ruan Medina Carvalho, Gisele Goulart, Priscila V. Z. Capriles Goliatt e Leonardo Goliatt da Fonseca.....157

Trabalho

Inclusão produtiva através de oficinas culinárias em uma obra social do município de Juiz de Fora – MG

Nelma Helena Freguglia Coutinho, Monike Hellen de Oliveira, Tayani de Oliveira Souza e Ana Lúvia de Oliveira.....163

Matriciamento, vigilância e intervenção em saúde do trabalhador e da trabalhadora em tempos de pandemia: relato de experiência de um projeto de extensão universitária

Heloisa da Costa Souza , Mariana Costa Garcia, Vivian Rezende Mota, Vitória Abraão de Lima, Bruna Lopes Adriano e Diogo Simões Fonseca166

Prefácio da V Mostra de Ações de Extensão – 2021

A V Mostra de Ações de Extensão e III Congresso de Extensão da UFJF foram realizados entre os dias 25 e 29 de janeiro de 2021. Pela primeira vez, os eventos aconteceram na modalidade virtual, em virtude da Pandemia, e simultaneamente em ambos os *campi*.

A riqueza trazida por esse momento foi a participação conjunta de todas as equipes dos dois *campi*, possibilitando uma troca ainda maior e mais rica. Mas fazer um evento dessa natureza totalmente virtual foi um desafio, já que as marcas da extensão universitária são a presencialidade, a troca e o diálogo. E sabemos que nem todos os segmentos que participam das ações de extensão na condição de beneficiários têm acesso ao meio virtual. Por isso, não se perdeu de vista, em momento algum, a percepção de que um evento totalmente *online* foi uma excepcionalidade.

A programação incluiu a apresentação das ações realizadas no contexto da pandemia de COVID-19, trazendo para o debate desafios, dificuldades e resultados alcançados por ações desenvolvidas a partir de março de 2020.

O Congresso de Extensão Universitária da UFJF constituiu um espaço de atualização e discussão acerca das principais questões sobre a extensão universitária no país, em especial, naquele momento. O objetivo foi qualificar o debate para o contínuo aprimoramento da política de extensão na instituição, fortalecendo sua dimensão acadêmica, social e de gestão.

A programação geral reuniu palestras, mesa redonda, rodas de conversa, submissão de vídeos, minicursos/oficinas, transmissões ao vivo (*lives*) e envio de relatos de experiência para divulgação no *site* da PROEX.

O tema desta edição, “Extensão Universitária e Isolamento Social: desafios e novas perspectivas”, propiciou espaços para discussão das políticas públicas de extensão, mas também para encontros, trocas e partilhas de saberes. Permitiu ainda à comunidade interna e externa conhecer melhor os serviços desenvolvidos junto à cidade nesse período tão difícil, ao mostrar um pouco das ações desenvolvidas por meio da Extensão, eixo institucional que tem a missão de viabilizar a construção de um conhecimento decorrente do diálogo.

Em contexto inédito de tantas incertezas, possibilitou-se a reflexão e o debate por meio da participação de uma das vozes mais atuantes durante a crise do novo coronavírus no Brasil: a pneumologista e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Margareth Dalcolmo, que ministrou a palestra “O enfrentamento à pandemia de COVID-19 e a função social das universidades públicas”.

A pró-reitora de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Cláudia Mayorga, também esteve presente e ministrou a palestra “Princípios e Metodologias: limites e possibilidades da extensão universitária na modalidade remota”, que ressaltou a necessidade de reinvenção das universidades para atuação no contexto de pandemia, convidando à reflexão, ao diálogo sobre o que foi a extensão universitária neste contexto e o que seria a extensão após a pandemia.

Assim, debatemos a democratização do acesso às tecnologias, o desenvolvimento da pandemia de COVID-19 em nosso país, quais as condições de

enfrentamento e que dilemas colocam impedimentos à imunização da população brasileira naquele momento.

A pergunta que perpassou todos os debates era: como a extensão pode contribuir neste contexto, considerando que também estava submetida às medidas do isolamento social? E o que se pôde reforçar foi o avanço da extensão nos últimos anos e sua capilaridade junto à sociedade em diversas áreas: cultura, educação, saúde, tecnologia, comunicação, dentre outras, e por isso, seu papel estratégico naquele momento para alcançar as pessoas.

Outro ponto importante foi o debate sobre o uso das tecnologias, que é anterior à pandemia, mas que se intensificou neste contexto. As universidades precisaram se repensar para lidar com o contexto de pandemia, e com as ações extensionistas não foi diferente. Foi enfatizada a necessidade de que a extensão universitária seguisse atuando e fazendo uso das tecnologias naquele momento, mas sempre com a percepção de que não existe solução única e de que devíamos olhar de forma crítica para as tecnologias, sem desconsiderar que estas possibilitam algum tipo de interação fora da perspectiva do controle, se aliadas a experiências criativas, evitando ideias reducionistas.

O que se pôde perceber foi que os trabalhos apresentados foram transpassados pela preocupação com a vida, pela valorização do pensamento científico e pela capacidade da atuação extensionista naquele contexto.

Os trabalhos premiados, os que receberam certificado de menção honrosa e os que submeteram seus relatos de experiência para apreciação nas áreas temáticas de "Comunicação", "Cultura", "Direitos Humanos e Justiça", "Meio Ambiente", "Saúde", "Tecnologia e Produção" e "Trabalho" com aprovação da comissão editorial desta obra, compõem este volume para o qual convidamos à leitura.

Juliana Goulart Soares do Nascimento¹
Ana Livia de Souza Coimbra²

¹Professora do Departamento de Administração do *campus* de Governador Valadares. Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (CEPEAD/UFMG). Pró-reitora Adjunta de Extensão (2020-2021).

²Professora Titular do Departamento de Política de Ação do Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da UFJF. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pró-reitora de Extensão da UFJF desde abril de 2016. Presidente do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) de junho de 2018 a junho de 2019; do FORPROEX regional Sudeste de abril de 2017 a maio de 2018; do Colégio de Extensão (COEX) da Andifes de junho de 2018 a maio de 2019.

Apresentação

A publicação deste e-book faz parte de um conjunto de ações, que visam dar visibilidade ampliada à articulação entre o conhecimento produzido na Universidade e as demandas da sociedade, demonstrando como a produção acadêmica pode ser aplicada e construída em uma relação direta com a comunidade. Os textos que compõem este compilado demonstram a excelência de nossa instituição no campo extensionista.

A extensão universitária desenvolvida na UFJF tem avançado qualitativa e quantitativamente, consolidando-se como espaço de aprendizagem reconhecido institucionalmente. Assim, supera-se a concepção assistencialista do fazer extensionista com ações, as quais têm como foco a relevância social da ação de extensão, direcionando a política extensionista a programas e projetos, que considerem o compromisso social e o papel da Universidade frente às realidades que nos cercam e das quais fazemos parte.

Mesmo em contexto tão adverso, como o que vivenciamos recentemente, seguimos buscando formas de propiciar esse diálogo transformador e participativo. Parceria importante tanto para a comunidade universitária como para os diferentes segmentos sociais, os quais fazem da Universidade um espaço vivo, crítico e participativo, necessário para a formação dos estudantes, que irão contribuir para a superação de situações sociais desiguais tão intensificadas nos últimos anos. Assim, a comunidade extensionista compartilha os saberes produzidos no ambiente acadêmico com as comunidades dos territórios onde a UFJF se insere.

É preciso considerar que a prática da extensão como um componente curricular, cumprimento da Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação, será desenvolvida em um contexto ainda de dificuldades orçamentárias.

Mas, a despeito de todos os problemas, novos horizontes abrem-se como o fortalecimento das relações interinstitucionais; como a ampliação das relações com representações de diferentes setores da sociedade, em especial com aqueles que, de outro modo, seriam privados de muitos de seus direitos fundamentais.

Estamos diante de um desafio, o qual demanda um novo saber e um novo fazer acadêmico capazes de formar profissionais de diversas áreas, que terão a oportunidade, via prática extensionista, de refletir e contribuir para a melhoria das condições de vida, a garantia de direitos e a transformação social. Os trabalhos presentes demonstram que a UFJF está pronta para desenvolver, com extrema competência, seu papel neste novo tempo que se inicia para a extensão universitária no Brasil.

Marcus Vinicius David
Reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora

Girlene Alves da Silva
Vice-reitora da Universidade Federal de Juiz de Fora

Acessibilidade e a inclusão da pessoa com deficiência durante a COVID-19¹

Alaine Terezinha de Oliveira²

Silvana Lopes Nogueira Lahr³

Andreia Peraro do Nascimento⁴

Regina Gendzelevski Kelmann⁵

¹Projeto de Extensão “A Acessibilidade do Outro e o Dever de Todos”.

²Graduanda de Farmácia pela Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares (UFJF-GV). Bolsista da ação de extensão. E-mail: alainedeoliveira.farma@gmail.com.

³Colaboradora da Ação de Extensão. Professora do Depto. de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: sillnogueira@yahoo.com.br.

⁴Doutora em FÁrmaco e Medicamentos pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (USP) com estágio de Pós-doutoramento no Instituto de Química de São Carlos (USP). Colaboradora da Ação de Extensão. Professora do Departamento de Farmácia da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: peraroan@gmail.com.

⁵Doutora em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Farmácia do Instituto de Ciências da Vida da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares (UFJF-GV). Coordenadora da Ação de extensão. E-mail: regina.kelmann@ufjf.br.

Acessibilidade e a inclusão da pessoa com deficiência durante a COVID-19

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 trouxe ao mundo uma nova realidade, onde, o distanciamento social passou a ser uma das medidas mais importantes no combate ao novo coronavírus. Como outros diversos projetos, atividades e ações, o projeto “A Acessibilidade do Outro e o Dever de Todos” teve que se adaptar à nova realidade para poder continuar seus trabalhos que visam conscientizar e difundir questões sobre acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência; além dessas mudanças, o projeto passou a ter uma nova visão sobre a pessoa com deficiência, pois, estes estavam agora inseridas em um novo contexto, assim como o resto do mundo.

De acordo com relatório lançado antes da pandemia da COVID-19 pela Organização das Nações Unidas (2018) existem no mundo 1 bilhão de pessoas que possuem alguma deficiência e essas pessoas enfrentam o capacitismo e a discriminação. O mesmo documento mostra que pessoas com deficiência (PCDs) possuem menor probabilidade de ter acesso à educação, trabalho, saúde, cuidado e participar na comunidade, além disso, elas são mais propensas a viver na pobreza e a sofrer abuso e negligência. A pandemia, por sua vez, acentuou as dificuldades e barreiras enfrentadas pelas PCDs e mostrou que essas pessoas em muitos lugares ainda são invisíveis. de acordo com a ONU:

A crise global da COVID-19 está aprofundando as desigualdades pré-existentes, expondo a extensão da exclusão e destacando que o trabalho sobre a inclusão de deficientes é imperativo. Pessoas com deficiência – um bilhão de pessoas – são um dos grupos mais excluídos de nossa sociedade e estão entre os mais atingidos nesta crise em termos de fatalidades. (Nações Unidas, 2020, p. 2)

Uma pesquisa realizada pela International Disability Alliance em 2020 que teve como objetivo monitorar as medidas tomadas pelos governos em relação a pessoas com deficiência e o impacto da COVID-19 na vida dessas pessoas, mostrou que dos participantes, 45% informaram que seus governos não tomaram medidas para proteger a vida, a saúde e a segurança das pessoas com deficiência que vivem na comunidade, enquanto apenas 12% desses entrevistados disseram que seus governos tomaram medidas significativas para proteger as PCDs. Em relação ao acesso a informações, 30% dos entrevistados relataram que as pessoas com deficiência não receberam informações suficientes sobre a COVID-19; 21% informaram que as informações recebidas não estavam disponíveis em todos os formatos acessíveis. Essa mesma pesquisa também revelou que quase um terço dos entrevistados, em 81 países, disseram que as pessoas com deficiência em seu país não tinham acesso aos alimentos (Brennan *et al.*, 2020). O relatório COVID-19 Disability Rights afirmou que as pessoas com deficiência em todo o mundo perderam sua independência durante a pandemia e informaram que:

Muitas pessoas com deficiência que vivem na comunidade disseram que foram abandonadas pelo governo e presas em casa, sem meios de

acesso a alimentos, remédios ou outros suprimentos básicos. Os entrevistados de países com toques de recolher particularmente rígidos correram um risco maior de assédio, intimidação e violência policial. (Brennan *et al.*, 2020, p. 28)

O que se observa é que as desigualdades referentes às pessoas com deficiência estão mais acentuadas, as informações não chegam até essas pessoas e muitas vezes, quando chegam, essas informações não se encontram em formato acessível o que deixa a PCD mais excluída da sociedade. Além dessa questão esses indivíduos correm um maior risco de contrair a COVID-19, visto que existem diversas barreiras, como a dificuldade de manter o distanciamento social, já que muitas PCDs necessitam de ajuda no seu dia a dia e outras se encontram em instituições de saúde ou assistência e como a necessidade de encostar em objetos para obter informações do ambiente. Outro ponto a se destacar é que, algumas pessoas com deficiência, por possuírem problemas de saúde subjacentes à deficiência, podem desenvolver a forma grave da doença (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

Compreendendo o cenário de vulnerabilidade, falta de políticas públicas e falta de informações acessíveis sobre a pandemia, onde se encontram as PCDs, e levando em consideração que a lei Brasileira de Inclusão assegura o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoas com deficiência, em condições de igualdade com as demais pessoas, visando à inclusão social e cidadania (Brasil, 2015) o projeto “A Acessibilidade do Outro e o Dever de Todos” criou ações que pudessem levar às pessoas com deficiência mais informações sobre a COVID-19 e dar visibilidades a essas, discutindo a inclusão e acessibilidade dentro e fora da universidade.

2 METODOLOGIA

As atividades e ações do Projeto “A Acessibilidade do Outro e o Dever de todos” foram realizadas no ano de 2020 através de plataformas *online*. Utilizou-se o Instagram, Facebook, e-mail e WhatsApp para divulgar informações sobre a pandemia, o impacto dela na vida de pessoas com deficiência e orientações para cuidadores e PCDs sobre como se proteger da COVID-19, sendo através desses canais que se desenrolou a ação denominada “Vozes”.

Encontros *online* através das plataformas Google Meet e Zoom foram realizados com outros projetos e entidades da universidade Federal de Juiz de Fora – *Campus* Governador Valadares, onde foi possível desenvolver discussões a respeito da inclusão e acessibilidade digital. O projeto também se manteve informado através dos órgãos governamentais, e órgãos mundiais como a International Disability Alliance e a ONU para manter atualizadas as informações a respeito da pandemia e seus impactos sobre as pessoas com deficiência.

No geral, as principais ferramentas utilizadas para dar continuidades ao projeto foram as plataformas *online*, sendo que através dela continuou-se a levar para a comunidade da cidade de Governador Valadares a discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

As ações do projeto durante a pandemia do novo coronavírus tiveram de ser reformuladas; antes o projeto fazia ações de forma presenciais e desenvolvia também ações através de plataformas como o Instagram, já neste novo cenário todas as ações do projeto passaram a ocorrer através de plataformas digitais. Deu-se continuidade a ação que tem parceria como o projeto Treinamento Profissional Eventos Acessíveis, denominado “*Libras Online*”, onde vídeos, gravados pelos discentes do projeto, e enquetes com sinais de Libras foram disponibilizados nos “*stories*”. Expressões como “Fique em casa” e “lavar as mãos” são exemplos de sinais em Libras que foram ensinados na ação “*Libras Online*”. O projeto, também através do Instagram, deu início a uma ação denominada “*Vozes*” que tem como principal objetivo dar voz às pessoas com deficiência; os relatos dessas pessoas sobre como estão vivendo durante a pandemia e as dificuldades que encontram são compartilhadas na plataforma, além disso, também foram compartilhadas informações sobre como as pessoas com deficiência poderiam se cuidar e quais são seus direitos.

A principal ação desenvolvida pelo projeto em 2020 se deu através de encontros virtuais com outros projetos e entidades da Universidade Federal de Juiz de Fora – *campus* Governador Valadares. Estes encontros tiveram como principal objetivo informar sobre acessibilidade digital e ensinar medidas que podem ser adotadas nas redes sociais para que as postagens se tornem mais acessíveis. Discutiu-se Audiodescrição, descrição de imagens, Texto alternativo, Importância das Legendas, Criação de Artes e linguagem simplificada. Os projetos envolvidos nessa ação foram:

- LAMFAC – Liga Acadêmica de Medicina de Família e Comunidade;
- Projeto de extensão *Trissomia do 21*;
- Projeto de extensão *Ecos no Cinema*;
- Projeto de extensão *Ecos na Cidade*;
- DAEF – Diretório Acadêmico dos Estudantes de Farmácia;
- LAGTM – Liga Acadêmica de Gerenciamento da Terapia medicamentosa.

Os encontros desenvolvidos se tornaram um momento de troca de conhecimento e experiências, onde foi possível compreender que a maioria dos projetos e entidades não desenvolviam postagens com medidas acessíveis por falta de informação sobre o assunto, reflexo da falta de discussão a respeito do tema. Para a alegria do projeto “*A Acessibilidade do Outro e o Dever de Todos*”, todos os projetos e entidades adotaram medidas acessíveis em suas redes sociais, como descrição de imagens e adição de legendas em vídeos, fazendo assim com que informações do meio acadêmico, que são extremamente relevantes, se tornem acessíveis às pessoas com deficiências.

Os desafios enfrentados foram inúmeros, desde aprender a utilizar as novas tecnologias, até aprender a chegar próximo da sociedade de forma virtual e não mais presencial, além disso, a maior limitação se dá pelo fato de que nem todas as pessoas possuem acesso à internet, logo, muitos ficaram impossibilitados de acompanhar as informações passadas pelo projeto.

Pretende-se dar continuidade aos encontros para debater acessibilidade digital para que outras entidades, projetos e órgãos, não apenas da universidade, possam entregar a todos um conteúdo acessível, além disso, pretende-se dar continuidade às

ações “Vozes” e “Libras Online” para debater cada vez mais o tema inclusão de pessoas com deficiência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adoção de medidas e ações acessíveis nas redes sociais pelos projetos e entidades que participaram dos encontros virtuais sobre acessibilidade digital mostrou que é possível levar a sociedade mais acessibilidade e inclusão para a pessoa com deficiência, sendo essencial a discussão sobre o tema, para que a falta de conhecimento não se torne um empecilho para inclusão. Com o desenvolvimento de atividades como essas, realizadas pelo projeto A Acessibilidade do Outro e o Dever de Todos, almeja-se reduzir barreiras e promover mais acessibilidade e inclusão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (2015). Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 16 jan. 2021.

BRENNAN, Ciara Siobhan *et al.* *Disability rights during the pandemic: a global report on findings of the COVID-19 disability rights monitor*. New York: 2020. 59 p.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). *Considerações sobre pessoas com deficiência durante o surto de COVID-19*. 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/5206>. Acesso em: 16 jan. 2021.

UNITED NATIONS (ONU). *Disability and Development Report: Realizing the Sustainable Development Goals by, for and with persons with disabilities*. New York, 2018.

UNITED NATIONS (ONU). *Policy Brief: A Disability-Inclusive Response to COVID-19*. New York, 2020.

Conscientização dos hábitos alimentares e educação nutricional através de postagens em redes sociais para a população¹

Isabella da Silva Almeida²

Nelma Helena Freguglia Coutinho³

Mariana Oliveira Martins⁴

Caroline Pereira Xavier⁵

Patrícia Cândido da Silva⁶

Lorena Simili de Oliveira⁷

Júlia Carneiro Almeida⁸

Renato Moreira Nunes⁹

¹Inova&Nutri – Nova Geração. Projeto de Extensão.

²Graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: Isabellasalmeida127@gmail.com.

³Graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: nelmafreguglia@gmail.com.

⁴Graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: mariana.o.martins@outlook.com.

⁵Graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: xaviercarol.p@gmail.com.

⁶Graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: patriciapfe278@gmail.com.

⁷Nutricionista pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: lorenasimili@gmail.com.

⁸Nutricionista pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: juliajca@gmail.com.

⁹Doutor em Biologia Celular Estrutural. Docente do curso de Nutrição da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador da ação de extensão. E-mail: renato.nunes@uffj.br.

Conscientização dos hábitos alimentares e educação nutricional através de postagens em redes sociais para a população

1 INTRODUÇÃO

Dados do relatório Digital, em 2018, na América do Sul, revelam que há cerca de 130 milhões de usuários brasileiros ativos de mídias sociais, os quais as utilizam diariamente por um tempo médio de 3 horas e 39 minutos. Tal quantidade de usuários consiste em aproximadamente 62% da população nacional e teve crescimento anual médio de 7% para novos adotantes (Hootsuite, 2018).

O advento da mídia social tem facilitado o compartilhamento de informações, com capacidade notável para um envolvimento amplo do público, a mídia social é o meio mais rápido e econômico de se conectar com qualquer público desejado. É possível a criação de carreiras, informações que impulsionam o Market, educar e capacitar as pessoas com informações sobre alimentação, atingindo diversos públicos (Luo *et al.*, 2015).

As atividades do Projeto de Extensão *Inova & Nutri – Nova Geração* da Universidade Federal de Juiz de Fora têm como objetivo produzir conteúdo sobre nutrição nas redes sociais, baseado em evidências. As informações divulgadas por este perfil não tem como objetivo substituir um Nutricionista e não devem ser utilizadas como base para autodiagnóstico.

2 METODOLOGIA

O projeto *Inova & Nutri – Nova Geração* foi realizado no ano de 2020, de forma *online*, com conteúdo preparado por intermédio do *Google Drive*, em pastas separadas semanalmente com seus respectivos temas. Tais temas abordados pelos integrantes do *Inova & Nutri* inicialmente foram escolhidos de acordo com seus interesses, preferências e posteriormente de acordo com os capítulos do livro *Alimentos, Nutrição e Dietoterapia*, do autor Krause (2012). Cada integrante ficou responsável por uma publicação semanal, podendo ser: *Segundo o Doutor, Terceiras intenções, Quartas nutricionais, Comida de quinta, Sexto poder*, de acordo com o tema abordado, havendo uma escala de revisão e liberação dos textos entre os integrantes e o professor orientador.

Os textos escritos apresentavam base de informações científicas de qualidade, com artigos de fatores de impacto. Para obter um padrão de postagens criou-se um modelo de escrita, pela qual os textos devem se apresentar sucintos, não ultrapassando 2500 caracteres. Para a identidade visual do projeto foi criada uma logomarca do *Inova & Nutri*, que fica registrada nas postagens. As imagens que abordam os respectivos temas de publicação são feitas no programa Canva.

As postagens foram divulgadas no *Instagram* e *Facebook* com duas a cinco publicações semanais ao longo de cinco meses e meio, com o total de 76 postagens, baseadas em artigos com uma média de fator de impacto de 8,54. Dentre os resultados obtidos no dia 28 de Dezembro de 2020, fornecidos pelo *Instagram*, a publicação sobre

a Ora-pro-nóbis foi a mais relevante ao longo do ano, tendo a conta nos últimos 30 dias alcançado 62 contatos, 592 impressões, 58 visitas ao perfil. Dentre os 813 seguidores, 51,4% são de Juiz de Fora, sendo ainda 2,9% do Rio de Janeiro, 2,8% de Barbacena e 2,6% de Leopoldina, demonstrando assim que seu maior alcance está nos arredores da Universidade. Em referência à faixa etária, os números são mais distribuídos, sendo 36,3% dos 25 aos 34 anos, 28,6% dos 18 aos 24 anos e 21% dos 35 aos 44 anos, sendo em sua maioria acessado por mulheres, com uma porcentagem de 83,8% e por homens, com uma porcentagem de apenas 16,2%. Também ao longo dos 30 dias posteriores ao dia 28 de Dezembro, houve a perda e acréscimo de 1 seguidor além de um período mais ativo dos seguidores às 18 horas.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Com o crescimento exponencial da comunicação baseada na Internet, a mídia social emergiu como um dos mais preferidos meios de comunicação (Benetoli *et al.*, 2015). A mídia social é utilizada como meio de comunicação para divulgar hábitos saudáveis e compartilhamento de assuntos relacionados à saúde e bem-estar. É uma área, em que a mídia social encontrou uma utilidade incomparável (Vance *et al.*, 2009). Devido à disponibilidade de acesso cada vez maiores às redes sociais, um número crescente de pessoas agora têm mais contato com informações de saúde (Campbell *et al.*, 2014). Além de promover ações de saúde pública e parcerias comunitárias (Moorhead *et al.*, 2013).

Após o início das postagens, observou-se uma progressão das métricas de visualizações da página, crescimento do número de seguidores e do engajamento, tendo um aumento de mais de 200 seguidores entre Julho e Novembro de 2020. Existem evidências de que as intervenções com embasamento teórico podem alcançar maior engajamento e conseqüentemente maior impacto (Korda *et al.*, 2013). A nova abordagem do projeto alcançou variados públicos, incluindo nutricionistas formados, estudantes e leigos de inúmeras regiões do país, ainda que sua maior concentração de acessos seja em Juiz de Fora e região.

Através das métricas fornecidas pelo *Instagram*, pudemos perceber que o padrão do público da página do *Inova & Nutri*, nessa plataforma seria uma mulher, juiz-forana, entre 24 e 35 anos, geralmente acessando às 18 horas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os assuntos abordados são de extrema relevância para o campo da nutrição e saúde, possibilitando o acesso à informações científicas respaldadas por um alto fator de impacto, 8,54 em sua média, assim como oferece orientações pertinentes à saúde e incentiva à construção de novos hábitos alimentares.

REFERÊNCIAS

BENETOLI, Arcélio; CHEN, Timoty F.; ASLANI, Parisa. O uso das redes sociais na prática e na educação farmacêutica. *Pesquisa em Social and Administrative Pharmacy*. Austrália, v. 11, n. 1, p. 1-46, 2015.

CAMPBELL, Brittany C.; CRAIG, Clay M. Estudantes de profissões da saúde: motivações acadêmicas e pessoais para usar redes sociais como meios de comunicação. *Revista Internacional de Comunicação e Saúde*, n. 3, 2014. Disponível em: <http://communicationandhealth.ro/upload/number3/BRITANNY-CAMPBELL-CLAY-CRAIG.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2021.

HOOTSUITE. *Digital in 2018 in Southern America*. Disponível em <https://hootsuite.com/pt/pages/digital-in-2018>. Acesso em: 09 jan. 2021.

KORDA, Holly; ITANI, Zena. Aproveitando a mídia social para a promoção da saúde e mudança de comportamento. *Prática de Promoção da Saúde*, v. 14, n. 1, p. 15-23, 2013.

LUO, John S.; SMITH, Brian N. Mídia social Prática de saúde mental em um mundo digital. *Springer*, p. 183-197, 2015.

MAHAM, L. K.; ESCOTT-STUMP, S. Krause. *Alimentos, nutrição e dietoterapia*. ed. 13. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MOORHEAD, Anne S.; HAZLETT, Diane E.; HARRISON, Laura; CARROLL, Jennifer; IRWIN, Anthea; HOVING, Ciska. Uma nova dimensão dos cuidados de saúde: Revisão sistemática dos usos, benefícios e limitações das mídias sociais para o jornal de comunicação em saúde de pesquisa médica na Internet. *J. Med Internet Res*, v. 15, n. 4, p. 85, 2013.

VANCE, Karl; HOWE, Willian; DELLAVALLE, Robert P. Sites sociais da internet como fonte de informação em saúde pública. *Dermatológico Clinics*, v. 27, n. 2, p. 133-136, 2009.

Educação, memória e patrimônio: ações educativas e culturais durante a pandemia da COVID-19¹

Mariana Rodrigues da Costa Neves²

Laiza Batista Eugenio³

Edivânia Rosa Caciano⁴

Isabela Nocelli de Freitas Silva⁵

Lucas Oliveira Furtado⁶

Luiz Philipe de Paiva Silva⁷

Raissa Neves Segantini⁸

¹Projeto de Extensão Ações Educativas no Museu Ferroviário de Juiz de Fora. Modalidade: demanda espontânea com concessão de bolsa. PROEX.

²Coordenadora do Projeto de Extensão. Professora do Departamento de Turismo do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: mariana.neves@ufjf.br.

³Bolsista do Projeto de Extensão. Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: laizabatistaeugeniomg@gmail.com.

⁴Voluntária do Projeto de Extensão. Curso de Turismo do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: edivaniacaciano18@gmail.com.

⁵Voluntária do Projeto de Extensão. Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: nocellisafreitasilva@gmail.com.

⁶Voluntário do Projeto de Extensão. Curso de Bacharelado Interdisciplinar de Artes e Design do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: lucasfurtadodsg27@gmail.com.

⁷Voluntário do Projeto de Extensão. Curso de Bacharelado Interdisciplinar de Artes e Design do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: luizphilipekta60@gmail.com.

⁸Voluntária do Projeto de Extensão. Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: raraneves25@gmail.com.

Rennan Israel Gouvea Santos⁹
Yasmin Ludigerio Moravia¹⁰

⁹ Voluntário do Projeto de Extensão. Curso de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: rennan.gouvea@ich.ufjf.br.

¹⁰ Voluntária do Projeto de Extensão. Curso de Bacharelado Interdisciplinar entre Artes e Design do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: yasminlud27@gmail.com.

Educação, memória e patrimônio: ações educativas e culturais durante a pandemia da COVID-19

1 INTRODUÇÃO

O projeto destina-se a elaborar ações educativas junto ao Museu Ferroviário de Juiz de Fora, com o intuito de conscientizar a população sobre a importância da proteção do patrimônio ferroviário. Essas ações visaram descortinar significados através do estímulo de diferentes sentidos, realçando histórias e características culturais locais, fortalecendo o sentimento de pertencimento dos moradores da cidade. Por meio da interpretação do acervo museológico, buscou-se ressaltar saberes e fazeres culturais associados à ferrovia, valorizando o patrimônio local e a experiência da população local.

Muito enfatizado nos veículos de comunicação, a preservação do patrimônio histórico e cultural está em evidência não somente pela importância do legado de várias gerações que se passaram intimamente atrelado ao acervo histórico e arquitetônico, mas também por conter fragmentos que definem a formação atual da população e o meio na qual está inserida.

No caso de Juiz de Fora, o patrimônio ferroviário está vinculado ao conjunto arquitetônico das antigas estações da Central do Brasil e da Estrada de Ferro Leopoldina. Classificado enquanto patrimônio material, os bens culturais ferroviários possuem uma abrangência muito maior do que sua arquitetura e conjunto de objetos, compreendendo os elementos imateriais e intangíveis. Sobre o patrimônio imaterial, pode-se dizer que

Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vida. Diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento dos bens listados nesse patrimônio. (Gonçalves, 2003, p. 24)

Nesse sentido, mesmo que o patrimônio protegido esteja dentro dos limites de competência (Barreto, 2000) dos órgãos públicos, a necessidade de preservação do patrimônio material e imaterial de Juiz de Fora deve ser projetada para incluir a população local. Visto que o patrimônio ferroviário é parte essencial do cotidiano e das experiências que fizeram e ainda fazem parte da cidade, o Museu Ferroviário desperta reflexões que vão além da memória, da história e da identidade local. Neste âmbito, questões acerca da educação, formação, conhecimentos e vivências sociais devem ser discutidas de maneira crítica e comprometida neste espaço cultural.

É neste contexto que as ações educativas devem ser inseridas, prezando pela aproximação, conscientização e sensibilização da comunidade local para o patrimônio ferroviário. Voltadas para a reflexão e a transformação da realidade, tais ações permitem o desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade (Caderno de Diretrizes Museológicas, 2006). Elas podem consistir em visitas orientadas, oficinas, cursos, mostras de filmes, contação de histórias, exposições e uma vasta gama de projetos voltados para a participação reflexiva (Falcão, 2009).

O Museu Ferroviário de Juiz de Fora, instalado na sede da antiga Estrada de Ferro Leopoldina, foi inaugurado em agosto de 2003, depois de um processo de revitalização e modernização da edificação, coordenado pela Prefeitura de Juiz de Fora em conjunto com a Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa) e pela Rede Ferroviária Federal S.A.

O Museu é administrado atualmente pela Prefeitura de Juiz de Fora, através do convênio 08/2005, celebrado entre a extinta RFFSA e a Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage. O prédio é utilizado em caráter exclusivamente cultural, educacional e turístico, e seu acervo e edificação são tombados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA), e pelo município de Juiz de Fora.

O acervo do Museu Ferroviário é disposto de forma didática em vitrines, painéis e ambientes cenográficos, é constituído por 400 peças, incluindo mobiliário, instrumentos de trabalho e de comunicação, livros técnicos, fotografias, equipamentos científicos, louças, miniaturas, e possui, na área externa, duas locomotivas a vapor originais. Este patrimônio cultural aborda as origens e a evolução da ferrovia, bem como seu impacto nos aspectos sociais e econômicos brasileiro a partir do século XIX. Vale ressaltar que as peças são dispostas em cinco salas temáticas, denominadas: *História da Ferrovia, Agência de Estação, Sinalização e Via Permanente, Escritórios Ferroviários e Material Rodante e Aspectos Tecnológicos*.

Além de um rico acervo histórico, o Museu Ferroviário oferece para a comunidade a *Estação Arte* – composta de dois espaços privilegiados, Anfiteatro e Sala de Multimeios – a fim de atender a demanda de grupos que necessitam de um local para produção artística, lazer e entretenimento cultural. Nessa *Estação Arte* acontecem oficinas de dança e yoga, o projeto Cinema na Estação e encontros culturais, que completam a programação do Museu Ferroviário. Já o anfiteatro dispõe de auditório com 75 lugares, palco com piso de tábua corrida, 10 refletores, dois camarins, sala de projeção com amplificador de som, videocassete, DVD e projetor.

2 AS AÇÕES EDUCATIVAS NO PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19

A Pandemia do COVID-19 alterou de forma significativa as formas de assimilação e acesso a bens culturais, nesse sentido, novas formas de atuação também precisaram ser repensadas e alteradas, com a intenção de permitir o acesso à cultura. A partir de pesquisas exploratórias sobre a história do museu, seu acervo museológico e arquitetônico, foram desenvolvidas ações educativas voltadas para a reflexão crítica da realidade social (Caderno de Diretrizes Museológicas, 2006). Dessa forma, as ações foram elaboradas a partir de conteúdos que versassem sobre a importância da ferrovia no desenvolvimento da cidade de Juiz de Fora e o reconhecimento do Museu Ferroviário enquanto referência essencial à memória afetiva das pessoas.

Nessa perspectiva, o Projeto de Extensão “Ações Educativas no Museu Ferroviário de Juiz de Fora”, juntamente com o Museu Ferroviário de Juiz de Fora, desenvolveu novas abordagens educativas utilizando como base as Mídias Sociais. Nesse sentido, foram realizados dois eventos virtuais, que até então aconteciam de forma presencial: “O Aniversário do Museu” e a “Primavera dos Museus” (Instituto Brasileiro de Museus).

Para o Aniversário de 17 anos do Museu Ferroviário, foram desenvolvidos uma Exposição Virtual, que teve como tema: “*Negros na Ferrovia: uma história quase nunca*”

contada”; a criação de um Tour Virtual Mediado Ao vivo, no qual era disponibilizado um Link para as pessoas acessarem uma Sala Virtual, e acompanhassem o Tour mediado pelos estudantes voluntários e bolsistas; o Gerenciamento de Redes Sociais Instagram e Facebook, com o acompanhamento de Engajamento de público, Criação de Filtros, Criação de Posts Temáticos e Informativos.

Para a 14ª Primavera dos Museus foram desenvolvidos um novo Tour Virtual Mediado Ao Vivo; a Criação e lançamento de um E-book, denominado “De Estação em Estação” com o Relato sobre a construção da Estrada de Ferro Leopoldina; o desenvolvimento e lançamento de um Podcast denominado “Ferroviários”, que foi disponibilizado na Plataforma Spotify; uma Live com o tema: “Museus e Quarentena”, com a participação de coordenadores de Museus Ferroviários de diversos estados brasileiros; e uma oficina de Contação de Histórias.

Figura 1 – Ações Educativas desenvolvidas durante a Pandemia do COVID-19 em 2020



Fonte: Acervo do Projeto, 2020.

É interessante ressaltar que foram identificados, ao longo desse processo, algumas limitações como, dificuldade de acesso tecnológico do público e da equipe, baixo engajamento das visitas guiadas/mediadas ao vivo, o que necessitou de reestruturação de abordagem; e, da criação de um conteúdo acessível a diversos públicos. Em contraponto observou-se a importância de um projeto de extensão interdisciplinar, com formações variadas entre os bolsistas, voluntários e coordenadores, conduzindo as ações de forma dialética, utilizando estrategicamente o conhecimento específico de cada integrante do Projeto de acordo com cada ação e cada aptidão.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações educativas desenvolvidas no Museu Ferroviário buscaram sensibilizar, através de iniciativas pedagógicas, as pessoas que residem no município de Juiz de Fora, sobre o interesse na preservação da memória ferroviária e do patrimônio material e

principalmente, imaterial a ele associado. Utilizou-se de diferentes recursos educacionais e metodológicos, buscando-se uma aproximação entre o juiz-forano e o seu patrimônio ferroviário.

Nesse sentido, as ações visaram estimular a participação popular através da informação e a efetiva apropriação deste patrimônio, democratizando a cultura e o conhecimento atrelados a este espaço museológico. Assim, tornou-se possível colocar em evidência as contribuições de todos os partícipes da história ferroviária de Juiz de Fora, para a manutenção da memória e dos bens culturais associados à ferrovia.

Ao basear as ações educativas na interação com a sociedade, almejou-se construir uma relação transformadora entre universidade e comunidade, fazendo com que o museu seja um espaço no qual as pessoas não somente se apropriem, mas também se sintam representadas. Ou seja, pretendeu-se dinamizar as atividades oferecidas pelo museu, incrementando e melhorando os serviços oferecidos para a população, sem que haja nenhum risco de prejuízo ou perda de elementos fundamentais que caracterizam este bem cultural.

O Museu Ferroviário de Juiz de Fora, enquanto Lugar de memória (NORA, 1993), é um excelente espaço para construir juntamente com a comunidade a compreensão do seu patrimônio que extrapola a dimensão construída, prezando pelos saberes e fazeres populares, ressaltando das histórias, os relatos, os hábitos e a maneira de ser parte da história ferroviária brasileira.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Margarita. *Turismo e Legado Cultural*. Campinas: Papyrus, 2000.

CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS 1. Brasília: *Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais*, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2ª Edição, 2006.

FALCÃO, Andréa. Museu Como Lugar De Memória. TV Escola. *Salto para o Futuro: Museu e escola: educação formal e não-formal*. Rio de Janeiro, v. 3, p.10-21, 15 maio 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mário. *Memória e Patrimônio, ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, n. 10, dez/1993.

O programa de extensão “Conservação da Memória” durante a pandemia: os desafios enfrentados

Anna Beatrice da Costa Dalcerro Raeder da Rocha¹

Luise Ramos Gomes de Araújo²

Marcos Olender³

¹Licenciada em História e graduanda em bacharelado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: beadalcerro@gmail.com.

²Graduanda em licenciatura em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: luise.araujo@gmail.com.

³Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor titular do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador da ação de extensão. E-mail: olender@terra.com.br.

O programa de extensão “Conservação da Memória” durante a pandemia: os desafios enfrentados

1 INTRODUÇÃO

Este relatório tem por objetivo apresentar o programa de extensão *Conservação da Memória*, da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, bem como os desafios encontrados pelo mesmo durante a conjuntura de pandemia de COVID-19, além das formas que foram escolhidas para superar e prosseguir com os trabalhos.

O programa é coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Olender e está diretamente ligado ao órgão suplementar da UFJF, o Centro de Conservação da Memória/CECOM, dirigido por ele.

Desse modo, o projeto consiste na elaboração e realização de ações de extensão do CECOM, como: gestão de arquivos sob guarda do CECOM, organização, sistematização, higienização, conservação, digitalização e disponibilização pública dos acervos; elaboração e realização de eventos ligados ao patrimônio cultural, tais como cursos, oficinas, seminários, entre outros; assistência a outros lugares de memória da UFJF, como museus, memoriais e arquivos pertencentes aos seus institutos e órgãos. Com essas ações, aproximando a comunidade acadêmica e diferentes grupos da região, preservando e divulgando/democratizando essas memórias sociais, além de auxiliar na formação cidadã.

Antes da pandemia o projeto estava atuando em três principais atividades: gestão do arquivo da Companhia Pantaleone Arcuri; o projeto de produção de uma Política de Gestão de Acervos da UFJF e a programação do *MemoriArte*, além de atividades extraordinárias, como a produção de materiais para divulgação da memória e educação patrimonial; e a organização e divulgação de eventos e cursos da área.

A gestão do arquivo da Companhia Pantaleone Arcuri estava em processo de higienização, organização e sistematização. O projeto de Política de Gestão de Acervos da UFJF funcionava com a ida a lugares de memória da UFJF, fazendo a catalogação desses locais e sistematização das informações para, efetivamente, realizar a criação dessa política de gestão, além de auxiliar esses locais em suas dificuldades. Dessa forma, a equipe do projeto pôde produzir uma relação com todos esses espaços, para que acontecesse uma melhor divulgação dos mesmos e assim ajudar, também, na democratização do acesso aos mesmos. Por sua vez, o projeto *MemoriArte* consiste na realização de uma série de eventos estruturados de forma a serem constituídos de uma palestra e logo após uma apresentação cultural, tendo sempre como tema algo relacionado à importância da relação entre cultura e memória na resistência social e política e na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Os eventos eram sempre abertos ao público geral da cidade, reunindo diversos grupos sociais no espaço do CECOM, que por ser localizado em uma área central tem a potencialidade de atrair muitas pessoas.

Segundo a Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 207, afirma que: “as universidades [...] obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Brasil, 1988). Acerca disso, a extensão universitária pode ser entendida como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade” (Silva, Sousa, Chaves, Sousa, Andrade & Filho, 2019, p. 2). Dessa forma,

sendo essencial pois aproxima as práticas acadêmicas da sociedade, construindo para o conhecimento por meio dessa troca, realizando o cumprimento da função social das Universidades.

Em 2020 o contexto de todas as Universidades brasileiras foram abalados com a pandemia de COVID-19, pela qual após o número crescente de casos em todo o país, tiveram as atividades presenciais suspensas, de acordo com as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de especialistas. Desse modo, apresentou-se um cenário repleto de novos desafios, surgindo a necessidade de utilizar formas alternativas para superação desse desafio inesperado com intuito de poder continuar a realizar as atividades de forma remota.

A Universidade Federal de Juiz de Fora suspendeu suas atividades em março, impactando o projeto. O CECOM não poderia mais receber em seu espaço os respectivos bolsistas nem suas funcionárias terceirizadas, muito menos o público externo. Consequentemente, foi inevitável ter que começar a procurar novas possibilidades, que nunca haviam sido exploradas pelo projeto. O mundo virtual tornou-se o novo campo a ser trabalhado de modo que não precisou haver uma ruptura com nossos objetivos. Portanto, novas formas de alcançá-los foram surgindo e os desafios superados. Dito isso, a intenção desse Relato de Experiência é apresentar os novos trabalhos desenvolvidos pelo programa *Conservação da Memória*, explicitando esses desafios, que surgiram durante essa adaptação e como tentamos superá-los.

2 METODOLOGIA

Com a deflagração da suspensão das atividades presenciais, o programa de extensão *Conservação da Memória*, que antes lidava com gestão de arquivos, em sua sede, realizando atividades de contato social, teve de se reinventar para pesquisar e divulgar seu programa de novas maneiras.

A palavra-chave de todas as atividades nesse contexto tornou-se *internet*. O CECOM começou a realizar subprojetos de forma *online*, em sua maioria de caráter informativo para o público geral e formativo para os membros do CECOM e/ ou para estudantes e demais interessados na área da preservação do patrimônio cultural.

Inicialmente, assim como a maioria dos projetos de pesquisa, extensão e até mesmo na vida cotidiana, sofremos o choque da paralisação das atividades presenciais. Para além do fato de estarmos habituados à dinâmica presencial, estávamos sem perspectiva de data para retorno. E assim, principiámos esse contexto de forma lenta e gradual, realizando reuniões virtuais para deliberar os possíveis caminhos, que poderíamos seguir nessa conjuntura.

O primeiro passo foi retomar as redes sociais do CECOM, como instrumento de divulgação de trabalhos e pesquisas já realizados. Assim, no dia 22 de abril divulgamos em nosso *Instagram* (@cecom.ufjf) uma programação semanal de publicações, as quais contam com diversos quadros com temas variados.

Com o aumento do engajamento nas redes sociais, começamos a realizar *lives* mensais e posteriormente em parceria com o Arquivo Central da UFJF e o com o LAPA tomamos a iniciativa de organizar minicursos e o Seminário Interno do LAPA, os quais objetivam a divulgação dos temas/conhecimentos da área para o público geral e acadêmicos.

Essas atividades foram possíveis a partir dos esforços dos bolsistas do projeto, das funcionárias do CECOM e do coordenador do projeto, além das parcerias, que foram feitas durante a situação pandêmica para superação das dificuldades, como as que já foram mencionadas (LAPA e Arquivo Central da UFJF), e outros como o Memorial da República Presidente Itamar Franco e com o ICOMOS Brasil.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Partiremos aqui para o relato da experiência vivida por bolsistas do programa de extensão *Conservação da Memória* no âmbito da pandemia do COVID-19, quais foram/estão sendo os principais desafios encontrados e quais alternativas o grupo tem encontrado para sanar as defasagens e desvios de rota causados pela atual conjuntura.

Nossas redes sociais foram pensadas como principal meio de divulgação de nossas atividades. A partir disso, foram produzidos diferentes quadros com a temática da memória para postar ao longo de toda semana. No quadro *Memórias do CECOM*, rememoramos algumas atividades já desenvolvidas pelo projeto de forma presencial: os *Patrimônios de Juiz de Fora*, em que divulgamos os patrimônios da cidade, contando a sua história. Nesse quadro, abrimos caixinhas de sugestão nos *stories*, para que o público indicasse patrimônios, sobre os quais gostariam de saber mais, aproximando o público ao conteúdo; o *Conhecendo o Acervo do CECOM*, em que divulgamos documentos dos nossos acervos DCE (em parceria com o projeto de extensão *Histórias da UFJF*) e *Pantaleone Arcuri*, contando também sua história; o *UFJF, lugar de memórias*, no qual alunos e funcionários da UFJF compartilham momentos que marcam suas vivências na Universidade. Por fim, o *Pensando o Patrimônio*, pelo qual se divulgam eventos na cidade, que tratavam da temática de patrimônio e memória da cidade.

Em nossas redes sociais também passamos a constantemente procurar e divulgar eventos virtuais que estivessem tratando da temática memória e patrimônio, fomentando assim a democratização dessas discussões por outros caminhos.

Com o aumento do engajamento nas redes sociais, começamos a realizar *lives* mensais pelo *Youtube* denominadas *Conversê do CECOM: Pensando o patrimônio cultural*, em que abordamos assuntos diversos sobre patrimônios históricos e culturais, com convidados pesquisadores dos temas, a fim de descentralizar e democratizar o acesso às pesquisas, que estão sendo realizadas sobre os respectivos assuntos.

Executamos também alguns minicursos, em parceria com o Arquivo Central da UFJF e outros de forma independente, em que abordamos sobre *Educação para o Patrimônio* e *Conservação de Acervos Arquivísticos*. Além disso, organizamos, com o LAPA, um grupo de estudos com os membros do CECOM e posteriormente um seminário interno do LAPA, pelo qual os participantes do Laboratório apresentaram, mediante *lives*, na plataforma *Youtube*, as pesquisas que foram sendo desenvolvidas naquele momento.

Acreditamos que nesse e em outros momentos, as redes sociais tornam-se um grande aliado para divulgação científica e não só, mas também para alfabetização científica da sociedade em contato com o projeto. Demonstrando o *saber fazer* e como nossa pesquisa se constitui (divulgando o acervo, ministrando minicursos gratuitos), acabamos por influenciar pessoas que, em muitos casos, terão acesso pela primeira vez ao fazer científico ou reconhecê-lo como tal. Nesse sentido,

A alfabetização científica tem o potencial de auxiliar no processo de compreensão do universo e dos fenômenos da natureza (CHASSOT, 2003). O domínio do conhecimento científico propicia aos estudantes a capacidade de estabelecer conexões entre os conceitos aprendidos com a atualidade (...). O conhecimento desses temas permite ao ser humano explorar e explicar mecanismos de evolução, reprodução e organização da vida, além de desenvolver o pensamento para uma participação consciente no mundo. (Rodrigues *et al.*, 2020, p. 360)

Dessa forma, apostamos que, para além das salas de aula ou da sede do CECOM, mas não as excluindo, podemos e devemos utilizar as redes sociais como mecanismo de aproximar o indivíduo do conhecimento científico e, mais especificamente, para a preservação do seu patrimônio cultural. Sendo assim, para além do isolamento social acreditamos que esse momento continuou possibilitando, ainda que com alguns entraves, a divulgação científica principalmente da dimensão histórica e da memória da cidade e do território. Tal mecanismo, portanto, continuará sendo utilizado após o retorno das atividades presenciais, considerando que acreditamos no poder da divulgação científica através das mídias. De acordo com Martha Marandino,

No âmbito da divulgação científica, encontramos expressões como popularização da ciência, comunicação pública da ciência e vulgarização da ciência. Em seu conjunto, esses termos são hoje comuns – tanto na literatura especializada quanto nos meios de comunicação de massa – para designar as práticas de socialização do conhecimento científico com vistas a promover o acesso a ele. Cada uma delas tem múltiplos significados e interpretações sendo, contudo, presente em todas elas a afirmação da necessidade do domínio, pelos cidadãos, dos conceitos e processos científicos e das relações entre a ciência e a sociedade. (Marandino, 2014, p. 275)

Sendo assim, continuamos tendo como um de nossos pilares o estreitamento da distância entre a sociedade e o fazer científico, contribuindo na capacidade de sistematização e estruturação do indivíduo em relação às informações e na produção do conhecimento. Entendemos que o acesso às redes ainda é uma grande dificuldade para muitos brasileiros e, por isso, a divulgação científica deve ser feita nos mais variados âmbitos.

Durante esse período, um dos maiores desafios fora aprender a utilizar as plataformas digitais com os recursos pessoais, nesse sentido, alguns bolsistas fizeram pela primeira vez a transmissão de *lives*, a edição de vídeos e fotos, algumas bolsistas em conjunto com as funcionárias do CECOM reformularam o design das redes sociais do Centro de Conservação da Memória, outros fizeram a elaboração de banners de divulgação dos eventos. Tivemos de nos (re)inventar em meio ao desconhecido.

No contexto atual também nos deparamos com a impossibilidade de continuar a nossa higienização, organização e catalogação de nossos acervos tanto o do *Pantaleone Arcuri* quanto o novo acervo, que acaba de chegar como nova responsabilidade do CECOM, o acervo de Dormevilly Nóbrega, pois são atividades que precisam ser feitas em nossa sede. Nossas atividades de Políticas de Museus e o

MemoriArte também estão sendo suspensas, nesse momento, pois são atividades que necessariamente envolviam contato social e ida a espaços físicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, as atividades do programa de extensão *Conservação da Memória* precisaram ser profundamente reformuladas, enquanto nossa sede não pôde ser utilizada. Ocupamos novos espaços, nos apropriamos do ambiente virtual, para divulgação e contato com as pessoas. Enquanto alguns projetos precisaram ficar esperando a volta da atividade presencial, pensamos e produzimos mídias que serão mantidas após o momento emergencial. Nossas redes sociais tiveram um crescimento ótimo nesse momento, dando-nos a sensação de estar conseguindo abranger mais pessoas com as divulgações. Isso ocorrendo, haveria a possibilidade das mídias fazerem com que essas novas pessoas conhecessem nossas atividades e futuramente pudessem fazer parte das mesmas, presencialmente. Por esse motivo, nosso maior objetivo é pesquisar e exteriorizar as ações do CECOM, de modo a continuar a realizar nossa função social como projeto de extensão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Artigo 207. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Centro Gráfico, 1988.

CHASSOT, Attico. I. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, n. 22, p. 89-100, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a09.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2021.

MARANDINO, Martha. Ciência, tecnologia e educação: promovendo a alfabetização científica de jovens cidadãos. *In: Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Orgs.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 269-309.

SAPORETTI, Carolina Martins. *A trajetória da Arquivologia e dos Centros de Documentação e Memória no Brasil: um estudo de campo do Centro de Conservação da Memória da Universidade Federal de Juiz de Fora*. Monografia (TCC em Arquivologia) – Pós-graduação em Arquivologia, Faculdade Venda Nova do Imigrante, Venda Nova do Imigrante, 2020.

SILVA, Ana Lúcia de Brito e; SOUSA, Silvelene Carneiro de; CHAVES, Ana Carolina Feitosa; SOUSA, Shirley Gabriele da Costas; ANDRADE, Tercio Macedo de; FILHO, Disraeli Reis da Rocha. A importância da Extensão Universitária na formação profissional: Projeto Canudos. *Rev enferm UFPE [online]*. 2019, v. 13, e242189 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.242189>.

RODRIGUES, A. F. et al. (Re) pensar o uso da tecnologia na extensão universitária: a continuidade através da conexão. In: MICHELON, Francisca Ferreira. et al. (Org.). Conexões para um tempo suspenso: extensão universitária na pandemia. Pelotas: Editora da UFPel, 2020. p. 358-371.

“Paisagem Urbana Histórica”: colaboração para a regulamentação de planos setoriais de patrimônio em Juiz de Fora

Ana Aparecida Barbosa Pereira¹

Kelly Lara de Almeida²

Hugo Santos da Cruz Fraga³

Luciane Tasca⁴

Paulo Gawryszewski⁵

Cleyton Luiz da Silva Rosa⁶

Daniele Ferreira de Rezende⁷

¹Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Professora adjunta do Departamento de Projeto História e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora do Projeto de Extensão. E-mail: arqanabarbosa@gmail.com.

²Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da Ação de extensão. E-mail: kelly.lara@arquitetura.ufjf.br.

³Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntário da Ação de extensão. E-mail: hugo.cruz@arquitetura.ufjf.br.

⁴Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Vice-coordenadora do Projeto de Extensão. E-mail: luciane.tasca@arquitetura.ufjf.br.

⁵Arquiteto e Urbanista. Colaborador externo. E-mail: paulo.gavri@gmail.com.

⁶Mestrando em Ambiente Construído. Colaborador externo. E-mail: cleyton.rosa@arquitetura.ufjf.br.

⁷Arquiteta e Urbanista. Colaboradora externa. E-mail: daniele.ferreira@arquitetura.ufjf.br.

“Paisagem Urbana Histórica”: colaboração para a regulamentação de planos setoriais de patrimônio em Juiz de Fora

1 INTRODUÇÃO

O presente relato tem por intuito registrar as experiências, vinculadas ao Projeto de Extensão denominado *Paisagem Urbana Histórica: Colaboração para a regulamentação de Planos Setoriais de Patrimônio em Juiz de Fora*, compreendendo as atividades realizadas e as metodologias aplicadas ao longo do ano de 2020.

Tendo em vista o processo de aprovação do Plano Diretor Participativo de Juiz de Fora, o projeto de extensão consiste na elaboração de ações de conteúdo técnico analítico para contribuir no processo de regulamentação dos Planos Setoriais da Cultura, envolvendo as Áreas de Diretrizes Especiais (ADE) – Cultura. Além disso, objetiva contribuir também para ações de articulação dos sistemas de gestão cultural e ordenação territorial do município, buscando a valorização da memória, da identidade, do sentimento de pertencimento e da preservação do patrimônio histórico e cultural. Ademais, tem por finalidade elaborar material técnico, como forma de atualização do campo e produção de caderno/cartilha, contendo as informações importantes para o conhecimento de todos, promovendo uma interação com a sociedade.

Em razão das medidas de contenção da COVID-19, as atividades do projeto de extensão foram realizadas remotamente, exigindo uma adaptação à proposta metodológica original. Dessa maneira, este relato objetiva abordar essa problemática, estando estruturado em quatro partes: em primeiro lugar, uma contextualização sobre o projeto de extensão e a problemática, que o envolve; a seguir, é apresentada a metodologia adotada; e logo após, o desenvolvimento e a discussão. Por último, as considerações finais, com as principais pontuações sobre o processo.

2 METODOLOGIA

Considerando o objetivo principal deste relato, nesta seção serão apresentadas as etapas metodológicas realizadas. Este projeto de extensão insere-se no Grupo de Pesquisa Laboratório da Paisagem (LAPASA), vinculado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O projeto, iniciado em 01 de março de 2020, conta com a participação de dois alunos da graduação, sob a tutoria de um docente, além de quatro colaboradores externos.

O plano de trabalho original dividia-se em quatro trimestres e estabelecia as etapas metodológicas, sendo essas: Primeiro trimestre (análise de documentos legais e normativos; estudos de cartografia e iconografia histórica; identificação das áreas livres públicas e privadas como elemento de paisagem a ser preservado; síntese para o universo infantil); Segundo semestre (estudos de cartografia e iconografia histórica; cartografia da formação histórica da região; identificação das áreas livres públicas e privadas como elemento de paisagem a ser preservado; identificação das transformações tipo-morfológicas); Terceiro trimestre (registro das características e atributos do conjunto e da paisagem; mapeamento de fluxos e comunicação da ADE Cultura; organização dos valores idenitários da ADE reconhecidos; síntese para o

universo infantil); Quarto trimestre (organização e execução de um seminário; organização e publicação do material resultante do Projeto de Extensão; organização e ilustração para a publicação do caderno infantil).

Essas etapas foram definidas para cumprir o objetivo inicial deste projeto de extensão, que consistia em assessorar a equipe da Divisão de Patrimônio – FUNALFA, da Prefeitura de Juiz de Fora, em ações de planejamento metodológico, de pesquisa documental e de elaboração de conteúdo da regulamentação dos Planos Setoriais da Cultura, conforme o Plano Diretor Participativo, envolvendo as ADEs Cultura. Para isso, seriam realizadas reuniões e levantamentos presenciais, além da sistematização das informações obtidas em cada etapa, visando a publicação futura de um caderno para o universo infantil e ações interativas entre as pessoas. Em razão das medidas de contenção da COVID-19, o isolamento social e a suspensão das atividades presenciais na universidade, fez-se necessário uma adaptação à proposta metodológica idealizada.

Em relação à metodologia aplicada, em um primeiro momento, a pesquisa deu-se pela leitura e discussão do *Estatuto da Cidade* (Lei nº 10.257), *Plano Diretor Estratégico de São Paulo* (Lei nº 16.050) e do *Plano Diretor Participativo de Juiz de Fora* (Lei Complementar nº 082), de forma a contextualizar a temática do patrimônio, planejamento e gestão urbana. Em seguida, o grupo debateu acerca da definição das áreas para a realização das pesquisas, selecionando os bairros Poço Rico e Mariano Procópio. Decidiu-se por esses, já que se localizam nas proximidades da porção central, área estudada pelo Grupo de Estudos do Patrimônio e demonstrada na cartilha *Planejamento Territorial e Patrimônio Cultural: Estudo sobre Áreas de Diretrizes Especiais – Cultura*, publicada no ano de 2018, também objeto de leitura.

Após essa definição, iniciou-se uma etapa de diagnóstico, buscando uma revisão bibliográfica, sendo pesquisados artigos científicos, manuais, notícias jornalísticas e legislações específicas acerca desses bairros. Destaca-se que essa revisão deu-se a partir dos meios digitais. Como resultado, obteve-se o entendimento sobre macrozoneamento de cada região, histórico de formação, cartografias, mapeamento dos bens tombados ou de interesse cultural, principais usos, fluxos, topografia, acessibilidade, problemáticas e potencialidades. Todos os membros realizaram essas pesquisas e se reuniram, através de uma plataforma digital, para apresentação e discussão dos resultados.

Posteriormente à pesquisa de cada área, os graduandos realizaram estudos envolvendo Morfologia Urbana, a partir de uma revisão bibliográfica e de um aprofundamento conceitual, os quais consistiram na leitura do livro *Fundamentos de morfologia urbana* (Netto; Costa, 2015). Com uma base já mais bem estruturada dos conceitos a serem trabalhados passou-se à leitura de artigos, que tratavam dos conceitos da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, como o texto *Bases conceituais da escola inglesa de morfologia urbana* (Netto; Costa, 2014), sendo entendida como adequada para atuação nas áreas definidas. Após isso, selecionou-se o bairro Mariano Procópio para a aplicação desses conceitos, buscando compreender as origens e evolução do tecido urbano da área, processo ainda em andamento. É importante ressaltar a importância do estudo das bases conceituais de forma sistemática, para que sua reinterpretação seja adequada ao território e à realidade local.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

A realidade imposta pela pandemia da COVID-19 exigiu que a sociedade mudasse seu modo de ser e agir. No âmbito acadêmico, fez-se necessário readequar e adaptar os planos de ensino, além de inserir novas ferramentas. Dessa forma, as instituições passaram a utilizar plataformas digitais para desenvolvimento e oferta das disciplinas, desempenhando seu importante papel de contribuir para a sociedade, por meio da concepção de projetos e pesquisas de extensão. De acordo com o Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX, 2012), extensão universitária é definida sob o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, a qual promove a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade. Na conjuntura atual, Moreira e Schlemmer (2020) apontam que novas formatações foram exigidas, para que esse objetivo pudesse ser atingido.

Nesse sentido, o projeto de extensão *Paisagem Urbana Histórica: Colaboração para a regulamentação de Planos Setoriais de Patrimônio em Juiz de Fora*, em virtude do contexto, realizou suas atividades por meio das tecnologias digitais, adaptando a proposta metodológica. Conforme descrito anteriormente, o objetivo inicial era o assessoramento à equipe da Divisão de Patrimônio, elaboração de caderno infantil e organização de um seminário. Devido à impossibilidade da presença física nos espaços geográficos, o plano de trabalho foi alterado e o processo teve como foco a produção do diagnóstico e o aprofundamento teórico, especialmente nos estudos acerca da Morfologia Urbana. Conforme Michael P. Cozen, a Morfologia Urbana é o “estudo da forma edificada das cidades, cujo estudo busca explicar o traçado e a composição espacial de estruturas urbanas e espaços abertos, de caráter material e significado simbólico, à luz das forças, que as criaram, expandiram, diversificaram e as transformaram” (Cozen, 2012, *apud* Pereira, 2015). A importância da análise de Morfologia Urbana está em compreender a lógica da formação e a evolução dos elementos urbanos, as suas inter-relações, a identificação de formas mais apropriadas, cultural e socialmente e o entendimento da identidade e das permanências, de forma a guiar a intervenção na cidade e garantir a adequada preservação. As bases conceituais deste instrumento têm sido abordadas de forma diferenciada entre as chamadas Escolas de Morfologia Urbana, sendo as principais a inglesa e a italiana. A Escola Inglesa, criada por M.R.G. Cozen, no início do século XX, foi escolhida para a análise do bairro Mariano Procópio. Segundo essa abordagem, as paisagens urbanas são formadas pela acumulação de camadas históricas, as quais demonstram o desenvolvimento histórico de uma cidade ou região. Essa configuração, demarca uma historicidade, entendida como “um atributo da paisagem capaz de refletir materialmente as permanências de vários períodos, ou seja, a acumulação das formas ao longo do tempo.” (Laboratório da Paisagem, 2013, *apud* Pereira, 2015).

Os desafios encontrados para a realização desses estudos referem-se à necessidade de caminhar e vivenciar o espaço da cidade para as análises urbanas, a indisponibilidade de fontes iconográficas e cartográficas digitalizadas, a dificuldade de utilizar alguns softwares imprescindíveis para a sistematização do conteúdo e a impossibilidade de se reunir com a sociedade para partilha do processo de estudo. Isso

posto, no contexto atual, deve-se pensar alternativas, que permitam a uso das tecnologias digitais por parte da sociedade e garantir sua interação com a universidade.

A partir da fundamentação teórica realizada e das análises apreendidas, tem-se como meta a produção de materiais técnicos para a futura retomada da proposta inicial, além da publicação de uma cartilha e artigos, evidenciando as reflexões, as quais abordam a vinculação Patrimônio Cultural e Planejamento Territorial, de forma a demonstrar para a sociedade a importância de valorizar a memória, a identidade, o despertar do sentimento de pertencimento e a preservação do patrimônio histórico e cultural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato buscou-se registrar as experiências vinculadas ao projeto de extensão *Paisagem Urbana Histórica: Colaboração para a regulamentação de Planos Setoriais de Patrimônio em Juiz de Fora*, compreendendo as atividades realizadas e as metodologias aplicadas ao longo do ano de 2020. Em razão das medidas de contenção da COVID-19, o isolamento social e a suspensão das atividades presenciais na universidade, fez-se necessário uma adaptação à proposta metodológica idealizada, de forma a sanar os desafios impostos por esse contexto e repensar novas formas do fazer extensionista.

O uso das plataformas digitais possibilitou o aprofundamento teórico e a produção de materiais, os quais poderão auxiliar na construção de diagnósticos para os planos setoriais, legislações específicas e na elaboração de conhecimento, como forma de contribuição para o campo de ensino e a sociedade.

Uma vez que os desafios em tempos de COVID-19 ainda são amplos, para que a extensão universitária possa ser de fato implementada, deve “[...] caracterizar-se como uma função acadêmica, que compõem o pensar e o fazer universitário, constituindo-se parte integrante do currículo em uma perspectiva de interdisciplinaridade e indissociabilidade entre ensino e pesquisa” (Jezine, 2004, p. 2).

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001*. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10257.htm. Acesso em: 30 mar. 2020.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Disponível em: <<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

GAWRYSZEWSKI, Paulo *et al.* (Org.) *Planejamento Territorial e Patrimônio Cultural: Estudo sobre Áreas de Diretrizes Especiais* – Cultura. Disponível em: https://issuu.com/grupogtprofile/docs/cartilha_gt_-_e-book_02. Acesso em: 30 mar. 2020.

GIMMLER NETTO, M. M.; COSTA, S. de A. P.; LIMA, T. B. *Bases conceituais da escola inglesa de morfologia urbana*. Paisagem e Ambiente, [S. l.], n. 33, p. 29-48, 2014. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i33p29-48. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/90309>>. Acesso em: 10 set. 2020.

JEZINE, Edineide. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2, 2004. *Anais*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

JUIZ DE FORA. *Lei Complementar nº 082, de 03 de julho de 2018*. Dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Urbano e Territorial, o Sistema Municipal de Planejamento do Território e a revisão do PDP/JF de Juiz de Fora conforme o disposto na Constituição Federal e no Estatuto da Cidade e dá outras providências. Juiz de Fora: Câmara Municipal, 2018. Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/desenvolvimentodoterritorio/plano_diretor/pdp_lc82.18_00.pdf. Acesso em: 30 mar. 2020.

MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital [online]. *Revista UFC*, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PEREIRA COSTA, Staël de Alvarenga; GIMMLER NETTO, Maria Manoela. *Fundamentos de Morfologia Urbana*. ed. 1. Belo Horizonte: C/Arte, 2017.

SÃO PAULO. *Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014*. Aprova a Política de Desenvolvimento Urbano e o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo e revoga a Lei nº 13.430/2002. São Paulo: Câmara Municipal, 2014. Disponível em: https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/PDE-Suplemento-DOC/PDE_SUPLEMENTO-DOC.pdf. Acesso em: 30 mar. 2020.

Reflexões sobre histórias e trajetórias do projeto “Ecos na Cidade”

Carlos de Faria Júnior¹

Gabriel Araújo Souza²

Lara Bruce Alves³

Lucas Andrade Silva⁴

Patrick Salviano de Oliveira⁵

Pietra Grisotto Vieira⁶

Rafael Afonso de Souza⁷

¹Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenador do Projeto “Ecos na Cidade”, professor do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: carlosfariajunior@ufjf.br.

²Bolsista do Projeto “Ecos na Cidade”, aluno do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: gabri1elgv1920@gmail.com.

³Voluntária do Projeto “Ecos na Cidade”, aluna do curso de Administração da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: lara.bruce@hotmail.com.

⁴Ex-voluntário do Projeto “Ecos na Cidade”, aluno do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: lucsilva81@gmail.com.

⁵Voluntário do Projeto “Ecos na Cidade”, aluno do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: patricksalviano13@hotmail.com.

⁶Voluntária do Projeto “Ecos na Cidade”, aluna do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: pietragrisotto@hotmail.com.

⁷Bolsista do Projeto “Ecos na Cidade”, aluno do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: rafaeleconomia@outlook.com.

Reflexões sobre histórias e trajetórias do projeto “Ecos na Cidade”

1 INTRODUÇÃO

O presente relato foi desenvolvido pela equipe do Projeto *Ecos na Cidade*, com o objetivo de mostrar a percepção das nossas atividades pelos próprios participantes.

O Projeto tem por base a realização de debates baseados em filmes ou documentários em escolas e outras instituições – como Centros Culturais, Organizações etc., e objetiva incentivar a participação das pessoas nas discussões, as quais se desenvolvem em temas de relevância para a sociedade.

Durante a pandemia, nossas atividades se desenvolveram de forma remota, mas tivemos dificuldades em encontrar espaços – as quais ocorrem primeiro nas escolas, pois chegamos a marcar duas atividades que não foram realizadas porque os alunos sequer compareciam às aulas de suas instituições, e ainda tem a atividade com os moradores do Bairro Turmalina, que foi impedida no início da pandemia e que pretendemos realizar através de Live, como temos feito em algumas escolas.

Quem realiza os debates em nosso Projeto são os alunos, que mesmo durante a pandemia tem demonstrado grande capacidade. A experiência adquirida no Projeto *Ecos no Cinema* tem sido um laboratório de debatedores. Os alunos têm demonstrado isso no Projeto Ecos na Cidade, dialogando de forma ímpar com alunos de diversas faixas etárias – do ensino básico à Educação de Jovens e Adultos.

Pretendemos apresentar aqui um pouco dessa caminhada.

2 METODOLOGIA

Pretendemos explorar a experiência de cada membro da equipe com o Projeto, bem como de pessoas que acompanham nossas atividades.

O Projeto *Ecos na Cidade* é uma necessidade, que surgiu para atender a demanda dos que não podiam comparecer aos eventos do Ecos no Cinema. Paralelamente, não tínhamos espaço nos auditórios do GV Shopping ou do Centro Cultural Nelson Mandela para receber turmas inteiras, pois esta era a proposta. Então, criamos o *Ecos na Cidade*, que leva o debate às escolas e às Organizações que se interessarem por nossos eventos.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

3.1 Gabriel Araújo

A partir de minha experiência como voluntário e posteriormente como bolsista no projeto *Ecos na Cidade*, pude presenciar o projeto em funcionamento atendendo presencialmente escolas e, desta forma, possibilitando o contato dos alunos do projeto com diferentes perspectivas de vida, devido ao público diverso. Contudo, no contexto da então Síndemia, que aprofundou as desigualdades sociais e criou diversos problemas para o ensino no mundo – e sobretudo no Brasil, onde a realidade do ensino público ou privado já não se faz verdadeiramente eficaz e transformadora, o Projeto *Ecos na Cidade*

sentiu juntamente com àqueles que perderam a oportunidade da educação devido ao afastamento social.

Dados esses problemas, a equipe do projeto investiu esforços para que os desassistidos socialmente no atual contexto, obtivessem voz por meio dos debates realizados 100% *online*, onde foi possível, apesar das imensas dificuldades, escutar a realidade de pessoas dentro e fora do município de Governador Valadares. Atingindo outras regiões do estado de Minas Gerais, pudemos expandir as fronteiras do projeto e viabilizar a divulgação do nosso trabalho, cumprindo o papel da Extensão Universitária.

As atividades realizadas pelos bolsistas e voluntários se fazem, desde a divulgação direta com a comunidade pelas redes sociais ao relato dos debates realizados. A preparação da pauta dos eventos é promovida diretamente pelos alunos do projeto juntamente com professores ou líderes de associações. Assim, com base nas minhas experiências, pude ver que, no projeto é oportunizado ao aluno, o contato direto com a comunidade, vendo o que ela pensa e quais seus anseios. O projeto “Ecos na cidade” traz aos alunos a vivência da extensão universitária, de forma que bolsistas e voluntários desenvolvam um olhar concreto da realidade além das páginas de livros acadêmicos, e permitam às pessoas destes espaços expor suas opiniões e anseios, refletir sobre a realidade. Essa foi a experiência que pude obter e ver nos meus colegas que também desenvolvem atividades no projeto.

3.2 Lara Bruce

Os eventos do projeto cumprem a sua proposta em discutir a relação entre economia e sociedade na História abordando uma diversidade de temas que repercute na vida de todos e que nos fazem refletir através dos filmes e debates.

Os eventos *online* continuam com a mesma qualidade e nos trouxe a possibilidade de trazer professores e debatedores de fora da universidade, o que foi ótimo pois tem contribuído para enriquecer ainda mais os debates pela pluralidade de ideias.

Minha experiência no projeto tem sido positiva. Nas primeiras reuniões me senti bem-vinda e me sinto à vontade para procurar os alunos bolsistas para conversar e ser avaliada pelo trabalho que faço. Espero aprender mais para que eu possa contribuir no projeto da melhor forma possível.

3.3 Lucas Andrade

Sou Lucas Andrade Silva e fui participante do projeto *Ecos na Cidade* durante aproximadamente dois anos. Nesse espaço de tempo, participei de vários debates com alunos do ensino médio, sendo um dos mais memoráveis o primeiro do projeto realizado no Colégio Clovis Salgado, localizado no centro de Governador Valadares. O clima descontraído, característico dos eventos que o projeto desenvolvia, possibilitou um ambiente confortável para os alunos sem fugir da seriedade do tema. Contando com a qualidade da equipe de debatedores, gerou um dos melhores debates que já participei, durando cerca de duas horas e trinta minutos, com constante participação dos alunos e dos professores presentes. Ao fim do evento, pudemos notar uma grande satisfação por parte de todos. O projeto em questão me possibilitou um crescimento pessoal: a

habilidade de me comunicar em público, além da amizade dos participantes do projeto, que se mostram presentes até o dia de hoje.

3.4 Patrick Salviano

O *Ecoss na Cidade* é um projeto de extrema importância, atrelado de forma intrínseca ao projeto “Ecoss no Cinema”. Contudo o projeto apresenta uma diferença característica: a de ser realizada pelos alunos voluntários e bolsistas do projeto. O mesmo também trabalha a partir de filmes e funcionava presencialmente nas escolas do município de Governador Valadares – MG. Os debates eram de suma importância para a interação de discentes que compartilham do ensino médio e do ensino superior.

O projeto busca levar conhecimento e um debate pertinente para as escolas, o que funcionava de maneira exemplar. Contudo, com o contexto pandêmico, o projeto não tem realizado suas atividades presencialmente. Mas, o que parecia de início uma dificuldade acabou se tornando uma oportunidade. O *Ecoss na Cidade* passou a realizar suas atividades *online* e pode compartilhar experiências com escolas dentro e fora da região de Governador Valadares, o que possibilitou uma interação entre visões de mundo diferentes, pela participação dos alunos e professores da rede pública.

3.5 Pietra Vieira

O projeto *Ecoss na Cidade* foi criado na intenção de proporcionar reflexão às pessoas, acerca de temas relacionados com seu cotidiano e com a sociedade brasileira. Percebo uma grande mobilidade neste projeto: os voluntários e bolsistas se deslocam até as escolas, na intenção de levar temas educacionais para as mesmas, respeitando a restrição de idade ao exibir os filmes e ao debater os assuntos. No projeto, os debatedores são os voluntários e bolsistas, o que também permite um grande aprendizado por parte desses (que em sua maioria são estudantes da UFJF).

Ainda faltam assuntos relacionados à educação financeira, política e saúde em muitas escolas, portanto o projeto se faz ainda mais necessário, principalmente levando em conta a flexibilidade de ideias e opiniões que surgem com frequência.

3.6 Rafael Souza

Participo ativamente do projeto *Ecoss na Cidade* desde sua criação, um dos eventos que mais me marcaram foi quando debatemos o filme “O homem que viu o infinito” (2015) dirigido por Matt Brown, na escola estadual Frei Angélico de Campora, com a turma do EJA (Educação de Adultos).

O público alvo eram pessoas de 28 a 72 anos de idade, que não tiveram a oportunidade de terminar seus estudos quando jovens (na maioria dos casos foi pela necessidade de ajudar em casa desde cedo, então não tinham outra escolha a não ser trabalhar), mas que tinham uma vontade imensa de aprender. Nesse dia tive contato com aposentados, ex-presidiários, donas de casa, trabalhadores urbanos e rurais, além dos professores e o diretor da escola que também estavam presentes. Fizemos uma dinâmica onde trazíamos partes do filme relacionadas ao preconceito, superação, e o pessoal contava um pouco mais sobre suas vidas, infelizmente todos ali já sofreram preconceito de alguma forma, alguns pela cor da sua pele, outros por trabalharem na

roça, mas a que mais me marcou foi a do ex-presidiário, e todos ali estavam buscando se superar, enfrentando suas dificuldades para conseguir estudar.

Conhecer cada uma dessas histórias foi algo enriquecedor pra mim. O Rafael que iniciou no projeto em 2019 hoje já não é mais o mesmo e acredito que em cada escola que passamos durante todo esse tempo também transformamos essas pessoas, e levamos cada vez mais um pouco da UFJF para outros cantos da cidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica claro que existe uma relação bem próxima entre os membros da equipe, e também destes com o Projeto. Este parece ter um papel relevante na vida de cada um como um todo, não apenas no aspecto acadêmico. Os alunos desenvolveram a proposta do eixo escolhido para este relato e o fizeram como tal. Dentro das características do *Ecos na Cidade*, é interessante observar que os alunos se emocionam e se envolvem com relatos e falas do público nos debates. É um clima muito especial, uma emoção única. Tive oportunidade de acompanhar os orientandos em várias atividades e vi isso de perto, como vejo nas Lives. Numa delas, disseram que eu era músico – e realmente sou – e pediram para que eu cantasse uma canção, já no fim da Live. Fazer o quê! Então cantei uma canção no encerramento de uma Live, porque sabia que isso traria felicidade às pessoas, e trouxe, porque elas estavam muito à vontade com o debate que já tinha terminado. Isto é o *Ecos na Cidade*.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000.

_____. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

COSTA, F. N. *Economia no cinema: experiência com interdisciplinaridade*. Texto para Discussão, n. 222, Instituto de Economia, Unicamp, ago. 2013.

EINSENSTEIN, Sergei. *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

FRIEDRICH, Otto. *A cidade das redes: Hollywood nos anos 40*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

RAMOS, Fernão (Org.). *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art Editora, 1987.

XAVIER, Ismail. *O cinema brasileiro moderno*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

UFJF–GV na Rota Cultural: saberes e interdisciplinaridade¹

Jennifer Silva Soares²

Samara Gonçalves Vieira³

Thainara de Souza Silva⁴

Ana Maria dos Santos Moreira⁵

Schirley Maria Policário⁶

Devani Tomaz Domingues⁷

¹Projeto de Extensão.

²Voluntária. Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF–GV). E-mail: jeni00.ssoares@gmail.com.

³Voluntária. Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF–GV). E-mail: samaravieira201x@gmail.com.

⁴Bolsista. Graduanda em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF–GV). E-mail: ana-sgp@hotmail.com.

⁵Colaboradora técnica. Departamento de Farmácia da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF–GV). E-mail: ana.santos@ufjf.br.

⁶Vice coordenadora. Departamento de Ciências Contábeis da pela Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF–GV). E-mail: schirley.policario@ufjf.br.

⁷Coordenadora. Coordenação Acadêmica/Setor de Extensão pela Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF–GV). E-mail: devani.tomaz@ufjf.br.

UFJF-GV na Rota Cultural: saberes e interdisciplinaridade

1 INTRODUÇÃO

Esse ensaio fundamenta-se na problemática do fazer extensionista durante a pandemia provocada pela COVID-19. O objetivo é apontar os desafios trazidos pelo contexto pandêmico e as soluções adotadas pelo projeto, visando, assim, a manutenção das atividades durante o período de isolamento social. Dessa forma, busca-se relatar e refletir sobre a experiência adquirida durante o ano de 2020, considerando as adaptações, que se fizeram necessárias para realizar as atividades de maneira remota. Nesse contexto, o maior desafio foi criar espaços para o diálogo entre a universidade e a comunidade externa, tendo como fundamental o princípio dialógico, para se promover o conhecimento e a interdisciplinaridade.

De acordo com Paulo Freire (1983), a extensão deve ser compreendida como uma forma de comunicação, uma vez que não se trata da pura transferência de saberes, mas de um encontro entre sujeitos. O fazer extensionista, desse modo, ocorre a partir do diálogo, em que todos são agentes de mudança dentro de uma educação libertadora.

A partir disso, é essencial confirmar a importância deste trabalho, dado seu caráter multidisciplinar baseado no diálogo, na cultura e na troca de conhecimento. Princípios, esses, que estão em conformidade com os ensinamentos de Paulo Freire. Ademais, torna-se possível abordar os conceitos de Pierre Bourdieu (2007a, 2007b), segundo os quais as competências culturais são de extrema importância para a posição social do sujeito. Isso se deve à incorporação de características distintivas e valiosas que enriquecem àqueles que as possuem: o repertório sociocultural. Para o pensador, as instituições escolares são de extrema importância tanto para o processo de socialização do indivíduo junto à família quanto para assegurar o capital cultural. Elas podem se tornar excludentes por imporem práticas culturais, que se espelham naquelas pré-existentes dentro da sociedade, legitimando desigualdades sociais. Isso ocorre porque o capital cultural não representa apenas o acesso à educação, mas também se relaciona a valores, ideias e conhecimentos possuídos e adquiridos, abrangendo a posse de bens culturais e a frequência em ambientes de produção e disseminação cultural.

Para Kawasaki (1997), no Brasil -que é considerado como uma economia periférica – o valor econômico do conhecimento torna-se mais um produtor de desigualdades. Tal fato deve-se à dificuldade de acesso. Desse modo, cabe à universidade formar profissionais com competência para lidarem com desafios, sendo capazes de utilizarem-se do pensamento crítico, identificando e combatendo as fragilidades de um sistema de exclusão social. Com base nisso, e sabendo que uma das principais características da extensão é viabilizar o relacionamento entre a universidade e grupos sociais (Paivas, 2003), o *Rota Cultural: Saberes e Interdisciplinaridades* visa consolidar um espaço de produção e manifestação cultural, levando as pessoas a manifestação crítica e artística da realidade.

2 METODOLOGIA

A estratégia metodológica centrou-se em discutir dados e vivências do projeto de extensão durante o ano de 2020, período em que as práticas extensionistas ocorreram de forma remota. Vale mencionar, nesse sentido, que foram feitos convites

à comunidade acadêmica externa, para que colaborassem com vídeos, demonstrando seus talentos. Além disso, os integrantes do projeto produziram material audiovisual com interpretações e leituras do livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus; planejaram realizar mensalmente o Momento de Conversa, realizaram o quadro “Vi, Gostei e Recomendo” e o “Li, Gostei e Recomendo”, todos disponibilizados no *instagram* e *facebook*.

Bolsistas, voluntários e coordenadores do projeto trabalharam juntos durante essa trajetória, coletando informações sobre história, cultura e abrindo espaço nas redes sociais, com a finalidade de dar aos talentos regionais mais visibilidade. É importante mencionar, nesse cenário, que foram enviados (por meio de convites da equipe do projeto) 20 vídeos sobre inúmeros temas, variando entre canto, crochê, *cheerleading*, dança circular, grafite, dentre outros. As mídias audiovisuais foram ferramentas essenciais nessa jornada.

Outrossim, as reuniões semanais do projeto *UFJF-GV na Rota Cultural: Saberes e Interdisciplinaridade* aconteciam às quintas-feiras e serviam para planejar o que seria feito durante os próximos dias. Nesse ínterim, foi possível discutir as maneiras alternativas de se ter conexão com a comunidade externa mesmo no período de pandemia: a busca por uma rede social inclusiva era um dos maiores focos. Dessa maneira, no fim do ano de 2020, foi criado o quadro “Momento de Conversa”. Nele, duas lideranças da região do Vale do Rio Doce debateram sobre um tema histórico-cultural, que desperta interesse na comunidade discente e externa.

Outro método utilizado para comunicação foi o quadro “Vi, Gostei, Recomendo” e “Li, Gostei, Recomendo”. Por lá, eram feitos posts no *Instagram* com o intuito de recomendar livros, filmes e documentários de impacto social, abordando os mais variados temas. Com isso, seria possível fomentar nos seguidores o interesse por diversos assuntos do período contemporâneo e de outros tempos históricos. Por fim, toda a equipe serviu-se de poesia, um “dedo de prosa”, música e bons livros para adentrar os caminhos da “rota cultura”, buscando dialogar com a comunidade e dar palco à troca de conhecimentos e à interdisciplinaridade.

3 DESENVOLVIMENTO

No início do período letivo de 2020, todos foram surpreendidos com a notícia de que as aulas seriam suspensas. O motivo disso foi o surgimento do novo Coronavírus, que tem como característica uma rápida disseminação, feita sobretudo com o contato entre pessoas. Partindo desse acontecimento, foi preciso realizar o isolamento social e buscar novos meios de prosseguir os trabalhos da extensão. Por isso, o projeto *UFJF-GV na Rota Cultural* buscou inovar na maneira de interagir com o público-alvo: a solução foi dar continuidade às atividades de forma *online*.

Voluntários, bolsistas e colaboradores do projeto convidaram pessoas da comunidade acadêmica e externa para gravarem vídeos, expondo seus talentos, para que sejam mostrados na página do *Instagram*. Essa foi a maneira encontrada de manter as manifestações culturais em vigor mesmo com o distanciamento social. Entretanto, é importante mencionar que não foi possível garantir a mesma acessibilidade das atividades presenciais, devido ao grande número de pessoas, as quais não têm acesso a uma *internet* de boa qualidade. Esse foi um dos grandes desafios do projeto de extensão durante os trabalhos remotos.

O projeto também interpretou o livro “Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada”, de Carolina Maria de Jesus. Todos os participantes gravaram vídeos lendo, atuando e ilustrando partes da obra. Sabe-se que esse diário aborda um assunto social muito importante e, por meio da leitura, foi possível trazê-lo à comunidade de forma lúdica e desconstruir preconceitos arcaicos, que, muitas das vezes, permanecem velados no senso comum.

Por isso, a equipe estudou formas de alcançar um público ainda maior e criou o evento “Momento de Conversa”, que buscou evidenciar a cultura enquanto um direito de todos. Para participar desse evento, o ouvinte precisaria apenas de um celular ou computador com acesso à internet, o link pelo qual o evento seria transmitido foi compartilhado com todos. Não era necessário estar habituado às redes sociais. Ao final do evento, os ouvintes puderam enviar perguntas sobre o tema e esclarecer possíveis dúvidas com os convidados. Vale afirmar ainda, que mais pessoas (com acesso à *internet*) foram alcançadas e instigadas a conhecer ainda mais sobre história e cultura.

Durante essa situação adversa, foi necessário aprender mais sobre inclusão. Sabe-se que o dever do extensionista é conectar-se com seu público-alvo de forma a transmitir e receber saberes. Logo, esse cenário pandêmico incentivou os integrantes a valerem-se da criatividade e força de vontade para encontrar maneiras de não cessar nem privar o público de tal conexão. Bolsistas e voluntários da extensão, bem como as coordenadoras, aprenderam muito acerca de acesso às redes e como as tornar mais acessíveis, por isso, foram incluídas legendas nos vídeos postados no *Instagram*, possibilitando às pessoas com deficiência auditiva acesso à interação universidade-comunidade, proposta pelo projeto.

Para o próximo ano, 2021, espera-se que todo esse conhecimento sobre as mídias digitais seja conservado e aprimorado, fazendo com que os quadros no *Instagram* e o “Momento de Conversa”, no *Youtube*, sigam ainda mais ativos. Alguns temas já foram discutidos e serão os próximos assuntos do “Momento de Conversa”, “Vi, Gostei, Recomendo” e “Li, Gostei, Recomendo”. Não falta motivação para realizá-los. Além disso, foi disponibilizado um formulário para aqueles que desejarem contribuir com o projeto. Assim, mais talentos poderão ser contemplados e a conexão entre o projeto e a comunidade permanecerá vívida.

Figura 1 – Feed do Rota Cultural no *Instagram*



Fonte: Acervo do projeto.

Figura 2 – Print do Momento de Conversa



Fonte: Acervo do projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades ministradas por meio virtual foram muito bem exercidas pela equipe em geral. As redes sociais, não só se tornaram aliadas, mas essenciais ao contato com a comunidade estudantil e externa. Situação de extrema importância ao caráter extensionista universitário. Assim, foi cumprido o objetivo de alcançar a comunidade

pelo projeto, dentro do possível. Com a busca de novos caminhos e espaços alternativos para dar continuidade a ações propostas pelo *Rota Cultural* antes da pandemia, tecnologias acessíveis à comunidade foram implementadas, objetivando suprir o máximo possível a desigualdade e promover o debate de temas relacionados às produções e manifestações culturais e à busca pelo conhecimento. Apesar disso, diante de adversidades e de restrição do plano presencial, consequentes do isolamento social, o público-alvo não foi tão amplamente contemplado quanto seria no âmbito presencial.

Outra discussão relevante ao tema é a da necessidade do enfoque cultural em tempos de pandemia, levando em consideração seu impacto na saúde mental da população em geral. Diante do isolamento, foi notável o aumento de distúrbios psíquicos tais como: ansiedade, depressão e medo. Em face dessa situação desagradável, é inegável a importância do papel da cultura como meio de refúgio, trazendo um ambiente de conforto e alegria, inerentes ao “fazer arte”. O campo cultural teve de se renovar com foco nos meios digitais, mas agora sem restrição espacial. Filmes, livros e serviços de *streaming* se tornaram ainda mais presentes no cotidiano e muitos dos artistas, que ainda não utilizavam o ambiente virtual, tiveram que se adaptar. O projeto *UFJF-GV na Rota Cultural: Saberes e Interdisciplinaridades* valeu-se de posts nas redes sociais, de forma a expor talentos locais e realizar as atividades, aqui já mencionadas.

Percebe-se que muitos foram os desafios enfrentados em frente ao cenário pandêmico, adaptação e aprendizado foram palavras-chave no atual contexto. Além disso, práticas referentes à tecnologia, como aprender a editar fotos e vídeos foram necessárias para aumentar o engajamento nas redes sociais. A contribuição para a formação acadêmica dos bolsistas e voluntários foi de extrema importância, não só em relação à preparação profissional como também para a construção de indivíduos mais críticos, que têm por objetivo a busca incessante pelo conhecimento. Eis a riqueza maior da universidade. Aparentados da experiência adquirida pelos bolsistas, voluntários, coordenadoras e colaboradores do projeto, o tempo gasto em processos técnicos de aprendizado será significativamente reduzido, abrindo caminho para novas perspectivas e metas a serem traçadas por toda equipe, com intuito de efetivar ainda mais ações e atividades em prol da cultura e incitar a busca por conhecimento em uma atmosfera de troca de saberes e compartilhamento de ideias.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Zouk, 2007b.

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* ed. 8. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1969]1983.

PAIVA, J.L., MARCELLINO, N.C. Possibilidades para a extensão universitária a partir de uma política de lazer, nas faculdades de educação física. *R. bras. Ci e Mov*, 2004, v. 12, n. 1, p. 85-90.

KAWASAKI, C.S. Universidades públicas e sociedade: uma parceria necessária. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 23, n. 1-2. São Paulo, jan./dez, 1997.

Ação de apoio à orientação ao Auxílio Emergencial¹

Marina Monteiro de Castro e Castro²

Alexandra A. L. T. Seabra Eiras³

Ana Carolina Caetano⁴

Ana Cláudia Leiroz Nacarat⁵

Ana Cristina Peixoto Guimarães⁶

Ana Maria Ferreira⁷

Cláudia Mônica dos Santos⁸

Danielle Sachetto Ribeiro⁹

Fernanda Condé Teixeira¹⁰

Flávia Limpi Fortes¹¹

¹Ação de orientação à população referente ao Auxílio Assistencial Emergencial/UFJF. Projeto de Extensão.

²Coordenadora do projeto e professora da Faculdade de Serviço Social.
marinamcastro@gmail.com.

³Voluntária no projeto e professora da Faculdade de Serviço Social.
alexandra.eiras@ufjf.edu.br.

⁴Voluntária no projeto e residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Hospitalar – HU/UFJF. acarolinacaetano@gmail.com.

⁵Voluntária no projeto e residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto do HU/UFJF. anaclaudianacarat@gmail.com.

⁶Voluntária no projeto e residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Hospitalar – HU/UFJF. anguimas@gmail.com.

⁷Voluntária no projeto e professora da Faculdade de Serviço Social.
anaferreira01@yahoo.com.br.

⁸Professora aposentada da Faculdade de Serviço Social. cmonicasantos@gmail.com.

⁹Voluntária no projeto e assistente social da Faculdade de Serviço Social.
danisachetto@yahoo.com.br.

¹⁰Voluntária no projeto e residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Hospitalar – HU/UFJF. fernandaconde97@gmail.com.

¹¹Voluntária no projeto e residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Hospitalar – HU/UFJF. flalimpi@gmail.com.

Janaína Gonçalves de Oliveira¹²

Joseane Barbosa Lima¹³

Lívia Terra¹⁴

Mayra Barbosa Guedes¹⁵

Nicole Cristina Oliveira Silva¹⁶

Sabrina Pereira Paiva¹⁷

¹²Voluntária no projeto e professora da Faculdade de Engenharia. janinhaoli@gmail.com.

¹³Voluntária no projeto e professora da Faculdade de Serviço Social. jo.asocial@hotmail.com.

¹⁴Voluntária no projeto. Sindicato dos Bancários. assessoria.imprensa@bancariosjf.com.br.

¹⁵Voluntária no projeto e professora da Faculdade de Letras. mayra.guedes@letras.ufff.br.

¹⁶Voluntária no projeto e professora da Faculdade de Serviço Social.
nicolecoliveirasilva@gmail.com.

¹⁷Voluntária no projeto e professora da Faculdade Serviço Social. sabrinappaiva@gmail.com.

Ação de apoio a orientação ao Auxílio Emergencial

1 INTRODUÇÃO

Desde janeiro de 2020 (podemos até afirmar dezembro de 2019) o mundo presencia, estarecido, a proliferação de um novo vírus, de grande amplitude de contaminação. Esse vírus rompeu fronteiras, fazendo com que a OMS declarasse situação de pandemia mundial, no dia 30 de janeiro de 2020, em decorrência da contaminação humana pelo denominado novo coronavírus e a doença decorrente: COVID-19 (OMS/OPAS, 2020). As medidas de distanciamento social para mitigação do vírus atingem diretamente todas as dimensões de reprodução da vida social: setores econômico, político e social, agravando as expressões da questão social, em seus determinantes de classe, raça e gênero (Harvey, 2020). No primeiro trimestre de 2020, o Brasil já apresentava 12,9 milhões de desempregados e 4,7 milhões de pessoas consideradas desalentadas, ou seja, que se enquadram no grupo que já desistiu de procurar emprego (IBGE, 2020).

Para diminuir os efeitos da crise econômica instalada, agudizando as expressões da questão social, tais como: fechamento dos postos de trabalho, demissão de trabalhadores, redução de cargas horárias de trabalho e salários e a impossibilidade dos trabalhadores informais executarem suas atividades (Campos, 2020), o Governo federal lançou em março de 2020 o programa: AUXÍLIO EMERGENCIAL. A estrutura para cadastro e requisição do auxílio foi organizada toda no formato *online*. Assim, o processo, desde o cadastro das pessoas interessadas até a resposta e transferência do dinheiro a quem de direito, seria realizado através do aplicativo vinculado à Caixa Econômica Federal.

Entretanto, o que vimos foi uma desorganização no acesso ao auxílio e, conseqüentemente, aumento das filas frente à Caixa Econômica Federal em todo o país, com pessoas em busca de informação devido às dificuldades de acesso por erro do sistema ou por não terem acesso a computadores e internet; por obter respostas negativas, apesar de cumprirem os requisitos necessários; ou ainda dificuldades de recebimento do pagamento do auxílio.

Nessa direção, a Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, propôs a criação de um projeto para auxiliar no processo de acesso ao auxílio e divulgação e socialização de informações. Entendendo que as Universidades têm um compromisso social com a sociedade, expressa pela unidade entre ensino, pesquisa e extensão. A ação de apoio à orientação do auxílio emergencial constituiu-se, assim, em uma parceria entre as pró-reitorias de extensão, de infraestrutura, de imagem institucional, dos assistentes sociais e residentes da FSS; dos professores de Letras, de Administração de Ciências Contábeis e de Engenharia. Além da importante contribuição, do sindicato dos bancários. Contamos ainda com o fornecimento de Equipamento de Proteção Individual (EPI) da Faculdade de Farmácia.

A Ação de extensão atuou com o seguinte objetivo geral: contribuir com a defesa da vida e com a garantia de direitos sociais e de políticas de proteção social à população. Os seus objetivos específicos foram assim definidos: ampliar o acesso à informação referente ao auxílio emergencial; orientar a população de Juiz de Fora acerca do auxílio emergencial; ofertar acesso a internet para acesso ao auxílio emergencial; contribuir com a população no manuseio dos aplicativos do benefício.

No desenvolvimento do projeto, buscamos contribuir para que a população não rompesse com o distanciamento social, colocando em risco a sua saúde.

2 METODOLOGIA

Nos meses de maio a julho de 2020, a ação de orientação ao auxílio emergencial foi desenvolvida através dos atendimentos presencial e remoto (telefone e e-mail); sendo organizada da seguinte forma: atendimento presencial: atendimento às pessoas, que não possuem acesso à internet ou que por algum outro motivo, não conseguiram realizar o cadastro; atendimento remoto: destinado a pessoas, as quais conseguiram realizar o cadastro, mas não obtiveram retorno do sistema ou que tiveram retorno, mas não satisfatório ou inconcluso.

Para o desenvolvimento da proposta foram criadas três equipes de trabalho: 1. Equipe de plantão para o atendimento remoto e presencial; 2. Equipe de suporte às equipes de trabalho remoto: para agilidade de procedimentos, como regularização de documentação; levantamento de informações e contato com Instituições; 3. Equipe de elaboração de material informativo com as principais dúvidas da população e orientações gerais para o atendimento.

A equipe organizou suas atividades por meio de uma escala, evitando aglomeração de pessoas e atenta às normas sanitárias da Instituição, garantindo a qualidade do atendimento. O local das atividades foi a Faculdade de Serviço Social, em suas secretarias e infocentros.

É importante destacar que a equipe de apoio remoto colaborou com o monitoramento das Redes Sociais da Caixa e das informações acerca do auxílio emergencial, levantando informações, que auxiliaram no suporte à equipe de atendimento presencial. Contou-se com a importante assessoria do sindicato dos bancários para esses procedimentos.

Para registro de atividades, utilizou-se ficha de atendimento, ficha de agendamento de atendimento, além de um relatório diário de atividades e, também, registro fotográfico da equipe.

Todo esse processo passou por avaliação, realizada semanalmente com a equipe de atendimento presencial, com o intuito de ajustar a ação e verificar as demandas apresentadas e a capacidade de atendimento. Foram realizadas ainda reuniões mensais ou quinzenais envolvendo toda a equipe. A realização de avaliação permanente possibilitou que a equipe de atendimento trabalhasse de forma articulada, inclusive com a da limpeza, a qual contribuiu para a garantia das condições sanitárias e distanciamento necessário ao atendimento e a de segurança da Universidade, que garantiu a organização do fluxo de atendimento, além de orientar a população, a qual buscou atendimento no *campus*.

Além disso, foi realizada uma importante articulação com a assessoria de comunicação da UFJF para divulgação da ação, nas redes institucionais da Universidade, nas redes de rádio e TV local e nas mídias diversas. Para além de terem organizado toda a parte de sinalização da ação no local de atendimento. Credita-se a esse trabalho a abrangência tomada pelo projeto.

Outra estratégia de divulgação essencial ocorreu junto às Instituições da rede sócio-assistencial, a assistentes sociais supervisoras de estágio da Faculdade de Serviço Social, a assistentes sociais da Universidade, a equipamentos do entorno da

Universidade: UBS, CRAS etc. Para subsidiar as orientações, realizou-se a distribuição do material informativo para Instituições estratégicas: Serviço Social do Hospital Universitário, Unidades Básicas de Saúde, Centro de Atenção Psicossocial. Também realizou-se divulgação por meio digital.

A ação de extensão tinha a proposta inicial de ser realizada por um mês e estendeu-se, devido à efetividade das atividades. A equipe, em suas avaliações, indicou a proposta de continuidade das atividades, tendo em vista a permanência de demanda por atendimento, de situações, que demandem seguimento e, também, aumento de orientação para a assistência jurídica gratuita, via Defensoria pública, tendo em vista essa ser a única forma de contestação dos benefícios negados para grande parcela da população.

A partir de agosto, a partir do encerramento das inscrições no auxílio, passou-se a desenvolver as atividades somente através do e-mail e acompanhamento de da situação de 34 usuários, que possuíam dificuldades de acesso à internet e, portanto, não conseguiam visualizar um retorno de sua situação.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

A equipe da Ação de extensão da UFJF de apoio a orientação ao auxílio emergencial realizou, até o momento, mais de 880 atendimentos da população, atingindo mais de 100 bairros da cidade, além de cinco distritos. Tendo destaque a zona norte, a zona leste e os bairros mais pobres da zona central e sul da cidade.

Quadro 1 – Números de atendimentos

Mês	Número
Maio	414
Junho	256
Julho	157
Agosto	62
Total	889

Fonte: Relatório final projeto de extensão “Orientação auxílio emergencial-PROEX/FSS/UFJF”.

No que tange ao tipo de atendimento realizado, viu-se que o maior número de atendimentos foi realizado de forma remota, o que contribuiu para o acesso à informação, garantindo o distanciamento social.

Quadro 2 – Tipos de atendimentos realizados

ATENDIMENTOS/TIPO	Mai	Junho	Julho	Agosto	Total
Telefônico	345	162	64	-	571
Presencial	48	86	76	-	210
E-mail	21	8	17	28	74
Acompanhamento Dataprev – <i>online</i>	-	-	-	34	34

Fonte: Relatório final projeto de extensão “Orientação auxílio emergencial-PROEX/FSS/UFJF”

As maiores demandas são concernentes aos usuários/usuárias, que se enquadram nos critérios do auxílio, mas tiveram esse negado; dúvidas quanto a demora de novos resultados das análises, colocando a população em dificuldades de prover sua sobrevivência; além da busca por pessoas, as quais não têm acesso a internet e/ou a um telefone celular – o que inviabiliza o cadastro no auxílio e o acompanhamento de sua situação após o cadastro.

Em relação à abrangência do projeto, verificou-se que se conseguiu atender a população de 104 bairros da cidade, 6 distritos e 28 municípios de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. No que concerne à expressão regional, viu-se que o projeto atingiu, especialmente, as cidades da zona da mata mineira e dos municípios do Rio de Janeiro, que fazem divisa com o município de Juiz de Fora.

No próprio município, o projeto abrangeu as regiões mais empobrecidas da cidade, tendo especial relevância os bairros do entorno da Universidade (Zona Oeste e Central). O público alvo inicial foi delineado pensando na população de Juiz de Fora e região, a qual busca acesso ao benefício emergencial, disponibilizado pela Caixa Econômica. Porém, no desenvolvimento do projeto atingiu-se diversas cidades do estado de Minas Gerais, além de Rio de Janeiro e São Paulo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliou-se que o projeto foi importante veículo de socialização de informações acerca do auxílio e também de acesso à internet pela população e que a meta inicial de possibilitar o acesso ao auxílio foi cumprida, uma vez que se conseguiu atender importante grupo de pessoas, as quais não tinha condições de acessá-lo por falta de informação ou acesso a internet.

Essa realidade mostra a necessidade de efetivação pelo Estado de uma política de proteção social estruturada, muito além do auxílio emergencial, que, embora fundamental nesse momento, atende uma necessidade imediata e de forma limitada, uma vez que não atinge todas as categorias de trabalhadores desprotegidos socialmente (Castro, 2020).

De uma forma geral, a avaliação é positiva, no sentido de efetivação do acesso a informação, da interlocução com as Instituições da cidade e também de afirmação do compromisso social da Universidade e de sua contribuição para as ações estratégicas essenciais nesse contexto de avanço da epidemia no município.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, D. S. O Cadastro Único na pandemia do coronavírus: panorama da (des)proteção social. *In: MOREIRA, E. et al. (orgs.). Em tempos de pandemia: propostas para a defesa da vida e de direitos sociais.* ESS/UFRJ. 2020, p. 68-74. Disponível em: <http://ess.ufrj.br/images/Noticias/Divulgacao/EmTemposdePandemia/EM-TEMPOS-DE-PANDEMIA.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.

CASTRO, M. M. C. *Mais de cem mil juiz-foranos recebem auxílio emergencial.* Entrevista. Juiz de Fora: Tribuna de Minas, 2020. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/economia/21-06-2020/mais-de-cem-mil-juiz-foranos-recebem-auxilio-emergencial.html>. Acesso em: 03 nov. 2020.

HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. *In: DAVIS, Mike et al. Coronavírus e a luta de classes.* Terra sem Amos: Brasil, 2020, p. 13-32. Disponível em: <https://terrasemamos.files.wordpress.com/2020/03/coronavc3adrus-e-a-luta-de-classes-tsa.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

IBGE. *PNAD COVID-19.* Brasília: IBGE, 2020. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid>. Acesso em: 03 nov. 2020.

OMS/OPAS. *Folha informativa COVID-19. Escritório da OPAS e da OMS no Brasil.* Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 03 nov. 2020.

Campanha Transolidariedade: Ação de Extensão de prevenção e enfrentamento à COVID-19

Brune Coelho Brandão¹
Dandara Felícia Silva Oliveira²
Maria José Figueira Pereira³
Marco José de Oliveira Duarte⁴

¹Doutoranda em Psicologia. Voluntária de pós-graduação na ação de extensão.
brunecbrandao@yahoo.com.br.

²Mestranda em Serviço Social. Voluntária de pós-graduação na ação de extensão.
dandaradoxum@gmail.com.

³Psicóloga. Colaboradora/Parceira vinculada ao Centro de Referência de Direitos Humanos de Juiz de Fora e Território Mata (CRDH-JF). mjfigueira19@gmail.com.

⁴Docente da Faculdade de Serviço Social. Coordenador da ação de extensão.
marco.duarte@ufjf.br.

Campanha Transolidariedade: Ação de Extensão de prevenção e enfrentamento à COVID-19

1 INTRODUÇÃO

Trata-se de um relato de experiência, que contempla uma das ações de extensão de prevenção e enfrentamento à COVID-19, vinculada ao Programa de Extensão *Centro de Referência de Promoção da Cidadania de LGBTQI+* (CeR-LGBTQI+) e ao Projeto de Extensão *DIVERSE: Observatório da Diversidade Sexual e de Gênero: Políticas, Direitos e Saúde LGBT*, ambos da Faculdade de Serviço Social da UFJF. A Campanha Transolidariedade, em parceria com o Centro de Referência de Direitos Humanos de Juiz de Fora e Território Mata (CRDH-JF) e o Grupo Força Trans, desenvolvido desde março de 2020 até o presente momento, promove essas ações.

Assim, de forma colaborativa, desenvolvemos uma ação coletiva no cenário de combate à COVID-19, na cidade de Juiz de Fora, voltado para o público beneficiário da referida ação extensionista, a população LGBTQI+, mas, em particular, as mulheres transexuais e travestis em situação de vulnerabilidade social, trabalhadoras na e da rua, em prostituição (Duarte, 2020a).

Isso se justifica porque com o aumento do número de casos da COVID-19 confirmados e o avanço da pandemia, entendíamos que era o momento de ampliarmos as ações coletivas com foco na rede de solidariedade informal (OAI, 2020), para que pudéssemos nos aproximar cada vez mais às pessoas que se encontram com múltiplas vulnerabilidades sociais (VOTE LGBTQI+, 2020).

Dessa forma, portanto, no bojo dessa parceria entre universidade e sociedade civil (Duarte, 2020b), emerge a Campanha Transolidariedade, que tem por objetivo geral o apoio e suporte social às trabalhadoras de sexo (travestis e mulheres transexuais) no município de Juiz de Fora/MG, que, em decorrência do atual cenário pandêmico em decorrência do Novo Coronavírus (COVID-19) não podiam mais trabalhar nas ruas, lugar, onde se localiza o mundo do trabalho das conhecidas “meninas” (Oliveira; Duarte, 2020), no sentido de evitar o contágio, tendo em vista a letalidade do vírus, prejudicando-as em todos os sentidos, mas, particularmente, nas suas formas de sobrevivência econômica, social e mesmo sanitária.

2 METODOLOGIA

A Campanha Transolidariedade, como uma ação vinculada ao CeR-LGBTQI+ e ao DIVERSE, no âmbito da UFJF, em parceria com o CRDH e o Grupo Força Trans, emerge no contexto do enfrentamento à pandemia, sendo desenvolvido nesses 10 (dez) meses. Desde o seu início, toda a proposta e programação originaram-se a partir das demandas das meninas, tendo como gênese o contato com representantes da equipe do CeR-LGBTQI+, que também são pessoas travestis e transexuais, intituladas nessa rede de “manas”.

No sentido de melhor compreensão sobre o trajeto dessa realização, a primeira frente da Campanha foi em relação à “arrecadação financeira virtual”. Para isso, montamos uma vaquinha *online*, apoiando essas trabalhadoras do sexo, bem como custear a compra de itens essenciais, nesse período. Qualquer quantia recebida foi de

extrema importância, nesses meses, em que sustentamos essa ação. Para isso, divulgamos o link da campanha nas redes sociais, em particular, no instagram do CeR-LGBTQI+, salientando que mesmo ultrapassando a nossa cota mensal, avaliamos dar continuidade dessa frente até dezembro.

Para ampliar nossa rede de arrecadação presencial concomitante à campanha de arrecadação virtual, estabelecemos a arrecadação de donativos, que teve dois movimentos. Um que se referenciava na sede do CRDH com a divulgação dos dias e horários de seu funcionamento de forma emergencial e outro que se dirigia aos locais e instituições previamente acordados para recolher os bens e mercadorias doados, como no caso da doação da PROEX.

Nesse contexto, de forma conjunta, fizemos o cadastramento dessas mulheres transexuais e travestis trabalhadoras do sexo, para que pudessem receber os benefícios arrolados. Criamos um grupo no *whatsapp*, pautando-se nas orientações sociais sobre os benefícios socioassistenciais governamentais do governo federal, como o cadastro único (Cad-Único), programa de segurança alimentar (PSA), programa bolsa família (PBF), benefício de prestação continuada (BPC) da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) e o Programa de Auxílio Emergencial ao Cidadão, no contexto da pandemia. Salienta-se que como todos os benefícios sociais existem critérios de elegibilidade, o da renda emergencial não seria diferente. Contudo, essas trabalhadoras consideradas como informais ou autônomas ou mesmo desempregadas, com renda familiar per capita inferior a 1/2 salário-mínimo, tinham direito, portanto apostamos nessas outras formas de elegibilidade.

Nossa primeira impressão, com o desenrolar de todo esse processo, foi o impedimento do adoecimento dessas trabalhadoras, na medida em que elas precisavam se proteger também do novo coronavírus. Portanto, com vários esforços individuais e coletivos, produzimos uma rede ampla de solidariedade informal, construímos, assim, uma outra frente, também de forma parceira e coletiva, a de recepção e distribuição de cestas básicas e máscaras de pano para essas mulheres transexuais e travestis trabalhadoras do sexo em situação de vulnerabilidade social na cidade juiz-forana.

As distribuições ocorreram nos territórios micropolíticos de trabalho sexual das mulheres trans e travestis, em dias e horários previamente combinados com elas. Nesses momentos, preenchemos uma ficha de cadastramento com o intuito de conhecer as suas realidades socioeconômica, familiar e de trabalho. De março até dezembro de 2020 foram realizadas entregas bimestrais de cestas básicas, três entregas de contribuição financeira do fundo de arrecadação coletivo *online* e duas entregas de kits de higiene e limpeza. Além disso, em dezembro, realizamos a ação de Natal com entrega na residência de cada uma das beneficiárias, momento singular de conhecimento do território de moradia para além da rua.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

No processo de construção e execução da Campanha TranSolidariedade, a equipe pode, em um primeiro momento, aproximar-se das demandas de mulheres trans e travestis, trabalhadoras sexuais, em interseção com as dimensões de classe, raça e geração.

Ressalta-se que as ações configuraram-se, em termos de territorialidade, próximas à casa de uma das mulheres consideradas como “mais velhas”, residente em

uma região central, cujo ponto de encontro era em frente à casa dessa mulher mais velha, denominada Margarida. Quando alguma menina não conseguia comparecer à entrega, solicitava para deixar guardada sua cesta ou kit higiene e limpeza na casa dessa referência local. O quadro abaixo demonstra de forma sintética alguns marcadores importantes do grupo beneficiário da ação desenvolvida.

Quadro 1 – Perfil das Beneficiárias da Ação

NOME	FUNÇÃO	IDADE	ESCOLARIDADE
Anitta	Profissional do Sexo	42	Ensino Médio Completo
Rayane	Profissional do Sexo	56	Ensino Fundamental Incompleto
Valesca	Profissional do Sexo	23	Ensino Fundamental Incompleto
Rafaela	Profissional do Sexo	20	Ensino Fundamental Incompleto
Rafaela D.	Profissional do Sexo	39	Ensino Fundamental Incompleto
Isadora	Profissional do Sexo	42	Ensino Médio Completo
Dhayane	Profissional do Sexo	32	Ensino Médio Completo
Nicole	Profissional do Sexo	não informado	Ensino Superior Completo
Barbara	Profissional do Sexo	31	Ensino Fundamental Incompleto
Danny	Profissional do Sexo	41	Ensino Fundamental Incompleto
Vitória	Profissional do Sexo	35	Ensino Fundamental Incompleto

Luana	Profissional do Sexo	50	Ensino Fundamental Incompleto
Felícia	Profissional do Sexo	43	Ensino Fundamental Incompleto
Jeane	Profissional do Sexo	44	Ensino Fundamental Incompleto
Stepanny	Profissional do Sexo	21	Ensino Fundamental Incompleto
Dayse	Profissional do Sexo	27	Ensino Fundamental Incompleto
Samantha	Profissional do Sexo	não informado	Ensino Fundamental Incompleto
Thais	Profissional do Sexo	28	Ensino Médio Completo
Mariana	Profissional do Sexo	19	não informado
Camila	Profissional do Sexo	31	Ensino Médio Incompleto
Paula	Profissional do Sexo	57	Ensino Fundamental Incompleto
Paloma	Profissional do Sexo	não informado	não informado
Rubi	Profissional do Sexo	35	Ensino Fundamental Incompleto
Patty	Profissional do Sexo	29	Ensino Fundamental Incompleto
Leticia	Profissional do Sexo	41	Ensino Médio Completo

Camilly	Profissional do Sexo	20	Ensino Fundamental Incompleto
---------	----------------------	----	-------------------------------

FONTE: CeR-LGBTQI+ e CRDH

De modo geral, podemos destacar as ações desenvolvidas, nos seguintes tópicos:

Ação 1 – Cesta básica: fornecida pelo CRDH, além da PROEX;

Ação 2 – Kit higiene e limpeza: participaram junto ao CeR-LGBTI+ nessa arrecadação, o CRDH, o Fórum 8M e a PROEX. A ideia era que o kit fosse o mais completo possível a partir dos itens que elas elegeram como essenciais para esse momento.

Ação 3 – Construção do grupo de *whatsapp*: com a finalidade de socialização das informações referentes às distribuições, fortalecimento de vínculos grupais, fortalecimento da equipe, bem como a apresentação/provocação de discussões pertinentes ao grupo. Como resultado, percebe-se a postagem de textos pelas meninas para auto apoiarem-se, por meio, inclusive, da religiosidade e de falas no sentido de construção de identidade coletiva (trans/travesti). Além disso, por estar em período das eleições municipais, discutiu-se como as escolhas políticas do voto impactariam a comunidade trans/travesti.

Ação 4 – Recurso financeiro: constituiu-se a “vaquinha” *online* em site de arrecadação coletiva de fundos, que foi amplamente divulgado nos meios de comunicação do município e nas redes sociais.

Ação 5 – Kit Natal: realizamos ação de Natal na casa de cada uma das meninas para a entrega da cesta básica tradicional, do kit de higiene e limpeza, itens típicos da época para uma ceia de Natal e uma cesta agroecológica com produtos provenientes do Movimento Sem-Terra (MST) na região.

Vale destacar que começamos com um grupo menor de meninas e, através da metodologia de “bola de neve”, conseguimos acessar mais mulheres trans e travestis nas mesmas situações de precariedade, aumentando nossa demanda de arrecadações e ações. As estratégias contemplaram igualmente todas as participantes, contudo, à medida que as doações e recursos foram se tornando mais escassos, foram necessários critérios de elegibilidade pautados em diferentes marcadores sociais para além da identidade de gênero.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No município, a realidade de exclusão de mulheres transexuais e travestis, principalmente aquelas que dependem das ruas e do trabalho sexual para subsistência, confirma a ausência de política pública, de modo que a precariedade da vida e a vulnerabilidade ampliam-se. Enquanto equipe, deparamo-nos com uma demanda agravada em dois níveis de desproteção: a saúde, com a iminência de um vírus, até o momento, desconhecido pela população e a socioeconômica, em que o isolamento social e as restrições de circulação afetaram diretamente as dinâmicas de trabalho nas ruas, incidindo diretamente na sobrevivência.

O trabalho dessas mulheres, ainda que envolvido por um olhar e ações de preconceito, discriminação, violação, violência, perseguição e por concepções moralmente recriminatórias, configura-se ainda como uma das poucas possibilidades de

existência. Isso se traduz nos relatos sobre a falta de perspectivas em relação a outra saída de se manterem economicamente e, por esses motivos, constantemente era necessário voltar às ruas e ao trabalho. Nesse contexto, deu-se a compreensão do afeto e o acolhimento feito por elas em relação à equipe do CeR-LGBTQI+ e do movimento de pessoas, que se colocam à disposição nessa luta. Uma demanda emergencial em uma configuração histórica de pandemia possibilitou aproximações, criações de vínculos e fortalecimento político da comunidade na construção de uma identidade grupal, pautada em vínculos de solidariedade, mesmo com alguns conflitos existentes.

Em um primeiro momento, a equipe organizou-se para atender uma demanda emergencial de insegurança alimentar e financeira de um grupo em situação de vulnerabilidade social e que historicamente não tem acesso às políticas de Estado. Porém, ao longo do desenvolvimento das ações, vínculos foram formados, fortalecendo o CeR-LGBTQI+, enquanto referência para essas mulheres travestis e transexuais em outras demandas, tais como busca por escolarização, novas possibilidades de inserção no mercado formal de trabalho, com garantias trabalhistas, busca pelos seus direitos em saúde e na retificação de seus documentos. O espaço ainda configura-se como potente aproximação *online*, para que, no final da pandemia, possamos construir grupos de discussão presenciais com elas.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Marco José de Oliveira. Dissidências sexuais, vidas precárias e necropolítica: impressões de uma experiência em tempos de pandemia. *In: OLIVEIRA, Antonio Deusivam de. (Org.). População LGBTI+, vulnerabilidades e pandemia da COVID-19.* Campinas: Saberes e Práticas, 2020a.

DUARTE, Marco José de Oliveira. Vidas precárias e LGBTQIfobia no contexto da pandemia: a necropolítica das sexualidades dissidentes. *In: APES-JF. Pandemia e Política.* Juiz de Fora: APES-JF, 18 de maio de 2020b. Disponível em: https://www.apesjf.org.br/wp-content/uploads/LGBT_Convid_19_APES-1.pdf. Acesso em: 18 mai. 2020b.

OLIVEIRA, Dandara Felícia Silva; DUARTE, Marco José de Oliveira. Trabalho e tra(ns)vesti(gêneres)lidades: elementos para uma análise. *In: PINHEIRO, Diógenes; REIS, Claudia. (Org.). Quando LGBTs invadem a escola e o mundo do trabalho.* Rio de Janeiro: Ed. UNIRIO, 2020.

OUTRIGHT ACTION INTERNATIONAL – OAI. *Vulnerability Amplified: the impact of the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people.* New York: OutRight Action International, 2020. Disponível em: https://outrightinternational.org/sites/default/files/COVIDsReportDesign_FINAL_LR_0.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

VOTE LGBT+. *Diagnóstico LGBT+ na pandemia: desafios da comunidade LGBT+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus.* Disponível em: <https://www.votelgbt.org/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Direitos Humanos e Justiça

Centro de referência de promoção da cidadania de LGBTQI+ (CER-LGBTQI+)

Marco José de Oliveira Duarte¹

¹Faculdade de Serviço Social. Coordenador da ação de extensão cer.lgbtqi@gmail.com.

Centro de Referência de Promoção da Cidadania de LGBTQI+ (CER-LGBTQI+)

1 INTRODUÇÃO

O relato de experiência sistematizado trata-se do Programa de Extensão *Centro de Referência de Promoção da Cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Não-Binários e Intersexos* (CeR-LGBTQI+) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no âmbito da Faculdade de Serviço Social, que tem por objetivo geral a promoção dos direitos humanos, sobretudo, em relação à violência e a violação desses direitos contra pessoas que se identificam como LGBTQI+. A perspectiva da interseccionalidade nos orienta, por reconhecermos que a efetivação dos direitos humanos e das políticas públicas para essa população depende das condições materiais e simbólicas próprias da sociedade.

A efetivação dos direitos humanos e das políticas públicas para LGBTQI+ depende das possibilidades de exercício da cidadania desses sujeitos, considerando, sobretudo, a forma como a desigualdade visibiliza-se nos marcadores sociais de diferença nas relações sociais (Venturi; Bokany, 2011). Assim, acreditamos na importância aglutinadora do CeR-LGBTQI+ na cidade de Juiz de Fora, pois além de incorporar esses marcadores sociais de diferença na produção da discriminação, desenvolvemos ações, que produzam outras ações e experiências comprometidas com a superação da violência e da violação de direitos de LGBTQI+.

A utilização do tripé ensino-pesquisa-extensão, que caracteriza o programa, bem como a interdisciplinaridade, são necessários e fundamentais em um contexto de retrocessos no campo dos direitos humanos e das políticas sociais, particularmente, com a crise sanitária em curso, cujos efeitos materializam-se nos indicadores sociais, políticos e econômicos de nossa sociedade. Além de surtir efeitos no entendimento das situações de violência extrema, discriminação e preconceito, as quais ainda marcam nosso cotidiano, em

particular, no da comunidade LGBTQI+, que permeia distintas esferas das relações sociais (Duarte, 2017). A partir das ações desenvolvidas desde março de 2020, acreditamos que estamos contribuindo para o enfrentamento desse quadro de injustiças, de violações e violências, agindo na formação de profissionais, na construção de conhecimento e no uso de tecnologias de informação e comunicação apropriadas ao contexto da cidade de Juiz de Fora-MG, região da Zona da Mata e Campo das Vertentes.

2 METODOLOGIA

As ações previstas e desenvolvidas no âmbito do Programa de Extensão CeR-LGBTQI+ foram readequadas com foco nas atividades remotas, em razão da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Isso deveu-se porque todas as atividades presenciais foram suspensas pelo Conselho Superior da UFJF. O CeR-LGBTQI+, inaugurado em 05 de agosto de 2020, veio ocupar um espaço público voltado para à população LGBTQI+ com pouca expressividade na cidade de Juiz de Fora, apesar da existência da Lei Municipal

de Juiz de Fora nº 9.791 (2000), com significativas lacunas assistenciais na rede de proteção social, direitos humanos e atenção e cuidado à saúde de LGBTQI+ na cidade.

O CeR-LGBTQI+, desde sua fundação, é constituído de parcerias e colaborações com diversas pessoas, ativistas, coletivos, entidades e instituições públicas e privadas, além de estudantes de graduação e pós-graduação, todos inseridos com bolsas, ou na modalidade de voluntários, para desenvolver ações permanentes de defesa dos direitos humanos e na garantia de políticas públicas de promoção da cidadania de LGBTQI+, como no combate a LGBTQIfobia.

Apesar do CeR-LGBTQI+ ter se tornado Programa de Extensão em março de 2020, suas atividades, até então presenciais, como de oferta de projetos/frentes de trabalho, atividades pedagógicas e políticas, serviços, apoios e atendimentos específicos para vítimas, amigos e familiares em decorrência de discriminação e violência com base na orientação sexual e/ou identidade de gênero, bem como as parcerias para formação de gestores e trabalhadores das diversas redes públicas de proteção social, realizadas de agosto de 2019 a março de 2020, só foram possíveis pelos projetos de extensão: a) DIVERSE – Observatório da Diversidade Sexual e de Gênero: Políticas, Direitos e Saúde LGBT e b) PoR-LGBTI+ Polo de Referência LGBTQI+. Registra-se que o CeR-LGBTQI+ é produto desses dois projetos de extensão e nosso público-alvo são LGBTQI+, profissionais das políticas públicas, da rede de proteção social e de direitos humanos e estudantes da UFJF.

Com o advento da pandemia da COVID-19, tivemos que redimensionar e adequar nossas ações e atividades, mas mantendo nossos eixos estruturantes do programa:

Eixo 1 – Atendimento psicossocial e de defesa dos direitos humanos de LGBTQI+:

Continuamos a promover atividades de levantamento e disseminação de informações, de comunicação, de formação e de produção de conhecimentos sobre a população LGBTQI+, bem como promovemos a capacitação sobre políticas e direitos LGBTQI+, por intermédio de diversas atividades de extensão, todas de forma remota: como os grupo de estudos, II curso de extensão do CeR-LGBTQI+, II seminário internacional e III seminário nacional, *lives* no Instagram, rodas de conversas virtuais, orientações e acolhimentos diversos – por e-mail, por contato telefônico de celular da equipe, pelo grupo de *whatsapp*, pelo direct do Instagram, pelo site, pelo canal do youtube. Além de produzirmos pesquisas, materiais didáticos-educativos e comunicacionais em redes sociais voltados ao universo das políticas e direitos de LGBTQI+.

Eixo 2 – Intersetorialidade e Promoção da Cidadania LGBTQI+:

Mantivemos o suporte e apoio aos serviços prestados por entes privados e públicos na cidade de Juiz de Fora, por meio de mediação de conflitos, palestras, sensibilização e formação de trabalhadoras/es, gestão etc. Bem como mantivemos a oferta e/ou encaminhamento para cursos de capacitação e orientação desses assistidos a setores, fazendo com que se gerasse emprego, trabalho e renda, além de variados tipos de ensino-aprendizagem educacional, a exemplo da educação de jovens e adultos (EJA) e da educação profissional, em parceria com agentes públicos e/ou privados da sociedade civil.

Eixo 3 – Participação/Mobilização Social:

Continuamos a promover espaços de defesa de direitos de cidadania e de políticas públicas de LGBTQI+ de forma sistemática e

articulada com pessoas, grupos, coletivos, entidades e instituições públicas e privadas com o propósito de intervenção social e política, como, por exemplo, o acolhimento e o acompanhamento dos casos de violência e violação de direitos, nas delegacias da cidade, em instituições sociais etc. Além disso, continuamos a debater sobre a construção do Conselho de Direitos da População LGBTQI+. Em especial, de forma colaborativa, desenvolvemos uma ação coletiva no cenário de combate à COVID-19 na cidade de Juiz de Fora, voltado para o público beneficiário da referida ação extensionista, a população LGBTQI+. Mais restritamente referente às mulheres transexuais e travestis em situação de vulnerabilidade social, trabalhadoras na e da rua, em prostituição (Duarte, 2020a), com a Campanha TranSolidariedade que se encontra como relato de experiência nessa coletânea da PROEX/UFJF.

Eixo 4 – Formação, Pesquisa, Informação e Comunicação: Realização e apoio às pesquisas acadêmicas de graduandos e pós-graduandos da UFJF; realização atividades de extensão virtuais, com o uso da plataforma Google Meet, expondo, por exemplo, as atividades do II Curso de Extensão do CeR-LGBTQI+ e os seminários supracitados; realização de diversas reportagens, postadas no site, inclusive com a divulgação e publicação da Cartilha de Políticas e Direitos LGBTQI+, de fácil acesso e para download; realização de diversas postagens e *lives*, no Instagram, particularmente, as do LIVEsário do CeR-LGBTQI+ e no youtube do CeR-LGBTQI+; realização do uso da plataforma Stream Yard para produzir vários documentários, incluindo os vídeo das atividades do CeR-LGBTQI+ para a V Mostra de Ações de Extensão e III Congresso de Extensão da UFJF.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Ao discutirmos os elementos centrais da relação LGBTQI+, na pandemia, observou-se que as demandas de LGBTQI+ também foram expostas, como sempre o foram historicamente, às violações de direitos, violências e mortes. Dessa forma, nesse momento de crise sanitária, econômica, política e social, as incisões nas vidas de LGBTQI+ tenderam a ser mais tensionadas. Assim, a LGBTIQfobia (Duarte, 2020a), por ser socialmente construída, vem se expressando de modo radical nas suas mais diversas formas de preconceito, discriminação, estigmatização, intolerância, segregação, isolamento, abandono e desproteção da população LGBTQI+ (Duarte, 2020b).

Essa população, em sua maioria, apresenta-se mais vulnerável nos diversos setores da vida social, seja na família, no trabalho, na escola, nos serviços de saúde etc.. Isso vem se agravando nesse contexto de crise e particularmente na ausência de fato, por parte do Estado brasileiro, como na cidade de Juiz de Fora, em garantias de segurança, direitos e políticas públicas.

Há diversos impactos, riscos e agravos à saúde e a vida de LGBTQI+ em decorrência da LGBTIQfobia, seja institucional ou estrutural, particularmente, promovida pelo discurso de ódio presente na sociedade, mas também nas esferas governamentais. Conseqüentemente, se a pandemia da COVID-19 tem afetado a toda a população, ainda mais LGBTQI+, com suas marcas de vulnerabilidades sociais e de saúde, ainda mais interseccionando (Oliveira; Duarte, 2020) com outros marcadores sociais, como raça, classe social, gênero, território etc..

O que acontece com o público-alvo das ações do CeR-LGBTQI+ é retratado em pesquisas correlatas: a) A OutRight Action International (OAI, 2020), denuncia o

aumento dos tipos de ameaças que sofrem LGBTQI+, a insegurança alimentar, as barreiras nos cuidados de saúde e acesso a medicamentos, aumento do desemprego, falta de moradia, diminuição no orçamento financeiro, desproteção social e diversos tipos de violência; e b) O VoteLGBT (2020) apontou os principais impactos à LGBTQI+ no Brasil, como a piora na saúde mental, o afastamento da rede de apoio e a falta de fonte de renda.

Portanto, a partir do desenvolvimento de nossas atividades no CeR-LGBTQI+ para a cidade de Juiz de Fora e região, observamos o seguinte: a) há significativos dados sobre os casos de assassinatos e violências diversas; b) aumento de jovens LGBTQI+ que são expulsos de casa, vítimas de violência doméstica, sem redes familiar de apoio, com ausência de abrigos específicos e a possível rede informal de solidariedade da comunidade LGBTQI+; c) aumento dos casos de ideação suicida, suicídios, depressão e ansiedade, agravando ainda mais o quadro de saúde mental, que, no convívio familiar, são mais intensificados por serem excluídos das suas famílias; d) ameaças, devastação dos meios de subsistência e/ou perdas de empregos, a maioria na informalidade, reforçando a queda da segurança alimentar, falta de renda e trabalho; e) interrupções no acesso aos cuidados de saúde, incluindo medicamentos cruciais para o HIV, como a PrEP e PEP, exames e tratamentos hormonais do processo transexualizador, bem como a relutância e a recusa em procurar atendimento de saúde por causa da discriminação e da estigmatização, ainda mais em contexto de pandemia.

Em síntese, no atual contexto, podemos sinalizar que a ausência de políticas públicas para a população LGBTQI+ é fato e é sentida por essa população e por isso que o CeR-LGBTQI+ na cidade de Juiz de Fora tornou-se referência e polo de aglutinação, acolhimento, segurança e solidariedade, apesar de operarmos com estudantes de graduação e pós-graduação e um número significativo de profissionais colaboradores da sociedade civil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato da experiência sistematizada neste trabalho tentou levar em consideração a análise crítica do desenvolvimento das ações de extensão pelo Programa de Extensão “Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+” (CeR-LGBTQI+) no contexto da pandemia na experiência concreta na cidade de Juiz de Fora. Assim, ressaltamos o quanto a população LGBTQI+, beneficiária e público-alvo do programa, é marcada por discriminações, preconceitos e vulnerabilidades, que, de modo interseccional com outros marcadores sociais, têm contribuído ainda mais para depreciar seus corpos e vidas já precárias.

Dessa forma, apesar dos retrocessos de direitos e das políticas sociais como um todo, principalmente para LGBTQI+, o programa de extensão e a universidade vem, sobremaneira qualificada, dando resposta à uma população que se encontra em um deserto assistencial. Os fenômenos das formas de exclusão, discriminação, violência e morte são reais e concretos para o conjunto desses sujeitos, particularmente, pelo signo dos marcadores sociais da diferença, quando negros e negras, pobres, periféricos e periféricas etc., em síntese, visivelmente vulneráveis pela imposição da hegemonia branca, cisheterossexista, burguesa e conservadora nos costumes e ultraneoliberal na economia, com discurso de ódio e a cultura de intolerância às diferenças, em curso no

país, operando no não-reconhecimento, aniquilamento e morte dos dissidentes sexuais e de gênero.

O CeR-LGBTQI+ e suas frentes de trabalho, calcado no tripé ensino-pesquisa-extensão, e nessa última, com ações assistenciais e pedagógicas junto a população LGBTQI+ da cidade, torna-se um programa de extensão estratégico pelo que vem desenvolvendo em parceria com a sociedade civil de Juiz de Fora e região da Zona da Mata e Campo das Vertentes de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Marco José de Oliveira. Vidas precárias e LGBTQIfobia no contexto da pandemia: a necropolítica das sexualidades dissidentes. *In: APES-JF. Pandemia e Política*. Juiz de Fora: APES-JF, 18 de maio de 2020a. Disponível em: https://www.apesjf.org.br/wp-content/uploads/LGBT_Convid_19_APES-1.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

DUARTE, Marco José de Oliveira. Dissidências sexuais, vidas precárias e necropolítica: impressões de uma experiência em tempos de pandemia. *In: OLIVEIRA, Antonio Deusivam de. (Org.). População LGBTI+, vulnerabilidades e pandemia da COVID-19*. Campinas: Saberes e Práticas, 2020b.

DUARTE, Marco José de Oliveira. Diversidade sexual e de gênero e saúde mental: Enlaçando políticas e direitos. *In: PASSOS, Rachel Gouveia et al. (Org.). Saúde mental e os desafios atuais da atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

OLIVEIRA, Dandara Felícia Silva; DUARTE, Marco José de Oliveira. Trabalho e tra(ns)vesti(gêneres)lidades: elementos para uma análise. *In: PINHEIRO, Diógenes; REIS, Claudia. (Org.). Quando LGBTs invadem a escola e o mundo do trabalho*. Rio de Janeiro: Ed UNIRIO, 2020a.

OUTRIGHT ACTION INTERNATIONAL – OAI. *Vulnerability amplified: the impact of the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people*. New York: OutRight Action International, 2020. Disponível em: https://outrightinternational.org/sites/default/files/COVIDsReportDesign_FINAL_LR_0.pdf. Acesso em: 21 jan. 2021.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Lei Municipal nº 9.791, de 12 de maio de 2000. *Dispõe sobre a ação do município no combate às discriminações, em seu território, por orientação sexual*. Disponível em: <https://jfl legis.pjf.mg.gov.br/norma.php?chave=0000023610#:~:text=LEI%20N.%C2%BA%209791%20%2D%20de,eu%20sanciono%20a%20seguinte%20Lei%3A&text=1%C2%BA%20%2D%20Ser%C3%A1%20punida%2C%20no%20Munic%C3%ADpio,Fora%2C%20nos%20termos%20do%20art>. Acesso em: 20 jan. 2021.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. (Org.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

VOTE LGBT+. *Diagnóstico LGBT+ na pandemia: desafios da comunidade LGBT+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus*. Disponível em: <https://www.votelgbt.org/>. Acesso em: 22 jan. 2021.

Os desafios da educação sobre gênero em uma escola pública de Governador Valadares no contexto da pandemia de COVID-19

Murilo Ramalho Procópio¹

Debora Silva Souza²

Emanuelly Cortes Aquino³

Martim Juvêncio Ferreira⁴

Mayara Oliveira da Silva⁵

Samara Gonçalves Vieira⁶

¹Coordenador do Projeto. Professor do Departamento de Direito do ICESA – Campus GV. E-mail: murilo.procopio@ufff.br.

²Graduação em Direito. Bolsista da ação de extensão. E-mail: debora.souza@estudante.ufff.br.

³Graduação em Direito. Bolsista da ação de extensão. E-mail: emanuely.cortes@estudante.ufff.br.

⁴Graduação em Ciências Contábeis. Bolsista da ação de extensão. E-mail: martimjuvencio@gmail.com.

⁵Graduação em Direito. Bolsista da ação de extensão. E-mail: mayara.oliveira@estudante.ufff.br.

⁶Graduação em Direito. Bolsista da ação de extensão. E-mail: samara.vieira@estudante.ufff.br.

Os desafios da educação sobre gênero em uma escola pública de Governador Valadares no contexto da pandemia de COVID-19

1 INTRODUÇÃO

O projeto LADO M iniciou suas atividades após as ocupações secundaristas ocorridas entre os anos de 2015 e 2016. Naquele contexto, os encontros vivenciados por estudantes de ensino médio e superior na luta contra a precarização do ensino público (Campos *et al.*, 2016) culminou no estabelecimento de uma agenda política compartilhada entre os atores envolvidos. Entre os diversos elementos dessa agenda, a necessidade de discutir sobre a violência e a hierarquia de gênero nas escolas foi um dos fatores que levou à elaboração do projeto por alunos e professores da UFJF.

Durante os primeiros anos de seu funcionamento, o projeto desenvolveu suas atividades na E. E. Dona Arabela, tendo sido coordenado por diferentes professores. Sua atuação sempre foi pautada pelos seguintes objetivos fundamentais: desmistificar os preconceitos relacionados aos estudos de gênero entre professores e alunos; identificar e combater situações de violência e de *bullying* relacionados ao gênero no ambiente escolar; atuar na construção de agentes sociais engajados no respeito à diversidade e aos Direitos Humanos.

O projeto foi construído teoricamente a partir da noção de gênero como uma categoria discursiva (Butler, 2015) e histórica (Scott, 1995), permitindo que investigássemos de que forma as diferenças atribuídas aos sexos por meio dos discursos atuariam na construção de relações sociais de poder e de dominação, em diferentes contextos históricos e geográficos. A concepção de poder por nós utilizada é a concepção de micropoder, que se encontra difusa nas instituições, nos discursos, nos saberes, e foi influenciada por Foucault (1998).

No que diz respeito aos referenciais teóricos da própria atuação extensionista relacionada aos estudos de gênero, o projeto se vale das contribuições de diferentes teóricas feministas que exploram a relação entre os saberes práticos, ativistas e as iniciativas educacionais engajadoras, como Djamila Ribeiro (2019) e Bell Hooks (2013), além da proposta de educação emancipatória de Paulo Freire (2014).

O presente relato de experiência visa descrever alguns dos desafios vivenciados pelos atores do projeto de Extensão LADO M ao longo do ano de 2020. Em especial, pretende-se abordar dois aspectos, que marcaram a atuação da equipe nesse período: primeiramente, o processo de formação de bolsistas universitários na temática do gênero; em segundo lugar, a necessidade de adaptações das propostas de atuação presenciais planejadas para o ano de 2020, em razão da pandemia de COVID-19.

2 METODOLOGIA

A formação teórica e extensionista dos integrantes discentes do projeto teve início no primeiro semestre de 2020, e foi realizada por meio de reuniões semanais, de duas horas, entre os bolsistas e o coordenador. Em todas as semanas, este selecionava um artigo científico ou o trecho de uma obra de referência para leitura dos bolsistas e o enviava aos demais participantes, para que fossem debatidos na semana posterior. A

estratégia de capacitação foi feita principalmente por meio da realização de leituras em conjunto, tendo se fundamentado em dois aspectos: na possibilidade de escolha das obras por parte dos alunos bolsistas, com bases em informações prévias sobre o tema, ainda que vagas; no estabelecimento de objetivos e predições sobre as obras (Kleiman, 2013). Dessa forma, os bolsistas conseguiriam “descobrir” certas curiosidades e postulados teóricos sobre os estudos de gênero, que poderiam ser aplicados em suas futuras ações entre os jovens da escola Israel Pinheiro.

As leituras escolhidas em conjunto pelos participantes dos projetos se relacionavam com temáticas diversas relacionadas ao gênero, como: a construção do gênero na infância (Beauvoir, 1980); trabalho feminino e direitos reprodutivos (De Moura, 1932); o caráter cultural da heterossexualidade (Katz; 1996); interseccionalidade e feminismo negro (Evaristo, 2016); masculinidades.

Além das reuniões semanais de formação, os bolsistas e o coordenador do projeto cadastraram-se no curso gratuito da Universidade Emancipa chamado “Entender o mundo hoje: pandemia e periferias”. Por meio do curso, os participantes do projeto procuraram aprender sobre a proposta de educação pelo ativismo e sobre a estrutura de um curso de extensão oferecido *online*.

Todas as atividades de formação teórica, acompanhadas dos debates realizados entre bolsistas e coordenador do projeto, serviram como uma forma de capacitação dos discentes para a organização e mediação de dinâmicas no curso de extensão oferecido em substituição às atividades presenciais inicialmente planejadas, a qual foi cadastrado na pró-reitoria de extensão da UFJF, sob o título “Repensando os papéis de gênero.”

O curso foi realizado entre os dias 02/09/2020 a 30/09/2020 e foi dividido em cinco temas. Os bolsistas do projeto criaram um formulário de inscrição na plataforma Google Forms, com a duração do curso e os temas a serem abordados. Os formulários foram encaminhados tanto para a diretora da escola quanto para as lideranças da turma de ensino médio. Após a inscrição dos interessados, foi criado um grupo no aplicativo *Whatsapp*, pelo qual os participantes inscritos recebiam o link para as reuniões, que eram desenvolvidas no aplicativo Meet, as listas de presença e os certificados correspondentes.

A cada tema, um dos bolsistas ficava responsável por mediar as discussões e incentivar a participação dos alunos da Escola Israel Pinheiro. O professor coordenador revisou todas as apresentações, as quais seriam tratadas em reuniões anteriores, realizadas exclusivamente entre os membros do projeto. Além disso, interferia nas discussões virtuais sempre no sentido de garantir a adequação teórica e didática do conteúdo tratado.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Em 2020, o projeto LADO M começou com a troca de todos os bolsistas, que atuavam no projeto em 2019 e em anos anteriores. Essa circunstância gerou o primeiro desafio a ser superado pela coordenação do projeto, na medida em que todo o acúmulo de discussões teóricas, as experiências práticas, a vivência no cotidiano escolar, o contato com o público jovem, isto é, todas as habilidades e competências adquiridas pela equipe anterior do projeto teriam que ser construídas novamente. Somou-se a essa dificuldade a troca da Escola parceira do projeto, antes a Escola Estadual Dona Arabela, passando a ser a Escola Estadual Israel Pinheiro. Os mecanismos de superação do desafio

apontado, conforme descrito na metodologia, relacionaram-se com a realização de grupos semanais de leitura e discussão de textos entre os participantes, além da criação de uma página de conteúdo na rede Instagram. Por meio desta, os bolsistas puderam construir conteúdos interativos relacionados aos textos e aos temas debatidos, o que servia tanto como um reforço das habilidades e competências em aquisição quanto uma forma de divulgar o projeto entre os estudantes da escola parceira.

O segundo (e mais emblemático) desafio do ano de 2020 foi, contudo, a reprogramação de todas as dinâmicas e ações extensionistas, feitas presencialmente, a partir das medidas administrativas de fechamento dos estabelecimentos de ensino e a adoção de ensino remoto tanto por parte da Universidade quanto da escola parceira. Dessa circunstância em diante, os participantes do projeto tiveram que construir novas rotinas de trabalho, desenvolver habilidades específicas relacionadas ao uso das tecnologias digitais na ação extensionista, bem como elaborar novas estratégias de divulgação do projeto entre os estudantes.

Conforme descrito na metodologia, considerou-se oportuno a oferta de um curso de extensão para os alunos da escola com temáticas, que exploravam aspectos da vida juvenil, entre as quais: sexualidade; bullying; homofobia; desigualdade na distribuição de tarefas domésticas; relacionamentos amorosos, representação dos perfis de gêneros em histórias infantis. O curso teve baixíssima adesão por parte dos alunos da escola – apenas dez matricularam-se – apesar de um número bastante alto de respondentes (de ambos os gêneros) dos questionários enviados aos alunos de Ensino Médio da escola. Esses questionários ajudaram a entender as percepções dos mesmos sobre a temática.

A baixa adesão dos alunos às atividades pode ser explicada, possivelmente, pelo esgotamento do interesse pelo ensino remoto adotado de forma emergencial por parte das instituições de ensino. Além disso, percebeu-se que as atividades, as quais exigiam apenas a marcação de respostas de maneira anônima, obtiveram uma participação bem maior do que o curso propriamente dito. Uma possível explicação para esse acontecimento pode ser o fato de que o curso exigia uma rotina de frequência, participação e interesse pelo tema, além de não ser, nem parecer algo obrigatório, ou ter uma avaliação. Outra possível explicação para a baixa adesão é o fato de que esses alunos tratariam de um tema sensível na possível presença dos próprios familiares, em razão do confinamento domiciliar devido à pandemia. Apesar dessas circunstâncias, os alunos presentes ao curso – todas do gênero feminino – participaram intensamente das discussões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades, relatadas pelo projeto em relação à capacitação dos bolsistas, evidenciam a necessidade de adoção de um melhor planejamento da distribuição de bolsas e da necessidade do estabelecimento de vínculos de longo prazo entre os possíveis participantes. Todavia, considera-se que as estratégias adotadas para a superação desse problema foram satisfatórias.

No que diz respeito aos problemas relacionados à adoção do ensino remoto, consideramos que todas as medidas possíveis de diminuição de danos foram adotadas. Entretanto, consideramos, igualmente, que a atuação extensionista diminui consideravelmente os seus possíveis impactos na sociedade quando exercida apenas a

partir dos meios de comunicação digital. Será preciso pensar em outras estratégias e meios de atuação, para que o projeto não perca o seu vínculo com os beneficiários.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone O. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Millet. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. ed. 8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMPOS, Antonia Malta; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio Moretto. *Escolas de luta*. São Paulo: Veneta, 2016.

DE MOURA, Maria Lacerda. *A mulher é uma degenerada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. ed. 8. São Paulo: Graal, 1998.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. ed. 15. Campinas: Pontes Editores, 2013.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. *Ideologia de gênero: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo*. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, p. 725-748, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen Produção, 2019.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

Relatos do projeto ACJC sobre a visibilidade da juventude e uma re(construção) social no bairro Turmalina¹

Julia Cristina Ferreira Reis²

Luiza Carvalho de Castro³

¹Apresentação de Relatos de Experiências do Projeto de Extensão, "Ação, Cidadania, Juventude e Comunidade – ACJC", que atua no bairro Turmalina em Governador Valadares – MG para a 5ª Amostra de Ações de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora/campus Governador Valadares.

²Extensionista do ACJC e discente do curso de Direito na Universidade Federal de Juiz de Fora/Campus Governador Valadares Email: julia.cristina19@hotmail.com.

³Extensionista do ACJC e discente do curso de Direito na Universidade Federal de Juiz de Fora/Campus Governador Valadares. Email: luizacc15@hotmail.com.

Relatos do Projeto ACJC sobre a visibilidade da juventude e uma re(construção) social no bairro Turmalina

1 INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão “Ação, Cidadania, Juventude e Comunidade” surgiu com o intuito de mostrar aos moradores do bairro Turmalina que eles são dignos de diversos direitos e que cabe ao Poder Público, principalmente, promovê-los. Dessa forma, um dos objetivos do ACJC é mostrar e realizar a cobrança dos deveres do estado para com a sociedade.

Ademais, é mister ressaltar que os direitos à saúde, à educação e à segurança garantem a existência digna e a promoção da justiça social. Porém, eles não são resguardados em alguns locais mais vulneráveis, levando os moradores desses lugares a viverem uma vida de sofrimento, tornando-se cada vez mais invisíveis.

Assim, o ACJC busca dar voz e promover o protagonismo dos moradores do bairro Turmalina, ressaltando as oportunidades, que existem mesmo em meio ao caos, e promovendo ações eficazes junto às Instituições do bairro para mostrar a força que os moradores podem ter, quando unidos.

O projeto surgiu em agosto de 2019 e conta com um coordenador, um vice-coordenador, 2 (dois) bolsistas e 8 (oito) voluntários. Realiza, além das ações e parcerias, reuniões de capacitação para os membros conseguirem lidar com as demandas de maneira eficaz e empática.

Os principais parceiros são: O Instituto Nosso Lar (Inlar), uma instituição sem fins lucrativos, a qual promove atividades diversas e contínuas tanto com as crianças, quanto com a juventude e com as mulheres. Além do Inlar, o Centro de Prevenção à Criminalidade, que conta com os Programas, “Fica Vivo” e “Centro de Mediação de Conflitos” também colabora bastante com o ACJC, realizando ações em conjunto.

Quando o Projeto teve o seu início, muito se queria, mas pouco se sabia sobre os obstáculos, desafios e também sobre as grandes surpresas, as quais os extensionistas iriam se deparar no meio do caminho. Dessa maneira, pode-se dizer que se for para definir o ACJC em uma palavra, sem dúvidas, seria “resiliência”, pois o Projeto já resistiu a diversos empecilhos e a cada dia permanece em jogo, devido ao carisma e ao grande acolhimento dos moradores e das Instituições Locais.

As principais dificuldades vivenciadas pelo Projeto é conseguir promover ações eficazes que de fato tenham aderência e sejam capazes de impactar vidas, tanto dos moradores do Turmalina, quanto dos próprios estudantes extensionistas da UFJF/GV. Com isso, tem-se um exemplo de uma ação, que seria apenas de uma ação de entretenimento educativo, mas acabou sendo uma ação de grande reflexão e aprendizado. O ACJC, juntamente ao Projeto “Ecos do Cinema”, também da UFJF/GV, levou os jovens do Turmalina, participantes das oficinas do Instituto Nosso Lar, ao cinema, no auditório do GV Shopping.

Nesse dia, assistiu-se ao filme “O Abutre” e debateu-se sobre o porte de armas. Percebeu-se, assim, uma grande discrepância de opiniões, entre estudantes e jovens do Turmalina, uma vez que a realidade entre os extensionistas e esses adolescentes eram muito diferentes. Por não serem amparados pela segurança pública, os convidados do

bairro demonstraram sua inconformidade sobre a não legalização do uso de armas de fogo, argumentando que, por não terem proteção policial, onde vivem, entendiam a aquisição de armas como uma forma de se protegerem e resolverem os problemas, os quais o estado não era capaz de solucionar ou prover a assistência adequada.

Outro relato importante foi o do dia 07 de março de 2020, em apoio ao Centro de Prevenção à Criminalidade. Foi promovida uma ação no bairro Turmalina em comemoração ao dia internacional da mulher com várias atrações como dança, com música, com comida, com maquiadora, com cabeleireira, além da participação da liga de Oncologia e da liga de Família e Comunidade, ambas da UFJF/GV. Essas ligas levaram informações sobre a faculdade e também sobre as medidas de atenção à saúde, como câncer de mama e colo do útero. Pode-se perceber, nesse evento, como muitas famílias participavam, para que pudessem usufruir das atividades oferecidas de forma gratuita, podendo cortar o cabelo e se alimentar. Além disso, foi constatado, pelas ligas, ao medirem a pressão dos participantes, que muitos moradores ali presentes possuíam pressão alta e precisavam de apoio médico na região, o que é escasso, visto que só há dois postos de saúde na localidade.

Foi vivenciado muitos obstáculos, no bairro, em relação à negligência do poder público. Pode-se analisar a falta de estrutura para atendimento odontológico; pouca assistência aos moradores, que têm somente o lixão como fonte de renda; falta de informação sobre gravidez na adolescência; alta taxa de homicídio entre adolescentes e de abuso sexual infanto-juvenil; dificuldade de acesso de jovens às escolas devido à desavença entre regiões, entre outros problemas presenciados.

Além desses exemplos, com o cenário pandêmico, os desafios foram ainda mais constantes. A pandemia, provocada pela COVID-19, mudou completamente a rotina de trabalhadores e estudantes e cada um precisou se adequar como pôde. Com o projeto essa situação não foi diferente. Diversas ações presenciais, como promoção de campeonatos de futebol entre jovens do Turmalina, eventos solidários, palestras, oficinas e debates presenciais, tiveram que ser modificadas, pelo ACJC, quanto à sua forma de disponibilizar os recursos. Assim, mesmo prejudicados devido às incertezas de não conseguir alcançar o público alvo à distância, foi feito o necessário, para que o projeto não parasse, mesmo com as aulas suspensas e cada integrante em suas casas.

2 METODOLOGIA

O ACJC, junto a outras entidades do local, promove eventos, palestras e debates de temas trazidos pela comunidade. Toda a dinâmica realizada serve como base para a re(construção) do bairro pelos próprios moradores.

Inclusive, o relato do filme, exposto acima, demonstra de forma leve e descontraída, como o Projeto está cumprindo a sua função e despertando grande entusiasmo e curiosidade, tanto na juventude do bairro quanto para os próprios estudantes da UFJF, os quais a cada dia tornam-se mais empáticos e adquirem grande sabedoria para serem profissionais altruístas e de grande excelência.

Com a pandemia, diversas mudanças tiveram que ser realizadas, em razão de o contato presencial não ter sido uma realidade. Assim, tivemos que cancelar algumas sessões de filmes, as quais haviam sido marcadas como “Ecos no cinema”, além de cancelar diversas visitas e palestras em espaços físicos, levando tudo para o modo remoto.

Ademais, o ACJC passou a adequar suas temáticas de modo a lidar com a minimização dos efeitos causados pelo cenário pandêmico. Dessa maneira, foram realizados vídeos educativos feitos por especialistas, ensinando adotar as condutas corretas, quando os sintomas forem manifestados; além de conteúdos, mostrando como a violência doméstica, por exemplo, havia aumentado na pandemia e quais ações poderiam ser utilizadas para acionar a justiça e conseguir amparo diante dessas situações. Além dos exemplos citados, também foram produzidos conteúdos com outras temáticas, postados no *Instagram* do ACJC e também disponibilizados nos grupos do *Whatsapp*, em que os moradores fazem parte.

Devido à pandemia, o trabalho com as instituições do bairro manteve-se como a ferramenta mais importante para a continuidade das Ações, uma vez que juntos, conseguimos realizar diversas doações aos moradores, tanto de álcool em gel, quanto de máscaras e sabonetes. Para além, também não deixamos datas importantes, como o dia das crianças e o Natal passarem em branco, realizando as doações costumeiras. Dessa forma, foram promovidas campanhas de arrecadações de brinquedos e roupas para as crianças e suas famílias, tanto no dia 12 de outubro quanto na data de 25 de dezembro, em que respeitando todos os cuidados, os indivíduos foram presenteados e receberam cartas, mostrando como as dificuldades de 2020 deveriam refletir um sinal de luta e esperança para 2021.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

O Projeto de Extensão, “Ação, Cidadania, Juventude e Comunidade” é dividido em 3 (três) eixos de atuação, para que se consiga, de forma mais organizada, entender e colaborar com a democratização do acesso aos serviços básicos do bairro.

Essas três áreas temáticas são: a chamada agenda local, promovida e fiscalizada, a qual busca filtrar e visualizar as demandas dos órgãos responsáveis; o chamado eixo da comunicação, que visa administrar as redes sociais e todas as formas de divulgação, promoção do ACJC e propagação de informações a toda a comunidade; e, por fim, o eixo da saúde e bem-estar, que junto às Instituições de Saúde do bairro, a Estratégia de Saúde da Família, busca mostrar as dificuldades encontradas e os meios, que devem ser aplicados para promover uma vida mais saudável e com uma melhor qualidade de vida aos moradores.

Desse modo, busca-se incentivar a reflexão de jovens e adultos, contribuindo para uma articulação dessa população, a fim de vencer as desigualdades ocasionadas pela omissão do poder público, de forma que consigamos levar a história e os anseios do bairro Turmalina para fora do entorno dessa região e que assim possamos ter maior inclusão dos moradores desse bairro na sociedade de Governador Valadares.

Durante o período de pandemia, o intuito do ACJC passou a ser a promoção de informação e proteção ao vírus da COVID-19, mesmo que à distância, de forma que os moradores do bairro compreendessem a situação e, assim, pudessem lidar com ela da melhor maneira.

O projeto manteve-se articulado pelo fato de realizar reuniões de trabalho e capacitação, em que eram discutidos os planejamentos semanais e também realizados debates, com base em livros escolhidos pela equipe ao longo dos dias.

Diversos autores marcaram bastante os estudos da equipe, mas Paulo Freire, sem dúvidas, foi o marco teórico das reuniões. Com o seu livro, “A rala brasileira”

conseguiu-se entender um pouco sobre a divisão da sociedade brasileira em camadas e o motivo, pelo qual a maioria dos indivíduos luta diariamente, mas sem conseguir sair da situação, na qual se encontram, demonstrando como que o desenvolvimento econômico não pode ser sinônimo de evolução social. Paulo Freire também fez os membros do ACJC refletirem bastante por meio da leitura da “Pedagogia do Oprimido”, em que ficou ainda mais evidente para a equipe a importância da educação popular, como uma ferramenta importante de reestruturação das relações sociais.

Outra leitura, que também trouxe muito aprendizado para a equipe, foi o livro, “A Comunicação Não Violenta”, de Marshall Rosenberg, uma vez que todos perceberam a importância de uma linguagem fluída, bem explicada e empática na hora de se comunicar com os outros, pois independente do destinatário, o respeito deve sempre prevalecer no momento de dirigir a palavra.

Desse modo, verifica-se que com muita organização da equipe, conseguiu-se êxito nas reuniões de trabalho e nas ações realizadas e mesmo com dificuldades, o intuito principal do ACJC continuou sendo alcançado a cada dia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rumo à visibilidade, os obstáculos são muitos, uma vez que não se tem todo o amparo necessário do poder público e depende da união entre as Instituições atuantes do Turmalina e da juventude. Porém, com trabalho mútuo, os jovens tiveram maiores perspectivas e perceberam a Universidade como uma aliada do desenvolvimento. Ademais, no período em que estávamos vivendo, tornou-se ainda mais complicado o fomento do projeto, no bairro, à distância e o grupo entendeu essa situação como mais um obstáculo. Esse obstáculo era a possibilidade de alcançar os moradores do bairro apenas via internet, uma vez que muitos não possuíam acesso, a possibilidade de vários eventos só serem de fato eficazes, se feitos presencialmente, como, por exemplo, a aferição de pressão, a ajuda no atendimento odontológico e o trabalho nas oficinas, que estavam sendo realizadas.

Porém, com muito trabalho foi possível alcançar resultados, talvez ainda não os desejados, mas com certeza satisfatórios. Foram produzidos mais de 100 (cem) litros de álcool em gel e entregues cerca de 300 (trezentas) máscaras para toda a comunidade, além de sabonetes às instituições, para ajudar na higienização necessária ao combate do COVID-19. Outrossim, foram feitos vídeos, respondendo às perguntas dos moradores sobre o coronavírus, o que possibilitou toda a equipe a colher resultados positivos para a história do ACJC-Turmalina e a colaborar com a realidade, em que estávamos presentes.

Assim, percebeu-se que os relatos básicos de experiências do Projeto já revelavam muito sobre o que é o ACJC, todas as suas conquistas já alcançadas e os frutos que ainda serão colhidos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. *A Ralé brasileira*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2019.

ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora, 2006.

Time Enactus UFJF: desenvolvendo comunidades de Juiz de Fora através do empreendedorismo social¹

Gabriel Fernandes Gonçalves²

Luiza Bastos Villela³

Marcos Paulo Moraes Sales⁴

Vítor Marcos de Lana⁵

Priscila Vanessa Zabala Capriles Goliatt⁶

¹Time Enactus UFJF. Projeto de Direitos Humanos e Justiça.

²Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: gabriel.fernandes.g@hotmail.com.

³Graduação em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: luizabvillela@gmail.com.

⁴Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: marcospaulomsales@gmail.com.

⁵Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: vitormarcosdelana@gmail.com.

⁶Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: capriles@ice.ufjf.br.

Time Enactus UFJF: desenvolvendo comunidades de Juiz de Fora através do empreendedorismo social

1 INTRODUÇÃO

Segundo o jornal *O Globo* (2019), o Brasil foi considerado um dos 15 países mais desiguais do mundo em 2019. De acordo com Villas Bôas (2020) e Barbosa e colaboradores (2020), quando analisamos a conjuntura atual da desigualdade social, no Brasil, observamos um Índice de Gini de 0,543, em 2019 (Almeida, 2019), evidenciando que ainda estamos longe de atingir uma melhor distribuição de renda. A professora

Marta Arretche afirmou: "Antes da pandemia, já havia no Brasil uma imensa desigualdade. Após uma depressão econômica, ela vai se tornar ainda maior" (Academia Brasileira de Ciências, 2020). Uma alternativa para esse problema é o crescimento de organizações focadas em públicos-alvo mais necessitados. Segundo levantamento do

Sebrae em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), realizado em 2018, o Brasil já possui mais de 800 negócios de impacto social. Quando ampliamos essa perspectiva para o nível global, há registros de movimento de cerca de US\$ 60 bilhões anuais nesse setor e crescimento aproximado de 7% ao ano, segundo levantamento da *Aspen Network of Development Entrepreneurs* (Brito, 2018).

Dessa forma, o Time Enactus UFJF atua para amenizar as necessidades expressadas pelas comunidades da cidade de Juiz de Fora, que se encontram em alguma situação de vulnerabilidade, seja ela social, econômica ou emocional, sempre seguindo as premissas da Enactus Global, uma rede mundial de estudantes destinadas a transformar o mundo por meio do empreendedorismo social (Enactus Brasil, 2020). O objetivo do Time Enactus UFJF é auxiliar as pessoas a assumirem o protagonismo de suas vidas e se tornarem mais empoderadas socialmente. Composto por membros de diferentes cursos da UFJF, o Time realiza atividades baseadas nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS). Por intermédio da Enactus, os alunos têm a oportunidade de vivenciar com intensidade os valores de colaboração, inovação, paixão e integridade, além de proporcionar, mediante estímulo ao empreendedorismo social, para a sociedade que se encontra em condição mais vulnerável, uma devolutiva de todo o apoio recebido por nós em uma instituição de ensino público, gratuito e de qualidade.

2 METODOLOGIA

A ação descrita é referente ao projeto de extensão *Time Enactus UFJF*, aprovado no edital nº 012/2019 – Projetos de Extensão de Demanda Espontânea com a Concessão de Bolsas e Solicitação de Apoio. O projeto seria realizado em caráter presencial, nas comunidades beneficiadas pelo projeto: bairro Jardim Eldorado, Lar dos Idosos Luiza de Marillac, comunidade de refugiados e imigrantes de Juiz de Fora, alunos da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves e moradores da região oeste de Juiz de Fora. Em decorrência da pandemia, foi necessário adaptar o escopo das atividades para ações *online* com as comunidades supracitadas, com a necessidade adicional de oferecermos apoio tecnológico para essas pessoas. No total, mais de 60 pessoas foram atendidas diretamente por algum de nossos projetos.

A execução é baseada na metodologia “*Design Thinking*” (Dam e Siang, 2020), a qual foi descrita pela primeira vez pelo ganhador do Prêmio Nobel Herbert Simon, no seu livro *The Sciences of the Artificial* (Simon, 1996). Os princípios fundamentais aplicados são: entender as eventuais necessidades da comunidade; definir qual o problema específico iremos atuar; idear e prototipar ideias; por fim, realizar testes com *feedbacks* contínuos. Além disso, são utilizadas “Metodologias Ágeis” para a realização das atividades, com destaque para o modelo *Scrum* de priorização de tarefas, que foi criado por Jeff Sutherland, na década de 1990 (Sutherland, 2016). Finalizando, foi utilizada a ferramenta *Trello* para gerenciamento do projeto e divisão de tarefas entre os membros.

Com a adequação das atividades ao modelo *online*, o primeiro passo foi contactar nossos beneficiários e suprir eventuais demandas espontâneas, que surgiram com a pandemia. Em seguida, houve um acompanhamento mais individualizado e personalizado de acordo com as características de cada comunidade, com o intuito de amenizar os impactos socioeconômicos decorrentes do contexto atual que vivemos.

Todo o contato com a comunidade foi realizado através de grupos de *Whatsapp*, nos quais conseguimos centralizar a comunicação com as lideranças locais de cada comunidade. Além disso, foram realizadas diversas reuniões durante o ano com cada comunidade, com o intuito de aproximar os membros do Time Enactus dessas pessoas beneficiadas. A plataforma utilizada para esse contato foi o *Google Meet*, sendo que disponibilizamos um manual de como acessar as reuniões para as pessoas com maiores dificuldades tecnológicas. Cabe ressaltar também que durante todo o processo coletamos *feedbacks* das comunidades, fazendo uso da criação de formulários via *Google Forms*, os quais eram enviados pelo próprio *Whatsapp*. Os dados obtidos foram utilizados como forma de mensurar a satisfação com nossa atuação e como forma de desenvolver uma melhoria contínua das ações.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Conforme citado no site Pense Grande, da Vivo (Fundação Telefônica Vivo, 2020), ao abordar a temática do empreendedorismo social devemos compreender a importância e o impacto que um produto/serviço pode gerar na vida de uma determinada comunidade, que possui alguns desafios compartilhados. Considerando a proposta da concepção de negócio social de Muhammad Yunus (Yunus, 2009), ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 2006, que valoriza a criação de negócios inovadores a partir da imersão do empreendedor social na realidade das comunidades vulneráveis (Figura 1). O contato presencial do Time Enactus UFJF com as pessoas beneficiadas pelos projetos acabou sendo prejudicado, de forma que foi preciso buscar outras alternativas para compreender de fato quais são as reais necessidades daquela população, buscar novos meios para gerar um vínculo afetivo e de confiança com essas pessoas mais vulneráveis. Dessa forma, a pandemia trouxe inúmeros desafios para a nossa equipe, a qual teve que se reinventar para seguir trabalhando com afinco em um momento tão difícil e conturbado.

Figura 1 – Conceito de negócio social de Yunus



Fonte: Retirado de Yunus (2020).

Um dos primeiros desafios encontrados foi a pluralidade ao se comparar as diversas comunidades com as quais atuamos, uma vez que a forma como devemos nos comunicar com um idoso do Lar Luiza de Marillac é completamente diferente da forma como conversamos com os jovens da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves. Somado a isso, houve uma dificuldade de realizar contato e manter as pessoas engajadas com nossos projetos, pois muitas pessoas não possuíam acesso a uma internet de qualidade ou apresentavam pouca habilidade de manuseio com ferramentas digitais.

Reconhecendo também que a pandemia gerou mudanças estruturais profundas nas comunidades brasileiras, com as comunidades e periferias concentrando os maiores índices de contágio e mortes (Academia Brasileira de Ciências, 2020), realizamos entrevistas individuais com as pessoas beneficiadas para rever quais ações seriam prioritárias e gerariam maior impacto sistêmico. Com todos os dados coletados, desenvolvemos alternativas para: (i) aumentar a renda das pessoas (criação de um *Instagram* para venda de produtos de microempreendedores e diversas capacitações *online*); (ii) evitar o isolamento afetivo dessa população vulnerável (apoio psicológico e cognitivo para os idosos do Lar Luiza de Marillac em colaboração com a Liga de Neurociências da Universidade Federal de Juiz de Fora e com professores da graduação em psicologia da UFJF); (iii) realizar eventos de conscientização da população (evento sobre sustentabilidade e cidades inteligentes); (iv) capacitações e mentorias sobre educação empreendedora com alunos de escolas públicas. Adicionalmente foram realizadas inúmeras chamadas telefônicas e por vídeo para acompanhar o progresso de nossas ações.

As principais limitações encontradas foram de fato engajar as comunidades nos projetos, pois muitos relataram precisar realizar trabalhos extras ou em outros segmentos para complementar sua renda nesse momento de pandemia, além do fato de mensurar com mais exatidão e precisão os indicadores das nossas ações, o que foi dificultado por não estarmos em contato presencial com a comunidade. A perspectiva futura é de bastante evolução nos projetos, pois os beneficiários reconheceram que,

mesmo nos momentos de dificuldades, foi importante a presença do *Time Enactus UFJF* para auxiliá-los da melhor forma possível.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todas as dificuldades, o ano de 2020 foi um marco importante para o *Time Enactus UFJF*. Após sofrermos um impacto inicial significativo com a pandemia, conseguimos nos reinventar e seguir firmes, atuando para cumprir o nosso propósito de transformar vidas através do empreendedorismo social. Cabe frisar que o cenário atual, o qual vivemos, fe-nos repensar sobre como deve ser a atuação dos nossos membros nas comunidades, com uma intensa possibilidade futura de mesclarmos o contato presencial com o formato digital. Os aprendizados obtidos durante esse ciclo serão repassados para os futuros membros, através da construção de um relatório de gestão com todos os erros e acertos, que tivemos durante o ano. Por fim, ressaltamos o crescimento e expansão do nosso Time, o qual possuía 20 membros, em 2020, e contará com 27 membros, em 2021. Uma prova dessa evolução foi a realização de um processo seletivo de forma totalmente remota, no mês de dezembro de 2020, contando com a participação de 96 inscritos, somando um total de 26 cursos diferentes de graduação e pós-graduação da UFJF. Esses dados são muito gratificantes, pois sabemos os inúmeros benefícios que uma equipe multidisciplinar pode gerar na sociedade, assim como já está sendo feito nos nossos projetos.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. *Desafios sociais e econômicos da pandemia*. 2020. Disponível em: <http://www.abc.org.br/2020/07/03/o-mundo-a-partir-do-coronavirus-desafios-sociais-e-economicos-da-pandemia/>. Acesso em: 30 dez. 2020.
- ALMEIDA, Cássia; CAPETTI, Pedro. Concentração de renda aumenta e Índice de Gini é o maior desde, 2012. Mostra pesquisa do IBGE. *O GLOBO*, Rio de Janeiro, out. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/concentracao-de-renda-aumenta-indice-de-gini-o-maior-desde-2012-mostra-pesquisa-do-ibge-24020415>. Acesso em: 30 dez. 2020.
- BARBOSA, Rogério; SOUZA, Pedro Ferreira de; SOARES, Serguei. Desigualdade de renda no Brasil de 2012 a 2019. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 16 de julho de 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/en/desigualdade-brasil/>. Acesso em: 30 dez. 2020
- BRITO, Débora. Empreendedorismo de impacto social cresce no Brasil. *Agência Brasil*. Brasília, jul. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/empreendedorismo-de-impacto-social-cresce-no-brasil>. Acesso em: 30 dez. 2020.
- DAM, Rikke Friis; SIANG, Teo Yu. *What is Design Thinking and Why Is It So Popular?* *Interaction Design Foundation*. ago. 2020. Disponível em: <https://www.interaction-design.org/literature/article/what-is-design-thinking-and-why-is-it-so-popular>. Acesso em: 30 dez. 2020.

ENACTUS BRASIL. *Conheça a Enactus*. 2020. Disponível em: <http://www.enactus.org.br/about-us/>. Acesso em: 30 dez. 2020.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. *O que o empreendedorismo social ensina sobre comunidade?* 2020. Disponível em: <https://pensegrande.org.br/noticias/318/o-que-o-empendedorismo-social-ensina-sobre-comunidade5>. Acesso em: 30 dez. 2020.

SIMON, Herbert Alexander. *The Sciences of the Artificial*. Ed. 3. Massachusetts Institute of Technology: MIT Press, 1996.

SUTHERLAND, Jeffrey Victor. *SCRUM: a arte de fazer o dobro do trabalho na metade do tempo*. ed. 2. São Paulo: Leya, 2016.

VILLAS BÔAS, Bruno. IBGE: Brasil esboçava retomar queda na desigualdade antes da pandemia. *Valor Econômico*. Rio de Janeiro, mai. 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/05/06/ibge-brasil-esboava-retomar-queda-na-desigualdade-antes-da-pandemia.ghtml>. Acesso em: 30 dez. 2020.

YUNUS, Muhammad. *Creating a World Without Poverty: Social Business and the Future of Capitalism*. ed. 1. Nova York: PublicAffairs, 2009.

YUNUS INVESTIMENTOS. *O que são negócios sociais?* 2020. Disponível em: <https://www.yunusnegociossociais.com/o-que-so-negcios-sociais>. Acesso em: 31 dez. 2020.

Núcleo de atendimento social da Faculdade de Engenharia¹

Gislaine dos Santos²

Jordan Henrique de Souza³

Natália Boliano Gonçalves⁴

¹Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia (NASFE), inserido na área de engenharia pública e educação. Este trabalho é um artigo desenvolvido pelos membros do NASFE, para apresentação do Projeto na Mostra de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

²Doutora em Engenharia Civil com especialização em Segurança do Trabalho. Professora na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Sua expertise inclui gestão de projetos de engenharia civil com foco em resiliência e segurança, relevante para o projeto "Escolas Resilientes e Mais Seguras". E-mail: gislaine.santos@ufff.br.

³Doutor em Engenharia Civil e especialização em Segurança do Trabalho e Gestão Pública, possui vasta experiência em projetos preventivos e estratégicos na construção civil e defesa civil. Professor da Faculdade de Engenharia da UFJF, com um papel ativo em treinamentos profissionais e gestão de projetos. E-mail: jordan.souza@ufff.br.

⁴Graduanda de Engenharia Civil na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista integrante do corpo discente do Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia (NASFE). E-mail: natalia.boliano@estudante.ufff.br.

Núcleo de atendimento social da Faculdade de Engenharia

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos coloniais, a desigualdade social tem sido uma realidade persistente em nosso país, muito por conta dos desiguais avanços econômicos obtidos ao longo dos séculos. Diante deste contexto, a transformação desse cenário requer esforços coordenados de diversos setores, incluindo o Estado, a sociedade e a comunidade acadêmica. O Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia (NASFE) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) é um projeto extensionista universitário que visa aplicar a engenharia em benefício das comunidades que mais necessitam, oferecendo serviços gratuitos de consultoria em projetos.

No contexto da sustentabilidade, o NASFE se enquadra no pilar da equidade social, buscando reduzir as disparidades. Com orientação de professores e parcerias com outros órgãos, estudantes de diversos cursos da UFJF prestam esses serviços. O NASFE é dividido em setores, incluindo Atendimento, Gestão de Pessoas, Qualidade e Infraestrutura, Comunicação, Projetos e NASFE-Educação. Cada setor desempenha um papel fundamental, desde a organização das solicitações até a promoção da conscientização sobre desastres entre crianças de escola pública e demais membros da comunidade escolar.

No período de 2017 a 2018, foram realizados 100 atendimentos, abrangendo projetos de usucapião, projetos proletários, regularizações e projetos arquitetônicos, mapeamento de áreas de risco e vistorias técnicas. Mesmo com recursos limitados de alunos e professores, em comparação com a alta demanda da sociedade por serviços de engenharia gratuitos, o NASFE alcançou uma produtividade satisfatória e proporcionou aos colaboradores acadêmicos uma visão prática de suas futuras responsabilidades sociais em suas profissões.

A desigualdade social no Brasil é uma preocupação persistente, apesar de o país ser rico em recursos naturais e ter uma das maiores economias do mundo. O Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas de 2017 classifica o Brasil como décimo lugar em termos de desigualdade de renda. Neste cenário, iniciativas que envolvem a colaboração entre Estado, sociedade e comunidade acadêmica surgem como uma oportunidade para reduzir as desigualdades. Essas iniciativas beneficiam a comunidade acadêmica, o Estado e a sociedade em geral, garantindo direitos e deveres anteriormente negligenciados.

O NASFE foi criado em conformidade com a Lei nº 11.888/2008, que assegura assistência técnica gratuita para habitação de interesse social (Brasil, 2008). Os solicitantes incluem pessoas com renda familiar mensal de até três salários-mínimos, oriundas de comunidades carentes e organizações sociais. Desde sua reestruturação em 2016, o NASFE busca se tornar uma referência na transformação positiva das comunidades por meio da engenharia pública, promovendo valores como aprendizado contínuo, responsabilidade social e ética.

O NASFE segue o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, estabelecido após a Constituição de 1988, promovendo o diálogo com

diversos setores da sociedade e atendendo às demandas sociais por meio da pesquisa e extensão universitária (Gonçalves, 2016).

O método de Aprendizagem Baseada em Problema (ABP) é adotado pelo NASFE, incentivando o aprendizado dos acadêmicos na resolução de problemas reais enfrentados por famílias de baixa renda em situações de vulnerabilidade social (Barrett; Moore, 2011). Além disso, o NASFE reconhece a importância de instruir a população sobre questões de desastres em colaboração com parceiros como o Corpo de Bombeiros, a Defesa Civil e o Departamento Municipal de Limpeza Urbana de Juiz de Fora.

No contexto universitário, a atuação do NASFE está alinhada ao objetivo das universidades de formar profissionais aptos a contribuir para o desenvolvimento da sociedade e promover a pesquisa e a investigação científica (BAZZO; TEIXEIRA, 2013). O NASFE reconhece que a formação de engenheiros envolve um custo social que deve ser compensado por meio de uma atuação consciente perante a sociedade.

Comparando o NASFE com outras iniciativas que envolvem o tripé ensino-pesquisa-extensão, observamos semelhanças e diferenças. Projetos como o HABITAT da Universidade Federal de Viçosa (UFV) têm semelhanças na elaboração de projetos e orientação técnica para famílias de baixa renda, mas diferem na execução da obra (Carvalho *et al.*, 2013). O NASFE envolve estudantes de oito cursos, promovendo maior interdisciplinaridade, enquanto o HABITAT envolve especificamente estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

Outra iniciativa é o Escritório de Engenharia Pública da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que compartilha pontos em comum com o NASFE, como a resolução de questões de regularização fundiária e a estruturação interna dos colaboradores (Cerqueira; Alves, 2011). No entanto, o foco do Escritório de Engenharia Pública da UEFS está mais voltado para projetos de equipamentos comunitários.

A análise comparativa entre essas iniciativas é crucial para aprimorar o processo ao longo do tempo. A parceria com empresas públicas ou privadas, a busca por soluções interdisciplinares e a criação de leis que regulamentem a assistência técnica são elementos essenciais para a eficácia desses projetos em benefício das comunidades carentes do país.

Em consonância com o conceito de desenvolvimento sustentável, que se baseia nos pilares da prudência ecológica, viabilidade econômica e equidade social, projetos como o NASFE desempenham um papel fundamental.

2 DESENVOLVIMENTO

O Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia (NASFE) desempenhou um papel fundamental no processo de aprendizado e preparação de seus alunos para a inserção no mercado de trabalho, bem como atendeu às diretrizes curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação. Esta seção explora a evolução e a estrutura do NASFE, suas atividades e métodos de atendimento, bem como os sistemas e parcerias que o núcleo estabeleceu para cumprir sua missão.

Evolução e Identidade Visual: em 2017, o NASFE passou por uma transformação significativa, incluindo o desenvolvimento de uma nova identidade visual que refletisse seus valores essenciais. Isso envolveu a modernização do logotipo e símbolo, bem como

a seleção de cores que representassem sua essência. Uma nova família tipográfica foi escolhida para melhorar a legibilidade do conjunto.

Missão e Estrutura: a missão principal do NASFE foi proporcionar assistência técnica de alta qualidade em engenharia e arquitetura para comunidades em situação de vulnerabilidade social. Além disso, o núcleo buscou desenvolver habilidades e competências práticas, éticas e profissionais em seus alunos, orientados e supervisionados por professores. A estrutura do NASFE incluiu um coordenador e um vice coordenador docentes, orientadores vinculados, docentes colaboradores externos e alunos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Artes e Design, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Ambiental e Sanitária e Serviço Social da UFJF. O envolvimento direto dos alunos em projetos práticos, desde o atendimento até a entrega final, promoveu a interdisciplinaridade e a inclusão de conhecimentos multidisciplinares.

Parcerias e Atuações: o NASFE estabeleceu parcerias estratégicas com órgãos como a Defesa Civil, o Corpo de Bombeiros, o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DEMLURB) e o Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ) da UFJF. O NPJ orientou casos que envolviam questões jurídicas, como ações de usucapião, enquanto o NASFE ofereceu orientação técnica em projetos arquitetônicos e perícias de engenharia. O núcleo foi organizado em cinco setores: Gestão de Pessoas, Qualidade e Infraestrutura, Atendimento, Projetos e Comunicação. Além disso, os membros desempenharam três diferentes papéis: supervisor, assessor e colaborador acadêmico, de acordo com seus perfis, áreas de formação e interesses.

Sistema de Gerenciamento: em 2017, o NASFE implementou o Sistema de Gerenciamento de Atendimentos (SisNasfe), um sistema *online* baseado em PHP¹, para organizar e estruturar o banco de dados de atendimentos e informações dos usuários. O sistema permitiu o cadastro de dados pessoais para atendimento, o *upload* de documentos digitalizados, a criação de rotas para visitas de campo, o acesso a imagens do *Google Maps* e *Google Street View* dos locais, a inserção de fotos de visitas e a alocação de documentação desenvolvida, incluindo plantas, desenhos, memoriais descritivos e planilhas de cálculo de fração ideal.

Processo de Atendimento: o processo de atendimento no NASFE envolveu várias etapas. O solicitante cadastrou seus dados no sistema e forneceu a documentação comprobatória, que foi verificada para inclusão na Solicitação de Atendimento (SA) no SisNasfe. O setor de atendimento entrou em contato com o solicitante para agendar uma visita de campo, na qual os alunos, supervisionados por professores orientadores, coletaram os dados necessários para a execução do projeto. Isso incluiu a criação de um memorial descritivo e uma planta de situação do lote. Após a visita, os dados foram organizados e o processo de elaboração projetual começou. Os alunos realizaram representações gráficas, incluindo croquis, medições e registros fotográficos conforme necessário. Essas atividades práticas envolveram a aplicação de conteúdos teóricos aprendidos em sala de aula e incentivaram os alunos a se envolverem nas tarefas e a adquirirem conhecimentos práticos.

Projetos e Relatórios: todos os projetos e relatórios passaram por verificações técnicas e de padronização antes de serem entregues ao solicitante. A vistoria, conforme definida em norma, envolveu uma análise minuciosa dos elementos que constituíam um

¹ Linguagem de programação utilizada por programadores e desenvolvedores para construir sites dinâmicos, extensões de integração de aplicações e agilizar no desenvolvimento de um sistema.

fato. Em caso de obras de engenharia, como construção, reforma ou demolição, a vistoria foi acompanhada por um profissional de engenharia habilitado, com a emissão de Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) no Conselho Regional de Engenharia (CREA), conforme estabelecido pela Lei Federal nº 6496 de 7 de dezembro de 1977.

Tipos de Projetos: o NASFE atendeu a uma variedade de projetos, com maior demanda para processos de usucapião, nos quais o proprietário buscava a propriedade de um terreno sem registro em seu nome. Além disso, o núcleo ofereceu serviços como elaboração de projeto elétrico, regularização arquitetônica, adaptação para acessibilidade e vistoria técnica em geral. Esses casos reais da sociedade sensibilizaram os alunos para a desigualdade social e destacaram a importância das ações públicas de Engenharia.

Capacitação e NASFE-Educação: os membros do NASFE passaram por capacitações internas ao ingressar no núcleo para desenvolver as habilidades necessárias e melhorar a qualidade e a eficiência dos projetos. Além disso, o NASFE-Educação foi incorporado para promover ações em escolas públicas, orientando e conscientizando crianças sobre questões ambientais. Essa abordagem envolveu interações sociais, cooperação grupal e desenvolvimento de habilidades interpessoais. Encontros mensais com alunos do ensino fundamental visaram despertar o interesse deles por temas ambientais, abordando causas de desastres como enchentes, incêndios florestais e deslizamentos de terra. Atividades interativas foram organizadas para envolver as crianças e alcançar metas específicas. O NASFE-Educação buscou soluções para problemas reais por meio da interação social e da conscientização ambiental das crianças, fornecendo-lhes ferramentas para compreender e enfrentar questões ambientais complexas.

3 CONCLUSÕES

A implementação da gestão organizacional setorizada, que teve início em 2017, bem como o desenvolvimento das atividades relacionadas ao Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia (NASFE) proporcionaram uma atuação mais abrangente na sociedade. Isso se tornou evidente pelo aumento significativo no número de atendimentos realizados e pelas novas iniciativas do NASFE-Educação.

Em um estudo realizado no período de janeiro de 2017 a setembro de 2018, analisando as tipologias de solicitações atendidas pelo NASFE, verificou-se que as demandas relacionadas à regularização fundiária, especialmente aquelas envolvendo o processo de Usucapião, representaram a maioria, correspondendo a 67% dos casos. Em seguida, foram as vistorias técnicas com 10%, a regularização arquitetônica com 9%, projetos arquitetônicos com 4%, verificação de medidas no terreno com 3%, e outros projetos que totalizaram 7%. Esses projetos abrangem áreas como retificação de medidas, medidas no terreno para correção de IPTU, readequação arquitetônica, projetos de drenagem e orientação técnica.

O aumento no alcance dos serviços prestados e o conseqüente aumento nos resultados obtidos podem ser atribuídos a diversas mudanças estruturais, que vão desde a reorganização dos membros do núcleo até o aumento de seu quadro, bem como ao aumento de visibilidade tanto internamente quanto externamente. O NASFE tem sido reconhecido como referência em atendimento técnico social pelos meios de comunicação, setores público e privado, o que tem contribuído para o aumento do

interesse dos estudantes em participar do núcleo, resultando em um maior potencial de atendimento à comunidade.

As iniciativas do NASFE-Educação também começaram a apresentar resultados positivos. Um exemplo disso é a parceria com a Escola Municipal Professor Augusto Gotardelo, localizada no bairro Caiçaras, em Juiz de Fora, próxima à UFJF. Durante quatro dias alternados, foram realizadas atividades lúdicas de conscientização socioambiental com 38 crianças, com idades entre 10 e 12 anos. As visitas contaram com a participação de professores, coordenadora pedagógica da escola, além do corpo de bombeiros militar do Estado de Minas Gerais e da Defesa Civil Municipal, que complementam informações sobre a temática "Aprender para Prevenir" e o subtema "Água em excesso ou escassez: igual a desastre?".

A importância dessas ações nas escolas públicas vai além da transmissão de conhecimento, pois proporciona um espaço de diálogo no qual as crianças podem expressar suas necessidades e preocupações, permitindo abordar questões relevantes em seu contexto de vida. Para os estudantes universitários envolvidos no projeto, essa experiência é fundamental para estabelecer uma conexão e um compromisso com a sociedade, além de permitir uma compreensão mais profunda de diferentes realidades e a reflexão sobre como utilizar suas futuras profissões para contribuir na solução de diversos desafios.

Neste contexto, o Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia da UFJF se apresenta como um agente de transformação social poderoso, promovendo a equidade social, um dos pilares fundamentais da sustentabilidade. Além disso, o núcleo aproveita o conhecimento disponível na própria universidade, por meio de seus colaboradores, para agir de forma proativa nas comunidades próximas, estabelecendo um diálogo constante com a sociedade.

Este estudo proporcionou uma compreensão mais profunda da alta demanda da população de Juiz de Fora, especialmente no que diz respeito à regularização fundiária, com destaque para os processos de Usucapião. O projeto de extensão universitária desempenha um papel fundamental na promoção de impactos positivos, tanto na redução das desigualdades sociais quanto no enriquecimento da formação profissional dos alunos.

O NASFE estimula a interdisciplinaridade entre estudantes e professores, tanto em campo quanto nas atividades internas do núcleo, fomentando o diálogo e a troca de conhecimento. Além disso, no contexto da educação ambiental, é crucial reconhecer o impacto que a conscientização das ações humanas pode ter no meio ambiente.

Em última análise, o Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia da UFJF se apresenta como um agente de transformação social e ambiental, promovendo a equidade social e contribuindo para uma sociedade mais sustentável e igualitária.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 13752: Perícias de engenharia na construção civil*. Rio de Janeiro: Moderna, 1996.

BARRETT, T.; MOORE, S. *New Approaches to Problem-Based Learning*. Revitalising your practice in higher education. New York: Routledge, 2011.

BARELL, J. *Problem-Based Learning. An Inquiry Approach*. Thousand Oaks: Corwin Press, 2007.

BAZZO, Walter Antonio; TEIXEIRA, Luiz Antônio do Vale. *Introdução à engenharia*. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

BRASIL. Constituição. *Lei nº 6496, de 7 de dezembro de 1977*. Brasília, DF, 7 dez. 1977. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6496.htm. Acesso em: 15 ago. 2018.

BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Constituição. *Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996*. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 15 jul. 2018.

BRASIL. Constituição. *Lei nº 11888, de 24 de dezembro de 2008*. Brasília, DF, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11888.htm. Acesso em: 10 jul. 2018.

CARVALHO, Aline Werneck Barbosa de *et al.* *A assistência técnica gratuita para o projeto de habitação de interesse social: uma experiência de aproximação entre pesquisa, ensino e extensão: EIXO 3 – Interfaces entre universidade e sociedade através do projeto: ensino, pesquisa e extensão*. 2013. Disponível em: <http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/1811/1/E3011.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2018.

CERQUEIRA, Eufrosina de Azevêdo; ALVES, Gerinaldo Costa. Relato sobre a produção técnica do escritório de engenharia pública da Universidade Estadual de Feira de Santana. *Revista Extensão em Foco*, Curitiba, n. 7, p.73-78, jul. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/32139/20434>. Acesso em: 20 jul. 2018.

COLOMBO, Luiz Antonio. Entenda os três pilares da sustentabilidade. 2014. Disponível em: <https://www.teraambiental.com.br/blog-da-tera-ambiental/entenda-os-tres-pilares-da-sustentabilidade>. Acesso em: 07 ago. 2018.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, abr. 2016. ISSN 2175-795X. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n3p1229>. Acesso em: 18 out. 2018.

JACOBI, Pedro. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, [S.l.], n. 118, p.189-205, mar. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.

LASSU - LABORATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE. *Pilares da Sustentabilidade*, São Paulo, 25 out. 2016. Disponível em: <http://www.lassu.usp.br/sustentabilidade/pilares-da-sustentabilidade/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

NÚCLEO DE ATENDIMENTO SOCIAL DA FACULDADE DE ENGENHARIA. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nasfe/quem-somos/>. Acesso em: 20 ago. 2018.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH) 2016: Desenvolvimento humano para todos*. Estocolmo, 2017. Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/dam/brazil/docs/RelatoriosDesenvolvimento/undp-br-2016-human-development-report-2017.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2018.

THIOLLENT, M.; SOARES, V.M.S. *The subject of interdisciplinarity in the production engineering*. International Conference on Education Engineering. Rio de Janeiro: ICEE, ago. 1998. CD-ROM.

Vamos falar sobre acessibilidade e inclusão? Um relato sobre uma série de *Lives* no Instagram¹

Frederico Braida²

Gabriela Cruz Rodrigues³

Letícia de Oliveira Santos⁴

Lorena Rodrigues Braga⁵

Thales Luiz de Sá Moreira⁶

¹Diretrizes para projetos de acessibilidade no interior dos edifícios da Universidade Federal de Juiz de Fora. Projeto de Extensão.

²Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador do projeto. E-mail: frederico.braida@arquitetura.ufjf.br.

³Pós-Graduação em Ambiente Construído da UFJF. Bolsista da ação de extensão. E-mail: gabriela.cruz@estudante.ufjf.br.

⁴Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFJF. Bolsista da ação de extensão. E-mail: leticia.santos@estudante.ufjf.br.

⁵Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFJF. Bolsista da ação de extensão. E-mail: lorena.braga@estudante.ufjf.br.

⁶Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFJF. Bolsista da ação de extensão. E-mail: sa.moreira@estudante.ufjf.br.

Vamos falar sobre acessibilidade e inclusão? Um relato sobre uma série de *Lives* no Instagram

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o direito de ir e vir é garantido pela constituição, assegurando a liberdade de locomoção de todos os cidadãos. Entretanto, para as pessoas com deficiências, essa realidade, muitas vezes, não é alcançada. Além da liberdade de mobilidade, nossa Carta Magna ressalta a obrigação assumida pelo Estado de proporcionar um contexto favorável para o desenvolvimento das potencialidades de cada habitante do país (Brasil, 2020a). Especificamente em relação às pessoas com deficiência, a Lei nº 13.146/2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), assegura e visa promover os direitos da pessoa com deficiência, tendo como objetivo garantir sua inclusão social e cidadania (Brasil, 2020b).

O número de pessoas com deficiência no Brasil, de acordo com o Censo de 2010, é de quase 46 milhões de brasileiros, cerca de 24% da população (IBGE, 2012), um número bastante significativo. Mesmo a quantidade de pessoas sendo expressiva e os direitos da pessoa com deficiência estarem assegurados por leis, existe um grande déficit de adesão e compreensão das medidas de acessibilidade e de inclusão por parte da população e, também, por parte das instituições. De acordo com Rosa, Braida e Cobucci (2019, p. 107), “se, por um lado, têm-se legislações atualizadas e os direitos já previstos para as pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, observa-se que grande parte dos estados brasileiros ainda não atendem de maneira adequada às necessidades da acessibilidade”.

Verifica-se, de fato, que a disseminação de informações relacionadas à acessibilidade, à inclusão social das pessoas com deficiência, à eliminação de barreiras (arquitetônicas), ao desenho universal, entre outras, perpassa por questões de educação e formação de cidadãos sensíveis a essas temáticas, os quais poderão ser multiplicadores. Para Cambiaghi (2007), estimular o debate no âmbito acadêmico contribuiria para visibilidade do tema, alcançaria de maneira mais efetiva a conscientização de docentes e também de discentes possibilitando possíveis ações que contemplassem promoções de acessibilidade em ambientes e produtos. Portanto, até o presente momento, é sempre oportuno falarmos insistentemente sobre acessibilidade e inclusão.

É neste sentido que o presente texto tem por objetivo apresentar a ação de extensão intitulada “Vamos falar sobre acessibilidade e inclusão?”, atrelada ao projeto de extensão “Diretrizes para projetos de acessibilidade no interior dos edifícios da Universidade Federal de Juiz de Fora”, vinculado aos grupos INTRA e LEAUD, à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU/UFJF) e ao Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído (PROAC/UFJF), sob a coordenação do Prof. Dr. Frederico Braida, com a participação ativa das bolsistas Gabriela Cruz Rodrigues, Letícia de Oliveira Santos e Lorena Rodrigues Braga, e do bolsista Thales Luiz de Sá Moreira, discentes tanto da FAU quanto do PROAC.

Cumpra dizer que o projeto de extensão se justifica, principalmente, pela urgente demanda por acessibilidade no interior dos edifícios da UFJF, em especial

aqueles voltados para o grande público, tais como museus, anfiteatros, teatros, etc., além dos edifícios dedicados ao ensino. Nesse sentido, o projeto se propõe a contribuir para o levantamento diagnóstico dos problemas e para a proposição de soluções a curto, médio e longo prazos.

No entanto, devido às medidas de distanciamento decorrentes do avanço da pandemia do novo coronavírus no Brasil, impondo a suspensão das atividades presenciais, o projeto precisou sofrer algumas adaptações. Diante desse quadro, abriu-se inúmeras possibilidades de articulações não cogitadas anteriormente, as quais, inclusive, potencializaram algumas abordagens que contribuíram para o alcance de parte dos objetivos inicialmente estabelecidos.

Por exemplo, com a ação “Vamos falar sobre acessibilidade e inclusão?”, pudemos discutir os temas de acessibilidade e inclusão de uma forma muito mais ampla, com o intuito de conscientizar profissionais que intervêm diretamente ou indiretamente no ambiente construído, criar conexões com pessoas de distintas partes do país, tanto de usuários quanto de profissionais, para ressignificar nosso olhar sobre as barreiras arquitetônicas presentes em nossa universidade que precisam ser demolidas.

2 METODOLOGIA

No que diz respeito especificamente à ação de extensão “Vamos falar de acessibilidade e inclusão?”, ela se caracterizou como um conjunto de *lives* realizadas por meio da rede social Instagram, através no perfil do projeto (@acessibilidade.ufjf), o qual pode ser acessado a partir do seguinte link: <https://www.instagram.com/acessibilidade.ufjf>. A escolha dessa rede social se deu em função de esse formato de comunicação ter se popularizado muito, sobretudo durante a pandemia, potencializando o alcance de um público diverso, capaz de assistir tanto às transmissões ao vivo quanto às gravações.

Ao todo, foram realizadas nove *lives*, ocorridas entre os dias 9 a 19 de novembro de 2020, sempre às 19 horas. Cada *live* teve duração aproximada de 30 minutos e foi mediada por um integrante do grupo, membros dos projetos de extensão intitulados “Diretrizes para projetos de acessibilidade no interior dos edifícios da Universidade Federal de Juiz de Fora” e “UFJF para tod@s: estratégias de inclusão social e de acessibilidade no interior das edificações da universidade”.

As *lives* foram organizadas em formato de entrevistas semiestruturadas, previamente acordadas entre os membros do projeto e os convidados. Quanto aos entrevistados, foram convidados profissionais que atuam na área de acessibilidade, professores com projetos sobre o tema e/ou pessoas que vivenciam diariamente os problemas de uma cidade/ambiente não acessível.

Ressalta-se que os entrevistados foram escolhidos pelos bolsistas e as perguntas foram elaboradas em parceria com os convidados, sob orientação do professor Frederico Braidá. A escolha dos convidados teve caráter interdisciplinar, uma vez que, dentro do corpo participante, tiveram profissionais da área do Design, Arquitetura e Urbanismo e ainda, o relato de pessoas com deficiência.

Uma vez que o projeto de extensão teve início já no período de distanciamento social, todos os encontros e reuniões do projeto de extensão e de preparação da ação relatada neste texto foram realizados no formato remoto e síncrono, por meio da plataforma *Google Meet*, disponibilizada pela UFJF. Apesar da distância entre os

participantes, que interferiu no projeto inicialmente proposto, o grupo assumiu como parte da metodologia o próprio distanciamento e as potencialidades dos encontros mediados pelas tecnologias digitais, promovendo o intercâmbio de informações entre diversas faculdades no Brasil, a troca de experiências e o encontro entre pessoas de diferentes estados.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Podemos perceber que a pandemia de COVID-19, aliada ao distanciamento social, provocou transformações quanto às relações humanas, intensificou o uso de recursos tecnológicos e exigiu adequações no modo de trabalhar e estudar. Diante desse contexto, para manter as atividades de extensão, houve a necessidade de adaptar o projeto ao desenvolvimento remoto.

Assim, com o objetivo de discutir acessibilidade e inclusão social, bem como de conhecer o trabalho de outros núcleos extensionistas acerca dessa temática, é que foi proposta a ação “Vamos falar sobre acessibilidade e inclusão?”.

Para a divulgação das *lives*, foi preparado um material gráfico, o qual foi veiculado com antecedência. As imagens continham informações, tais como: nomes e fotos do mediador e do convidado, a formação acadêmica do entrevistado e as logomarcas das instituições apoiadoras do evento. O Quadro 1 apresenta um resumo de todas as *lives*.

Quadro 1 – Descrição das *lives*

Data	Mediador(a)	Convidado(a)	Tema geral	Descrição
09/11/20	Letícia Santos	Bruna Ramalho Sarmento	“Acessibilidade para todos”	Foram discutidos o conceito de acessibilidade e sua importância na prática projetual. Além disso, a convidada descreveu brevemente sobre o trabalho realizado no Lacesse e falou sobre o livro "Tecendo Pontes: interfaces e lugares de acessibilidade".
10/11/20	Laura Guilherme	Myrtes Raposo	“Acessibilidade e Ergonomia”	A convidada abordou suas experiências profissionais na área do Design e relacionou a temática da Ergonomia e sua importância no ensino de arquitetura e urbanismo.

11/11/20	Cleyton Rosa	Márcia Rangel	“Ergonomia e Cor”	Como temática central, a convidada abordou a influência da cor nos ambientes construídos, bem como a sua relação com usuário e com as necessidades do espaço. E, ainda discutiu-se o papel do arquiteto, do urbanista e do designer na prática projetual.
12/11/20	Lorena Braga	Isabela Fernandes Andrade	"Acessibilidade, Patrimônio Histórico e Orientação Espacial"	Foi abordada a importância do conceito de acessibilidade aplicado à Arquitetura e ao Urbanismo e as linhas de pesquisa da convidada, relacionadas à temática, tendo em vista a pesquisa em edificações históricas e o estudo sobre ambientes complexos.
13/11/20	Gabriela Rodrigues	Luciene Gomes	“Desenho Universal e sua naturalização”	Foram expostas a visão pessoal e profissional da arquiteta e urbanista, doutora em terapia ocupacional, sobre as temáticas que envolvem o Desenho Universal.
16/11/20	Frederico Braida	Míriam Dias	“Acessibilidade e Inclusão Social com Ênfase no Ambiente Universitário”	Foram expostas experiências profissionais da arquiteta e urbanista enquanto membro do Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI UFJF), abordando acerca do trabalho desenvolvido

				<p>nesta instância, que busca garantir a acessibilidade e inclusão aos discentes da instituição. Além disso, foram levantadas discussões sobre pesquisa de mestrado da profissional, que abordou também a temática acessibilidade.</p>
17/11/20	Vinicius Santos	Eduardo Souza	“Acessibilidade no ambiente urbano, com ênfase em pesquisa”	<p>Uma entrevista com um dos editores do site ArchDaily. Entre as principais falas, a que mais se destacou foi o tema sobre o programa “Calçada Certa”, no qual realizou-se a reforma das calçadas de Florianópolis.</p>
18/11/20	Gabriel Prado	Thaísa Sampaio Sarmento	“Acessibilidade no Ambiente Escolar”	<p>A <i>live</i> pautou as pesquisas e vivências da convidada no que se diz respeito à acessibilidade em ambientes educacionais. Nesse sentido, foi discutida a condição real das escolas brasileiras e a importância do arquiteto e do urbanista para se promover a inclusão em tais ambientes.</p>
19/11/20	Thales Moreira	Alaine de Oliveira	“A acessibilidade do outro e o dever de todos”	<p>A <i>live</i> tratou a importância da acessibilidade, a visão de Alaine, que é cadeirante, em relação</p>

				às barreiras arquitetônicas e às dificuldades enfrentadas por ela, tanto no <i>campus</i> da UFJF em Governador Valadares, quanto na própria cidade. O evento também contou com a participação de Regina Kelmann, professora orientadora do projeto tema da <i>live</i> .
--	--	--	--	---

Fonte: equipe do projeto

Por meio do Quadro 1, pode-se observar que foi abordada uma grande diversidade de temas, os quais, de certa forma, dialogaram uns com os outros e propuseram um olhar para a acessibilidade e para a necessidade de eliminação das barreiras físicas, despertando a atenção de todos os ouvintes, e, especialmente dos bolsistas, sobre a importância da inclusão social das pessoas com deficiência.

No que diz respeito ao aparato tecnológico e do meio de comunicação utilizados, ressalta-se que, com a pandemia, também foi necessário o desenvolvimento de novas habilidades e competências. Nesse sentido, pode-se mencionar o grande engajamento dos bolsistas na seleção dos entrevistados, no estudo de suas biografias e construção de um roteiro de entrevista, o domínio e gerenciamento da transmissão ao vivo etc.

Pode-se mencionar, também, algumas intercorrências e limitações inerentes ao uso da internet e do próprio Instagram, como, por exemplo, a instabilidade da rede, influenciando na qualidade da transmissão, a impossibilidade de se colocar legenda na transmissão ao vivo, a proibição da presença de um número superior a duas pessoas na tela, impossibilitando o apoio de tradutores e intérpretes de Libras (TIL).

Contudo, mesmo com essas limitações, foi possível perceber a importância da troca de saberes para a construção do conhecimento, permitindo que múltiplas abordagens fossem apresentadas e discutidas, contribuindo para a formação dos bolsistas da extensão e para os demais espectadores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo diante de tantas adversidades do momento, pode-se constatar que, com essa ação relatada, o grupo vinculado ao projeto “Diretrizes para projetos de acessibilidade no interior dos edifícios da Universidade Federal de Juiz de Fora” permaneceu coerente ao seu propósito de refletir sobre a acessibilidade e buscar possibilidades de eliminação das barreiras arquitetônicas na UFJF, levando à sociedade informação sobre a temática tratada e buscando formas de sensibilização das pessoas.

É nesse sentido que ressaltamos que a escolha da rede social Instagram se mostrou como uma aliada, pois, além das transmissões ao vivo, o conteúdo continua disponível podendo ser acessado a qualquer momento. Com as *lives*, encontrou-se uma

interessante alternativa para driblar o momento pandêmico e levar conhecimento à sociedade, trazendo aprendizado tanto para os espectadores, quanto para os próprios mediadores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa de 1988*. Brasília. 2020a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. 2020b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 15 jan. 2021.

CAMBIAGHI, S. *Desenho Universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

IBGE. *Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião*. 2012. Disponível em: encurtador.com.br/ailqZ. Acesso em: 14 jan. 2021.

ROSA, Cleyton Luiz da Silva; BRAIDA, Frederico; COBUCCI, Natália. A cultura da inclusão social no território da universidade: um olhar sobre a acessibilidade a partir de uma perspectiva da indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão. *ANAP Brasil*. São Paulo, v. 12, n. 25, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/mrvF9. Acesso em: 15 jan. 2021.

A efetividade da terapia cognitivo-comportamental de grupo em pacientes com fobia social: pesquisa e extensão¹

Andressa Helena Quirino²
Gabriele Santos de Amorim³
Lelio Moura Lourenço⁴

¹A efetividade da terapia cognitivo-comportamental de grupo em pacientes com fobia social: pesquisa e extensão. Projeto de Tímidos. Projeto de Extensão.

²Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: andressah.quirino@hotmail.com.

³Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: gabriele.amorim72@gmail.com.

⁴Docente da Faculdade de Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: leliomlourengo@gmail.com.

A efetividade da terapia cognitivo-comportamental de grupo em pacientes com fobia social: pesquisa e extensão

1 INTRODUÇÃO

O transtorno de ansiedade social (TAS) é definido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) como, medo ou ansiedade clinicamente significativa, provocados pela exposição a certos tipos de situações sociais (APA, 2014). Também conhecido como Fobia Social (FS) pode ser considerado um fator de risco para o desenvolvimento humano, pois pode acarretar prejuízos graves em diferentes áreas da vida do indivíduo, como trabalho, escolaridade e atividades sociais (D'el Rey & Pacini, 2005). Os medos relacionados à exposição são, dentre outros, de ser observado pelas outras pessoas, interagir com estranhos ou pessoas do sexo oposto, ser o centro das atenções, comer, beber ou escrever em público, usar banheiros públicos. Essas situações quando não podem ser evitadas geralmente vêm acompanhadas por uma grande ansiedade e, às vezes, também por sintomas como palpitação, rubor, tremor, diarreia, tensão muscular, sudorese, medo excessivo e imensurável de um objeto ou situação, e ausência de sintomas ansiosos quando longe da situação fóbica (Nardi, 2000).

Atualmente, as formas terapêuticas reconhecidas para o tratamento da FS são a farmacoterapia e a terapia cognitiva e/ou comportamental (TCC), pois se mostram eficazes na redução de ansiedade social em indivíduos com TAS (D'el Rey & Pacini, 2006; Muluno, Menezes, Fontenelle & Versiane, 2009). A TCC em grupo se destaca ainda mais, sendo referenciado como o mais apropriado e vantajoso, pois proporciona ao indivíduo a estimulação e contato social, evitando ainda mais o isolamento (Hofmann, 2004).

O projeto de pesquisa e extensão “A efetividade da terapia cognitivo-comportamental de grupo em pacientes com fobia social” faz parte das atividades do Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social (NEVAS) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. O projeto atende a população juizforana maior de 18 anos que busca atendimento por conta da FS e foi realizado durante muito tempo no formato descrito por D'el Rey, Greenberg, Husni e Cejkinski (2007), devido a efetividade apresentada pelos participantes do grupo de intervenção superior ao controle, que haviam se baseado no protocolo de tratamento utilizado na Temple University por Heimberg (2002). Porém, nos últimos anos está sendo trabalhado no projeto a criação de um novo protocolo a fim de adequá-lo à realidade brasileira, assim, tendo como objetivo dimensionar os escores dos instrumentos de rastreio antes e depois da intervenção dos grupos de indivíduos com TAS por meio da intervenção com TCCG, verificando, desta forma, a eficácia dos mesmos na diminuição dos sintomas ansiosos, desenvolvimento de novas habilidades sociais, bem como aumento da funcionalidade em situações sociais de interação e desempenho. Assim sendo, contribui para a geração de conhecimento técnico e acadêmico, bem como o aprendizado de técnicas e métodos científicos. Além de também proporcionar aos participantes alívio em seus sintomas ansiosos acarretando em uma melhora na qualidade de vida e no bem-estar biopsicossocial.

Por conta da construção do nosso próprio protocolo, o grupo de tímidos foi interrompido durante alguns meses, com o objetivo de reestruturar toda a dinâmica do

grupo e construir as estratégias e técnicas que seriam adotadas no novo protocolo. No final de 2019 foram realizados dois grupos pilotos com o novo protocolo, porém, por conta da pandemia da COVID-19 e o isolamento social que se seguiu, todas as atividades presenciais foram interrompidas. Dessa forma, o presente documento trata-se do relato das bolsistas do projeto de pesquisa e extensão 'A efetividade da terapia cognitivo-comportamental de grupo em pacientes com fobia social' sobre as atividades realizadas em 2020 no contexto da pandemia de COVID-19.

2 METODOLOGIA

Como dito anteriormente, a pandemia impossibilitou a realização presencial de todas as atividades do núcleo, incluindo os atendimentos e intervenções de Terapia Cognitivo-Comportamental em Grupo (TCCG) para ansiosos sociais, principal foco do projeto. Assim, a continuidade do Projeto no ano de 2020 se deteve na reestruturação/adaptação/construção de um protocolo para esse tipo de atendimento, como também produção de um Regimento Interno para o núcleo, desenvolvimento de uma rede social para a divulgação do projeto e início de produção de artigos para posterior publicação.

Para que fosse possível a produção do protocolo, ocorreu a busca por estudos e métodos de intervenções com base na Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC), assim como a realização de reuniões semanais com duração de duas horas desde o início de abril por meio de plataformas *online* de chamada de vídeo para discussão das etapas de intervenções estruturadas para o protocolo. A atualização dos instrumentos para realização da seleção dos participantes foi abordada de acordo com o órgão da SATEPSI, responsável pela avaliação da qualidade dos testes para uso profissional. Para essas questões, houve a participação de alunos da graduação, voluntários, alunos da pós-graduação, profissionais da área de Psicologia e o coordenador do Núcleo para a continuidade da produção durante o mesmo período.

A participação se deu por meio da busca por materiais acadêmicos e técnicos para possível atualização do protocolo, assim como discussão durante as reuniões para melhor estruturação em acordo com todos. Semelhante, a produção do Regime Interno também teve discussão semanal sobre sua estrutura e conteúdo. A elaboração dos artigos teve participação de todos os integrantes do projeto que foram divididos entre os artigos propostos para sua produção, tendo busca em banco de dados *online* (Biblioteca Virtual em Saúde [BVS], SciELO, Web of Science, PsycInfo, Redalyc, Pepsic, Scopus). Além disso, a produção e desenvolvimento de uma rede social para divulgação do núcleo e projeto foram através do Instagram organizado pelas bolsistas que se encarregam de realizar conteúdo sobre o Projeto e assuntos relacionados.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

O Projeto "A efetividade da terapia cognitivo-comportamental de grupo em pacientes com fobia social: pesquisa e extensão", também nomeado "Projeto Tímidos" ao público, possui o intuito e realiza intervenções em grupos de pessoas que possuem Ansiedade Social, sendo realizadas primeiramente uma triagem para melhor compreensão e averiguar se o caso da pessoa se encaixa no quadro. Ademais, reuniões semanais normalmente são realizadas para discussão sobre as intervenções realizadas

e outras atividades do projeto, como sua divulgação, a construção do protocolo para intervenção, a produção de artigos acadêmicos e o debate sobre eles, assim como questões referentes ao Núcleo.

O ano de 2020 era de grandes expectativas para a pesquisa, pois seria aberto novos grupos terapêuticos já com o novo protocolo em uso, e tais grupos seriam fontes de estudo de outras pesquisas de mestrado e doutorado dentro do núcleo. Devido à Pandemia e o isolamento social que se seguiu, a realização das intervenções grupais e demais atividades presenciais foram suspensas. Assim, o foco do projeto foi para a construção/reestruturação/elaboração do protocolo de intervenção para melhorar a eficácia das intervenções realizadas e para eventual publicação. Para que fosse possível a continuidade de outras atividades, a partir do mês de Abril, reuniões semanais *online* por meio de plataformas de chamada de vídeo foram utilizadas com o objetivo de manter uma melhor comunicação e discussão de questões referentes às atividades do Projeto.

Compreendida a efetividade das técnicas de cognitivas e/ou comportamentais da terapia cognitivo-comportamental de grupo, a melhora do protocolo de intervenção nos grupos de ansiosos sociais esteve com mais ênfase durante as semanas e nas reuniões *online*, sendo realizadas discussões construtivas, averiguação de incoerências ou partes desnecessárias/inefizes na estrutura de cada sessão de intervenção. O material utilizado para essa construção adveio de livros teóricos, artigos acadêmicos e técnicas comprovadas de eficiência nas intervenções que foram almejadas. Infelizmente, algumas das pesquisas de mestrados e doutorandos do núcleo que dependiam das atividades presenciais, principalmente do grupo de tímidos, tiveram que passar por uma adequação, tendo alguns deles que mudar completamente seu objeto de estudo. Com os grupos terapêuticos interrompidos por tempo indeterminado, os participantes foram colocados em uma lista de espera e notificados da situação. Ademais, tivemos a procura por eventos *online* na área da Psicologia para a submissão do trabalho produzido pelo Projeto, como o congresso produzido pela Associação Juizforana de Estudantes de Psicologia, “XVII Encontro Juizforano de Psicologia – Toda psicologia é social: Suas interfaces na Contemporaneidade” e o “50ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia”, foram visados para participação e realização, com a produção do material e preparação de sua apresentação *online*.

Não obstante, foi dada continuidade à produção de artigos voltados para a área da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), Terapia Cognitivo-Comportamental em Grupo (TCCG), Transtorno de Ansiedade Social (TAS), Fobia Social (FS) e Habilidades Sociais (HS), para posterior submissão às revistas acadêmicas. Dessa forma, foi realizada a busca em bancos de dados *online* (Biblioteca Virtual em Saúde [BVS], SciELO, Web of Science, PsycInfo, Redalyc, Pepsic, Scopus) a respeito dos temas anteriormente citados para o início da produção de cinco artigos, estes que ainda estão em fase de produção. Esses artigos foram divididos entre os integrantes do projeto para melhor distribuição das funções e otimização do tempo.

Ademais, foi realizada a construção de uma rede social para divulgação do Núcleo e do Projeto em si, com o objetivo de manter o contato com os alunos da faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, assim como com a população da cidade de Juiz de Fora e outras que não tinham conhecimento das intervenções possibilitadas pelo projeto. A rede social da página do Instagram vem realizando publicações a respeito das Linhas de Pesquisa do Núcleo, trabalhos

acadêmicos de pós-graduandos, informações sobre conceitos e transtornos que se enquadram nas diretrizes. Ademais, a produção de mini-cursos foi estruturada e realizada, tendo como tema a Revisão Sistemática de Literatura, aberta ao público e ministrada por um dos pesquisadores integrante do Núcleo, sendo divulgada, organizada e coordenada a sua ação pelas bolsistas do Projeto com auxílio do coordenador do Núcleo. Ainda, para que seja possível uma melhor compreensão e realização das funções e atividades, foi produzido um Regulamento Interno do Núcleo com a participação dos integrantes, buscando pontuar de forma clara e objetiva pontos antes considerados confusos.

A produção dos artigos ainda se encontra em andamento, assim como a produção do protocolo, tendo sido realizado de forma completa o Minicurso de Revisão Sistemática de Literatura e a construção do Regulamento Interno, tendo ainda a manutenção e controle da rede social no Instagram de forma constante. A necessidade de realizar as reuniões de forma *online* impossibilita a participação de alguns integrantes devido a internet instável ou falta dela, por vezes. Todavia, é feita a Ata no momento da reunião que, posteriormente, é disponibilizada no grupo do Whatsapp para que todos os integrantes possam ter acesso ao que fora discutido e, dessa forma, também poder fazer pontuações sobre o assunto.

Em discussão em reunião *online*, foi decidido de comum acordo que, nas atuais circunstâncias, estamos impossibilitados de realizar intervenções no Grupo de Tímidos de forma *online*, devido a intervenções de exposição necessárias e importantes de serem realizadas de forma presencial para melhor compreensão e envolvimento do paciente, assim como sua inserção no grupo, como Hofmann (2004) mostra em seu estudo as vantagens dessa estimulação e relacionamento, foi um obstáculo que, apesar de dificultar a continuidade de grupo, deu oportunidade de haver mais foco na atualização do protocolo para melhores resultados. Apesar disso, a pandemia e o isolamento social, trouxe como questionamento do projeto esta lacuna de intervenção *online* e nos faz pensar em outros métodos para conseguir chegar a população de maneira eficiente mas também de forma *online*. Por isso, após o término definitivo da construção do protocolo atual, é de interesse do projeto estudar a possibilidade de também dar início a construção de um protocolo de intervenção de terapia cognitivo-comportamental em grupo *online*. Ainda, a divulgação do projeto por meio do seu perfil no Instagram pelas bolsistas mostrou ser de grande valia, uma vez que mais pessoas, senão aquelas da faculdade de Psicologia, puderam ter conhecimento sobre ele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, apesar de a pandemia ter impedido a realização prática presencial do Grupo de Tímidos, com intervenções eficientes em pessoas com ansiedade social (fobia social), possibilitou a reestruturação/atualização do protocolo para tal. Assim, na realização de novos grupos futuros, são esperados resultados eficazes através do uso deste protocolo, que seja de valia para o conhecimento e prática profissional.

Ademais, a necessidade de uma nova forma de organizar as atividades do projeto deu oportunidade a uma maior interação entre os membros, uma vez que o espaço estava mais aberto para ideias que poderiam ser aplicadas no momento atual em que é necessário ter ações mediadas por meios tecnológicos. O uso da internet e, principalmente, de redes sociais, trouxe ganhos em relação à maior visibilidade do

projeto, assim como do núcleo Nevas, através da divulgação de informações e projetos realizados. Assim, além de trazer maior experiência para as bolsistas sobre o manuseio de redes sociais e divulgação, a internet foi de grande subsídio para a realização do minicurso organizado, que visou o ensino de pesquisa de revisão sistemática, conhecimento importante para bases de pesquisa futuras.

Assim, as adaptações necessárias para dar-se continuidade às atividades do projeto exigiram inovação e flexibilidade na atuação das bolsistas e demais membros que participaram. Ainda, compreendendo a continuidade da situação mundial em isolamento por certo período de tempo futuro, a reorganização da produção de atividades porvir no intuito de manter o projeto e pesquisa de forma ativa e com resultados eficientes mantiveram as linhas de estratégia comentadas acima.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora, 2014.

D'EL REY, Gustavo J. Fonseca; PACINI, Carla Alessandra. Tratamento da fobia social circunscrita por exposição ao vivo e reestruturação cognitiva. *Archives of Clinical Psychiatry*, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 231-235, 2005.

D'EL REY, Gustavo J. Fonseca; PACINI, Carla Alessandra. Terapia cognitivo-comportamental da fobia social: modelos e técnicas. *Psicologia em estudo*, v. 11, n. 2, p. 269-275, 2006.

D'EL REY, Gustavo J. Fonseca *et al.* Terapia cognitivo-comportamental de grupo no tratamento da fobia social generalizada. *Psicologia argumento*, v. 25, n. 50, p. 305-311, 2017.

HEIMBERG, Richard G. Cognitive-behavioral therapy for social anxiety disorder: current status and future directions. *Biological psychiatry*, v. 51, n. 1, p. 101-108, 2002.

HOFMANN, Stefan G. Cognitive mediation of treatment change in social phobia. *Journal of consulting and clinical psychology*, v. 72, n. 3, p. 392, 2004.

MULULO, Sara Costa Cabral *et al.* Eficácia do tratamento cognitivo e/ou comportamental para o transtorno de ansiedade social. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 31, n. 3, p. 177-186, 2009.

NARDI, Antonio Egidio. Transtorno de ansiedade social: fobia social, a timidez patológica. *In: Transtorno de ansiedade social: fobia social, a timidez patológica*. 2000.

Comunidade saudável

Márcio José Martins Alves¹

Francieli do Carmo Pereira Oliveira²

Marina Nogueira Henriques de Oliveira³

Julia Lobato⁴

Edmar Casimiro⁵

¹Mestre em Engenharia Biomédica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UFF). Professor associado da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: marcio.alves@ufjf.br.

²Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: francielimed109@gmail.com.

³Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: marina.nho@gmail.com.

⁴Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: marcio.alves@ufjf.br.

⁵Instituto Dom. E-mail: edmarufjf@gmail.com.

Comunidade Saudável

1 INTRODUÇÃO

Comunidade Saudável é um projeto de extensão do Programa Boa Vizinhança da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora (PROEX UFJF). As ações, voltadas para jovens de 7 a 14 anos em situação de vulnerabilidade social da região do CRAS Centro e suas famílias, acontecem no Instituto Dom Orione – instituição religiosa prestadora do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo para o bairro Dom Bosco, situada na área de entorno da faculdade de medicina da UFJF.

Diante das barreiras organizacionais e socioculturais observadas, o projeto visa facilitar o acesso desses jovens e de seus familiares ao serviço de saúde, transformando a UBS Dom Bosco em sua porta de entrada, já que a unidade ainda não possui Estratégia de Saúde da Família. Os atendimentos eram realizados semanalmente, agendados diretamente com as mães, ou com a supervisora da UBS Dom Bosco. Há, ainda, o contato com ONGs atuantes no bairro, ampliando as inserções na comunidade e a participação em reuniões mensais da rede CRAS Centro, espaço de gestão dos programas e abordagens socioassistenciais individualizadas.

As ações do projeto obedecem às demandas apresentadas pelos próprios jovens, seus responsáveis e as Assistentes Sociais, além de considerar a realidade local. Temas como Educação Sexual, Higiene e Violência estão em constante pauta.

O contato inicial das famílias com o projeto ocorreu em outubro de 2018, no evento de conscientização sobre outubro rosa. Abordou-se a prevenção de câncer de colo uterino, câncer de mama e de Infecções Sexualmente Transmissíveis, além da aferição de pressão e agendamento de consultas na UBS.

A elaboração dos planos de cuidado para famílias em risco social propicia aos integrantes do projeto compreender as complexas interações, que atuam nas condições de vida e saúde dessas pessoas. Objetivando a superação da fragmentação do conhecimento e das estruturas sociais, a intersectorialidade surge como uma nova forma de trabalhar, governar e construir políticas públicas. Espera-se assim produzir efeitos mais significativos na resolução dos problemas e necessidades da comunidade.

2 METODOLOGIA

Desenvolveu atividades educativas sobre saúde, com as crianças e adolescentes atendidos, além de ter elaborado planos de cuidados integrais para as suas famílias com os parceiros do Instituto Dom Orione e os equipamentos da PJJ no território, em especial, a UAPS Dom Bosco e as escolas públicas da região.

Houve a integração com os serviços básicos de saúde, CRAS e as escolas, associações de moradores e com os pontos de cultura, esporte e lazer do território sócio-assistencial.

2.1 Ações do Projeto no ano de 2019

- Acolhimento das mães das crianças e jovens assistidos pelo Instituto Dom Orione (IDO);

- Exames médicos: exames de acuidade visual, consultas na UBS Dom Bosco;
- Atendimento da comunidade do Dom Bosco na UBS local;
- Parceria com oficinas de leitura do Projeto Boa Vizinhança;
- Preenchimento da Caderneta da Saúde das crianças e jovens do IDO;
- Promoção da Saúde por meio de hábitos saudáveis em alimentação – piquenique no Dom Orião;

Figuras 2a e 2b – Alunas na Faculdade de Medicina da UFJF na promoção de saúde no Mutirão da Cidadania no Dom Bosco



Fonte: fornecidas pelos próprios autores.

Figuras 2c e 2d – Ações de saúde realizadas no Mutirão da Cidadania



Fonte: fornecidas pelos próprios autores.

2.2 Ações do Projeto no ano de 2020

Em março de 2020 fomos surpreendidos pela pandemia causada pelo novo coronavírus. Nesse cenário, parte de nossas atividades foram suspensas. Contudo, o coordenador do projeto buscou estratégias para continuar assistindo a população nesse momento, a partir do:

- Acompanhamento dos pacientes assistidos desde antes da pandemia;
- Consultas realizadas por chamada de vídeo em decorrência da pandemia;
- Ação solidária 2020: Dom Bosco contra a COVID-19 – cadastro e a entrega de cestas básicas com os grupos Dom e Amargem;

Nossa intenção inicial era alcançar 200 famílias, que se encontravam fragilizadas para suportar a pandemia. Mas com a grande adesão de parceiros conseguimos, até o

momento (data do último cadastro), atender 436 famílias com pelo menos 1 cesta básica e 1 kit de higiene e limpeza e máscaras, assistindo assim, um total de 1726 pessoas, durante três meses.

Esses mantimentos tiveram toda a sua coleta, armazenamento e distribuição pautadas pelo rigor sanitário, pois houve treinamento previamente oferecido a todos os voluntários na prevenção da COVID com ajuda na aquisição do material de proteção.

As entregas foram monitoradas pelas listas fornecidas pelas planilhas tabuladas pelo formulário Google, criados pela equipe gestora da ação e desenvolvido no google formulário pelo professor. As reuniões de equipe eram realizadas pelo aplicativo Google Meet, através do Google Suite do projeto, com isso propiciando o aprendizado significativo dos alunos e parceiros da comunidade em gestão de projetos sociais. Levamos também conscientização e informação através de informativos, livros infantis e folhetos de instrução para uso das máscaras.

As contribuições ainda vêm sendo feitas com a entrega de cestas básicas e kits de higiene e limpeza e/ou transferência bancária nas contas cadastradas dos projetos, com parceria do Independência Shopping, acionada pelo coletivo Amargen. A ação específica e emergencial de combate e prevenção à COVID-19 é uma parceria entre o Projeto Amargen, grupo Dom, Projeto Comunidade Saudável – UFJF e outras pessoas muito importantes com histórico de envolvimento nos projetos e no bairro.

Figuras 3a e 3b – Ação solidária no Dom Bosco contra a COVID-19 – cadastro e a entrega de cestas básicas com os grupos Dom e Amargen e do Projeto Um Aperto de Mama



Fonte: fornecidas pelos próprios autores.

- Participação dos coletivos Dom e Amargen na reunião da Rede Sesc;

Foi realizado, no dia 18/08/2020, o segundo encontro virtual Rede Talks, pelo aplicativo Microsoft Teams. No encontro virtual, foi apresentado um projeto de impacto social no momento da pandemia, através dos coletivos DOM e AMARGEN.

Figuras 4a e 4b – Participação do Projeto Comunidade Saudável na Reunião virtual da Rede Sesc no contexto da Pandemia



Fonte: fornecidas pelos próprios autores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as ações desenvolvidas em conjunto com parceiros, o Projeto Comunidade Saudável conseguiu realizar a prevenção de doenças e a promoção de saúde na comunidade, além de permitir grande aprendizado para as alunas em formação pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Figura 5 – Alunas do Projeto Comunidade Saudável Francieli e Marina com o Professor e Orientador Márcio



Fonte: fornecidas pelos próprios autores.

A partir de alguns depoimentos, pode-se notar a importância do projeto e das ações realizadas no Instituto Dom Orione e no bairro Dom Bosco:

4 DEPOIMENTOS

O Projeto Comunidade Saudável desenvolvido no Instituto Profissional Dom Orione, por meio de parceria entre o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SDS/PJF e o Programa Boa Vizinhança – UFJF, tem trazido ótimos resultados para as crianças e adolescentes que são atendidos no Instituto.

“Ao longo do tempo, em que este projeto está sendo executado percebe-se a importância dessa atividade junto aos educandos, pois este Projeto traz temas importantes como o cuidado com o corpo, hábitos de higiene pessoal, entre outros temas abordados. Ressalta-se a boa interação entre os educando e os executores (bolsistas) das atividades, os quais trazem de forma lúdica temas tão relevantes. Importante ressaltar também que o projeto é executado não só com atividades com as crianças e adolescentes no Instituto, mas também é executado como um importante viés, que visa propiciar aos educandos e suas famílias o encaminhamento à UBS do bairro.” Maria do Carmo P. Almeida – coordenadora do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)/ Secretaria de Desenvolvimento Social (SDS).

“O projeto Comunidade Saudável foi importante na condução dos debates sobre saúde com os usuários do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no Instituto Dom Orione. Atuou também de maneira auxiliar no acompanhamento dos outros projetos desenvolvidos no Instituto e no encaminhamento dos usuários do Serviço junto à UAPS do Bairro Dom Bosco.” José Rafael Monteiro, Educador Social do Instituto Dom Orione.

“Participar do Projeto Comunidade Saudável foi um presente na minha vida e na minha formação. A partir das atividades desenvolvidas com as crianças e suas famílias, pude entender o verdadeiro conceito da integralidade em saúde e como as ações preventivas são importantes no cuidado com a comunidade. Vivenciar a Saúde Coletiva e conseguir aplicar todo conhecimento teórico adquirido nas aulas de “Atenção Primária à Saúde” permitiu-me aprender muito, não só como aluna de medicina e futura profissional, mas como cidadã. Além disso, toda a criação de vínculos com as crianças/adolescentes e suas famílias e conversas com os profissionais do Instituto Dom Orione permitiram-me conhecer os anseios das crianças e adolescentes, suas necessidades, seus sonhos e assim buscar juntamente com o professor Márcio e demais integrantes do projeto estratégias importantes para promoção e prevenção da saúde na comunidade. Sou muito grata por essa oportunidade e levarei o sorriso de cada uma das pessoas, com as quais tive contato no meu coração, assim como o conceito ampliado de saúde para minha vida profissional.” Marina Nogueira Henriques de Oliveira – Estudante de Medicina da UFJF e integrante do Projeto *Comunidade Saudável*.”

“Participar do projeto "Comunidade Saudável" durante o curso de medicina foi um alento para os dias difíceis. Em meio a tanto aprendizado técnico, importante para minha prática futura, aprender a lidar com o ser humano, inserido em seu contexto, lidando frente a frente com as intercorrências da vida real, foi o aprendizado mais sutil que eu poderia ter. Adentrar uma comunidade, conhecer sua organização e a forma como ela própria se cuida e a partir disso ofertar acesso à saúde baseada em evidência, foi um privilégio para minha formação. Hoje, já próximo de receber em minhas mãos a responsabilidade de ser médica, trago comigo a certeza de que a troca de vivências que existe dentro de um projeto de extensão nos transforma como indivíduos e futuros agentes de promoção de saúde. Agradeço imensamente pela oportunidade de tanto aprendizado!” Francieli do Carmo Pereira Oliveira – Estudante de Medicina da UFJF e integrante do Projeto *Comunidade Saudável*.”

5 PARCEIROS

- Projetos de Extensão Boa Vizinhança, que atuam no Instituto Dom Orione (IDO) ou na comunidade do Dom Bosco: Roda de conversas no Dom; Projeto *Oficina de escrita e reescrita de textos para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental* Prof.^a Suzana Lima
- Faculdade de Medicina UFJF – Marina Nogueira, Francieli Oliveira, Júlia
- Instituto Dom Orione – José Rafael Monteiro, Maria do Carmo P. Almeida, Priscilla Fonseca
- Grupo Dom / Amargem – Edmar
- CRAS Centro – Valéria
- Casa da Amizade, Lions, ADPI (Ângela Macedo), Departamento de Parasitologia (Prof. Aripuanã Watanabe) Departamento de Botânica (Prof. Daniel Pimenta), Empresa Jr. da Nutrição, Mutirão da Saúde da Prefeitura de Juiz de Fora
- Mercadinho Pacha Mama – Caseh Werner
- Banco de alimentos Mesa Brasil – SESC

REFERÊNCIAS

CADERNO DE ORIENTAÇÕES. *Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos*. Articulação necessária na Proteção Social Básica. Disponível em:
http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia_social/cartilha_paif_2511.pdf. Acesso em: 24 mar. 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Relatório Mundial de Saúde. *APS agora mais do que nunca*. 2008.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. *O Papel das Políticas Públicas no Desenvolvimento Local e na Transformação da Realidade*. Bahia: AATR, 2002. Disponível em:
http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf. Acesso em: 01 jan. 2011.

Desafios da educação em saúde no meio virtual: a adaptação de uma extensão universitária

Jeferson Miguel Melo Antunes¹

Lara Martins Araújo²

Mayra Varginha Viegas³

Marcela Oliveira Afonso⁴

Ana Carolina Morais Apolônio⁵

¹Graduando em Medicina na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: jeferson.antunes@estudante.ufjf.br.

²Graduada em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Residente em Saúde da Família pelo Hospital Odilon Behrens. E-mail: lara_m.araujo@hotmail.com.

³Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: mayravarginhavigas@gmail.com.

⁴Mestre em Ensino de Biologia pelo Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PROFBIO) na unidade da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora da rede pública de ensino do Estado de Minas Gerais, lotada na Escola Estadual Delfim Moreira. E-mail: marcelaoa@gmail.com.

⁵Doutora em Microbiologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no Departamento de Parasitologia, Microbiologia e Imunologia. E-mail: carolina.aplonio@ufjf.br.

Desafios da educação em saúde no meio virtual: a adaptação de uma extensão universitária

1 INTRODUÇÃO

A Extensão Universitária é um dos meios de expressão do compromisso social existente entre a Universidade e a sociedade, uma vez que representa o elo entre a pesquisa e o ensino, adquirido pelos seus discentes, o qual é propagado pelos seus docentes, em um processo contínuo de trocas, saberes, ciência e mutualidade com a comunidade (Marques, 2020).

Pensando nisso, o projeto de extensão *Grêmio estudantil como multiplicador*: promovendo ações e atitudes de educação em saúde foi criado em 2019, em um contexto anterior à pandemia de COVID-19. O objetivo do projeto era a utilização de práticas extracurriculares, bem como de educação em saúde com estudantes do ensino médio, como forma de disseminar conhecimento para a comunidade escolar e para as comunidades em que alunos estão inseridos, a fim de melhorar sua qualidade de vida.

É importante salientar que o projeto desenvolvido em comunhão com o Grêmio da Escola Estadual Delfim Moreira, em Juiz de Fora – MG, teve por base a ideia de que a promoção em saúde é muito mais eficaz quando começa pela educação em saúde (Costa, 2012). Associado a isso, vê-se que o ambiente escolar torna-se muito mais acolhedor e atrativo aos alunos quando esse provê os meios para que seus integrantes tornem-se, além da obra, também as ferramentas, que carregam o conhecimento para suas respectivas comunidades.

A partir disso, o seguinte relato tem por objetivo destacar as ações do projeto citado, durante a pandemia provocada pelo Sars-Cov-2, de forma a ilustrar as adaptações para o meio virtual e qual foi seu impacto na organização do projeto.

2 METODOLOGIA

2.1 Como funcionaria o projeto

Inicialmente, o projeto de extensão *Grêmio Estudantil como multiplicador*: promovendo ações e atitudes de educação em saúde, regularmente cadastrado na Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), foi organizado para funcionar por meio de encontros semanais na Escola Estadual Delfim Moreira. O foco do projeto é promover educação em saúde e incentivar a adoção de hábitos saudáveis em saúde para esses alunos, a fim de que eles compartilhem o conhecimento adquirido com outros alunos, apliquem em seu cotidiano e influenciem as pessoas com quem convivem. Os temas a serem abordados seriam escolhidos de acordo com o interesse dos alunos e divididos em três grandes áreas de atuação do projeto, a saber: alimentação, doença e lixo. Cada uma das três áreas ficaria a cargo de um dos graduandos da UFJF, previamente selecionados para o projeto.

2.2 Pandemia de COVID-19

Nosso primeiro encontro na escola estava marcado para o dia 16/03/2020, entretanto ele não foi realizado, já que tanto a Universidade como a escola haviam decretado a suspensão temporária das atividades presenciais nessa data. Nesse contexto, toda a logística do projeto teve que ser readequada. A estratégia do projeto de extensão teve que ser adaptada de modo a se trabalhar virtualmente.

2.3 Elaboração das estratégias virtuais

O primeiro passo a ser realizado foi a formação de um grupo de *WhatsApp* com os alunos gremistas da Escola Estadual, os graduandos da UFJF, a orientadora do projeto e a professora de Biologia da escola para a discussão de novas ideias. Esse planejamento aconteceu entre o final de março/2020 até o início de abril/2020.

2.4 Planejamento e execução das ações

Em meados do mês de abril/2020, iniciamos nossas atividades virtuais. Nossa dinâmica funcionou da seguinte forma:

- Semanalmente, os alunos gremistas sugeriam os temas que tinham interesse em aprender. No início desse processo, como esses se mostraram tímidos e pouco participativos, os graduandos propuseram os temas.
- Os graduandos criaram alternativas de atividades, que possibilitaram a abordagem dos três grupos juntos.
- Alunos gremistas e graduandos escolhiam dia e horário para a realização e interação das atividades.
- Ao final, um resumo do que tinha sido discutido era postado no *Instagram* do Projeto, para que os alunos, os quais não participaram e também os demais alunos da escola, além de outras pessoas seguidoras do perfil, pudessem aprender também e compartilhar.

Os temas, inicialmente, foram trabalhados por vídeo chamadas, usando a plataforma *Skype*. Foram trabalhados os temas: *Quais os maiores entraves para alimentação saudável*, *Como descartar corretamente medicamentos vencidos ou inutilizados* e *COVID-19: o que é e como prevenir*. Após a aceitação dos temas pelos gremistas, os graduandos realizaram um questionário para observar o conhecimento prévio. Posteriormente, foram enviados vídeos do *YouTube* e artigos científicos de fácil compreensão para leitura. No prazo de uma semana, acontecia o encontro dos alunos, com os graduandos e a tutora do projeto. Essa dinâmica aconteceu no período de abril até maio/2020.

Como forma de aprimoramento da estratégia das reuniões *online*, o aplicativo *Instagram* foi mais explorado a partir de junho/2020 e ainda continua, por meio de dinâmicas mais interativas, não apenas para os alunos gremistas, mas também para a comunidade, que segue o perfil do projeto. Os temas a serem desenvolvidos são sugeridos tanto pelos gremistas quanto pelos graduandos, sendo os elencados como de maior interesse desenvolvidos. Primeiramente, *quizzes* sobre os temas propostos, independentemente da área relacionada ao projeto, são propostos nos *stories* do perfil. Com base na avaliação das respostas, postagens são realizadas no intuito de elucidar o

que foi perguntado e esclarecer possíveis dúvidas. Além disso, materiais de apoio (vídeos e textos) são enviados no grupo de *WhatsApp* para completar as informações passadas. O primeiro tema foi sobre vitaminas. A cada semana uma vitamina era abordada e eram sugeridas receitas culinárias práticas para estimular seu consumo. Ao final do ano de 2020 e início de 2021, com o encerramento do tema das vitaminas e considerando o momento atual, o tema estudado está sendo a vacinação.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Diante da pandemia e a situação de distanciamento social, a primeira adaptação realizada foi formar um único grupo com os alunos interessados, uma vez que muitos não puderam ou não quiseram participar das atividades remotas, de modo que restaram poucos alunos para ser vantajoso manter a divisão em três grupos. Na tentativa de diminuir o impacto do isolamento social e da falta de aulas presenciais na formação dos alunos, o ensino remoto por meio de ferramentas audiovisuais foi uma alternativa amplamente utilizada (Santos Junior e Monteiro, 2020). Da mesma forma, o projeto de extensão fez uso dessas ferramentas, no nosso caso o *Skype*, para que pudéssemos manter contato síncrono com os alunos, promover interação entre eles e conosco e tornar o processo de educação em saúde que é proposto pelo projeto mais dinâmico. Essa forma propõe que ferramentas usadas pelos alunos façam parte do aprendizado de forma mais interativa, além de possibilitar o desenvolvimento da inteligência coletiva (Santos Junior e Monteiro, 2020).

No entanto, foi percebido um novo obstáculo pela limitação de internet de alguns alunos e pela baixa interação nas conversas por vídeo. Por isso, a estratégia foi alterada. Escolhemos trabalhar pelo *Instagram* por ser uma plataforma popular, usada por muitos alunos e com potencial para alcançar a comunidade. Sobre essa rede social, Alves, Mota e Tavares (2018) discutem as diversas possibilidades de interação no processo educacional que ela apresenta, como o uso dos *stories*, a criação de enquetes e interação por meio de votos, além das *lives*, tornando essa rede viável para a troca de experiências e ampliação do engajamento com os alunos e os outros seguidores, os quais surgem com interesse pelo assunto abordado. Como nosso objetivo é fazer dos alunos autores e protagonistas do próprio conhecimento, além de empoderá-los para serem disseminadores de informações, escolhemos essa ferramenta. Com isso, a interação dos alunos tornou-se bem maior e eles forneceram um *feedback* positivo sobre essa forma de abordagem. Também foi boa a interação dos demais seguidores com os *stories* e com os *posts*, o que pode indicar que a adoção da rede social como estratégia de viabilização do projeto nas condições relatadas foi válida.

Encerrados os trabalhos sobre as vitaminas, trouxemos um novo tema de interesse dos alunos e da sociedade: as vacinas. No momento de escrita deste relato estamos desenvolvendo essa temática e houve demonstração de interesse por parte dos alunos e seguidores sobre o que já havia sido publicado sobre isso. No entanto, tentamos um maior envolvimento dos alunos na elaboração dos trabalhos e houve pouco retorno.

Podemos imaginar o que pode ter diminuído o interesse dos alunos em participar das atividades depois da mudança para meios remotos. Trabalhos de campo são capazes de criar no aluno interesse por aprender e por possibilitar concretamente um ação, sendo de grande valia para seu desenvolvimento como estudante e cidadão (Viveiro e

Diniz, 2016). Além disso, o trabalho em equipe aflora novas ideias e descobertas e faz o aprendizado ser mais prazeroso. Assim, a realização de atividades remotas, que possibilitam somente o encontro virtual e não contam com a mesma interação e socialização inerentes ao estudante presentes no ambiente concreto (Alves, 2020), podem desestimular os alunos a se envolverem no que é proposto. Esse fato foi percebido durante nossas reuniões, nas quais poucos alunos se interessavam e, quando o faziam, eram pouco participativos. Podemos inferir também que o excesso de tecnologia, no qual os alunos estão inseridos, anteriormente utilizada como entretenimento, é, atualmente, a ferramenta principal da aprendizagem/trabalho, gerando estresse e desestímulo para o envolvimento em novas atividades virtuais, tanto pela falta de interação com os colegas e professores quanto pela não adaptação ao novo modelo (Alves, 2020).

Assim, como já evidenciado por Santos Júnior e Monteiro (2020), a integração para a realização de atividades por meio da internet precisa ocorrer de forma igualitária para todos, a fim de não gerar exclusão educacional. Esse fato representou um entrave para a continuação das nossas reuniões virtuais, já que muitos alunos não possuíam rede de internet em casa, o que resultou em uma baixa participação e impossibilidade de interação de todos os alunos. Por esse motivo, escolhemos continuar por meio do *Instagram*, visto que mais alunos possuíam acesso a ele. Ademais, a falta de privacidade e local para a participação das reuniões síncronas, presença de toda a família em casa, já que o período é de isolamento social (Alves, 2020), e problemas pessoais relacionados ao contexto social desafiador podem ter sido obstáculos para alcançar o envolvimento desejado.

Diante disso, vemos que, embora se mostrassem motivados e interessados para desenvolver as atividades, ainda falta um envolvimento mais ativo dos alunos nos temas propostos. Podemos perceber, portanto, o quanto a mudança de perspectiva e das formas de ensino e aprendizagem impactam sobre o interesse deles. Pensando em superar essas adversidades, vemos como um caminho vantajoso para o projeto a sequência das ações no *Instagram*, continuando a fazer educação em saúde com os temas de maior relevância e interesse da comunidade. No entanto, precisamos superar a barreira do baixo engajamento dos alunos na elaboração dos trabalhos. Com esse intuito, o uso de novas ferramentas tecnológicas e pedagógicas pode ser útil.

4 CONCLUSÃO

A educação em saúde, promovida pela Extensão da UFJF em associação com o Grêmio, tem apresentado bons resultados ao avaliar o engajamento nas redes sociais. No entanto, faz-se necessário, ainda, encontrar um meio mais eficaz de envolver um maior número de secundaristas até que seja possível um retorno presencial.

5 AGRADECIMENTOS

Os autores são gratos à Diretora da escola, Letícia Botelho Natalino, pela colaboração constante ao nosso projeto.

6 APOIO FINANCEIRO

Universidade Federal de Juiz de Fora.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 348-365, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 19 jan. 2021.
- ALVES, André Luiz; MOTA, Marlton Fontes; TAVARES, Thiago Passos. O Instagram no processo de engajamento das práticas educacionais: a dinâmica para a socialização do ensino-aprendizagem. *Rios Eletrônica*. Paulo Afonso, n. 19, p. 25-43, 2018. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/internas/conteudo/resumo.php?id=368>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- BRASIL. Senado Federal: Secretaria de Editoração e Publicações. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 21 jan. 2021.
- BRASIL. *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em: 21 jan. 2021.
- BULHÕES, Larissa Figueiredo *et al.* Formação de grêmios estudantis em escolas municipais: desafios e possibilidades. *Revista Ciência em Extensão*. São Paulo, v.14, n.2, p.97-113, 2018. Disponível em: http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1701/1996>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- COSTA, Vânia Vieira. *Educação e Saúde*. Unisa Digital, 2012. p.7-9.
- MARQUES, Georgiana Eurides de Carvalho. A Extensão Universitária no Cenário Atual da Pandemia de COVID-19. *Revista Práticas em Extensão*, São Luís, v. 04, n. 01, p. 42-43, 2020. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/praticasemextensao>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- SANTOS JUNIOR, Veríssimo Barros dos; MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. Educação e COVID-19: As tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. *Revista Encantar – Educação, Cultura e Sociedade*, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-15, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8583>. Acesso em: 18 jan. 2021.

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. *Ciência em tela*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0109viveiro.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2016

Grupo de apoio aos pacientes com dermatite atópica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (HU-UFJF) – Projeto de extensão

Ana Clara Abreu Lima de Paula¹

Bruna Rocha Lopes²

Carla Meneghetti Galdino³

Lais Rodrigues Maia⁴

Nathália Couri Vieira Marques⁵

Maria Teresa Feital de Carvalho⁶

¹Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: anaclaraabreulima@gmail.com.

²Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntário da ação de extensão. E-mail: brurochalopes@gmail.com.

³Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: carlinha.meneghetti@gmail.com.

⁴Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: laismaia05@gmail.com.

⁵Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: nathalia.couri@gmail.com.

⁶Doutora em Medicina (Dermatologia) pela Universidade Federal de São Paulo (USP). Professora adjunta do Departamento de Clínica Médica da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora da ação de extensão. E-mail: teresafeital@uol.com.br.

Grupo de apoio aos pacientes com dermatite atópica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (HU-UFJF) – Projeto de Extensão

1 INTRODUÇÃO

A Dermatite Atópica (DA) é uma doença inflamatória crônica da pele caracterizada por intenso prurido. Geralmente, inicia-se no princípio da infância e frequentemente está associada com rinite alérgica e com asma. Além disso, a DA é uma doença psicossomática e sua etiologia demonstra a associação entre fatores genéticos, ambientais e psicossociais (Ristic *et al.*, 2020). Os resultados de diversos estudos indicam que existe uma relação entre estresse emocional e agravamento de doenças de pele como a DA, que é considerada uma das doenças psico-cutâneas mais significativas.

O Grupo de Apoio aos Pacientes com Dermatite Atópica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (HU-UFJF) foi criado com o objetivo de promover uma maior educação e aceitação da doença, visando melhorar a qualidade de vida dos pacientes e dos seus familiares. É importante destacar que o plano terapêutico da DA envolve educação, terapia de manutenção e tratamento das crises (Wolter *et al.*, 2014). Assim, a abordagem realizada pelo Grupo de Apoio pode auxiliar na compreensão da doença e contribuir para limitar a exposição dos pacientes à terapia com corticoides tópicos.

O contexto da pandemia COVID-19 ocasionou profundas mudanças nas condições de vida da população como um todo e afetou significativamente a saúde geral dos pacientes com doenças crônicas, como a DA. Assim, tal cenário provocou efeitos psicológicos negativos nos pacientes com DA, o que foi associado a um aumento na ocorrência do prurido característico da doença e a uma alteração da modulação neuroendócrina da inflamação da pele. Além disso, outras mudanças provocadas pela pandemia interferiram na vida dos pacientes: lavagem e sanitização excessivas da mão levaram a uma disrupção da barreira cutânea e consequente eczema em mãos; a menor exposição à luz solar associada à alta temperatura e à baixa umidade pode ter exercido um efeito imunossupressivo na inflamação da pele que ocorre na DA; o período de quarentena fez com que muitos pacientes adotassem uma dieta rica em gorduras saturadas e carboidratos refinados, aumentando a resposta Th2, que atua na patogenia da doença (Patrino *et al.*, 2020).

A partir do exposto acima, percebe-se a importância do Grupo de Apoio na vida dos pacientes e o seu impacto positivo no controle da doença. Como no período da pandemia houve um aumento de fatores estressores e redução da qualidade de vida dos portadores de DA, a manutenção da realização das atividades extensionistas era de fundamental importância para minimizar os efeitos psicológicos causados pela pandemia e para suprir as demandas dos pacientes e dos seus familiares durante esse período, uma vez que as consultas presenciais estavam e ainda estão impossibilitadas de ocorrer.

2 METODOLOGIA

O referido projeto de extensão foi criado em 2015 na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora e tem como principal corpo de apoio 3 staff, 4 residentes e uma média de 5 graduandos de medicina da própria universidade. As atividades presenciais, voltadas aos pacientes com Dermatite Atópica e seus familiares, são realizadas no próprio ambulatório do HU-UFJF, quinzenalmente. Diversas atividades interativas, como brincadeiras, gincanas e histórias em quadrinhos são realizadas com os pacientes pediátricos, visando não somente a educação, mas também uma maior aceitação da doença. Já com os pais, as atividades são realizadas através de palestras e rodas de conversa, permitindo a troca de experiências e o maior entendimento da doença. Muitas vezes, os familiares sentem-se responsáveis pelo comprometimento da saúde de seus filhos, de forma que o auxílio promovido pelo grupo busca também promover o apoio psicológico e instruí-los a conduzir de maneira adequada a doença.

Ao longo dos meses foi possível observar a maior adesão dos pacientes ao tratamento da DA e a formação de um vínculo entre os participantes do grupo de apoio. No entanto, em 2020, com o isolamento social provocado pela pandemia COVID-19, as ações extensionistas presenciais foram impossibilitadas, de forma que novas intervenções foram desenvolvidas para manter esse vínculo e o auxílio aos pacientes e seus familiares. Com isso, baseados em fontes bibliográficas de bases de dados, como PubMed, Scielo, MEDLINE e Google Acadêmico e em conjunto com os residentes e preceptores do serviço de dermatologia do HU-UFJF, foram elaborados textos e panfletos a serem encaminhados mensalmente, pelo contato dos pacientes participantes do projeto, por meio do aplicativo *Whatsapp*. Os textos, elaborados com o auxílio do programa *CANVA*, tinham como objetivo primordial orientar os pacientes e seus familiares sobre os cuidados durante o banho, com o uso de hidratante, entre outros, de forma a estimular a manutenção do tratamento e dos cuidados necessários. O contato realizado promoveu ainda um espaço para os pacientes sanarem as suas dúvidas, o que foi de extrema importância, tendo em vista que cerca de 80-90% das consultas dermatológicas presenciais foram suspensas (Gisoni *et al.*, 2020). Além disso, foi criado também uma conta no aplicativo *Instagram* para as postagens dos textos, ampliando o acesso à informação a outros pacientes não participantes do projeto, bem como à população geral.

Aproveitando o tempo de paralisação das atividades, os graduandos do projeto de extensão elaboraram ainda materiais e atividades a serem utilizados quando as reuniões presenciais retornassem. Assim, por meio do aplicativo *Word*, jogos interativos, de memória, de palavras cruzadas, além de histórias em quadrinhos e desenhos para colorir, foram produzidos, visando um maior aproveitamento das futuras reuniões.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Após a paralisação das ações extensionistas presenciais, os graduandos do projeto, com o auxílio e supervisão dos residentes e preceptores, começaram a elaborar textos e panfletos, que eram enviados para os responsáveis das crianças atendidas pelo ambulatório via *WhatsApp*. Esses textos continham informações sobre a Dermatite Atópica (DA) e o manejo da doença, os quais visavam continuar informando os pacientes

sobre o distúrbio e reforçando a importância das práticas indicadas e da persistência do tratamento para a qualidade de vida dos pacientes. A equipe julgou que essa ação seria de grande importância, pois a cronicidade desse distúrbio exige o estabelecimento de rotinas de tratamento e o desenvolvimento de conhecimentos relevantes para aplicação dos tratamentos locais para controlar a doença. Com isso, foi feito esse acompanhamento, mesmo que de forma remota, para que, mesmo durante o período de isolamento, a terapêutica adequada continuasse sendo realizada, já que a falta de conhecimento sobre a doença, aliada às inúmeras crenças e preocupações em relação aos tratamentos tópicos, foram causas para a baixa adesão ao tratamento da DA, o que configura-se como um dos principais motivos para a falha no controle dos sintomas (Barbarot; Stalder, 2014) (Zazula *et al.*, 2011).

Primeiramente, foi enviado um texto de apresentação da equipe do projeto, expondo o objetivo das mensagens, que seriam enviadas semanalmente e colocando a equipe à disposição para sanar qualquer dúvida, a qual pudesse surgir durante esse período de isolamento. Em seguida, os temas principais começaram a ser abordados por meio de textos curtos, desenvolvido em tópicos, com imagens ilustrativas e linguagem coloquial, para facilitar e incentivar a leitura. Os temas tratados foram a apresentação da doença, seus sinais e sintomas, as regiões do corpo mais atingidas pelas lesões, a etiologia e seus agravantes. Com essa abordagem, os pais conseguiam sanar suas dúvidas com relação à doença, através do próprio aplicativo, no qual eles enviavam seus questionamentos e inseguranças e eram respondidos pelos extensionistas, com o apoio dos residentes e preceptores. Com isso, puderam se sentir amparados e mais tranquilos e capazes de realizar o manejo correto da doença. Além disso, muitos precisavam de auxílio para ações que, antes, eram feitas presencialmente, como marcação de consultas, sendo essa mais uma circunstância, em que o projeto pôde ajudar os pacientes durante esse momento.

Porém, alguns benefícios do projeto no formato presencial não conseguiram ser mantidos, como é o caso da interação entre as crianças, as quais passam pelas mesmas situações e, por isso, podendo compreender melhor o que as outras vivem. Esse contato era de extrema importância na aceitação da doença e no desenvolvimento social dos pacientes, já que devido à estigmatização sofrida e ao conflito com questões estéticas pessoais, podem ocorrer mais dificuldades na participação de atividades e relacionamentos com outras crianças. Assim, esse convívio acarreta mais segurança para a criança e interfere positivamente na sua capacidade de superar as adversidades (Fontes Neto *et al.*, 2005). Ademais, os pais também tinham contato entre eles, o que possibilitava a troca de experiências e o estabelecimento de vínculos. Essa relação propiciava uma rede social, a qual contribuiu para o bem-estar recíproco e acentuou o papel, que os indivíduos podem desempenhar na resolução de situações cotidianas em momento de crise e na superação das dificuldades, que surgem no curso da doença, sendo assim um benefício importante proporcionado pelo projeto (Nóbrega; Collet; Silva; Coutinho, 2010). Por fim, o contato entre a equipe e as crianças não foi mantido. Com isso, não foi possível ocorrer a explicação sobre os cuidados com a pele diretamente para elas, por meio de métodos lúdicos, como era feito presencialmente, o que era um facilitador do entendimento em relação à própria doença. Esse fato configura-se como um obstáculo para o projeto, já que crianças ou adolescentes com Dermatite Atópica devem ter as necessidades educativas satisfeitas, para que possam

ter a possibilidade de assumir o controle da doença, evitando a baixa adesão e a falha no controle dos sintomas (Zazula *et al.*, 2011).

A equipe, ainda, contou com outros desafios, como o fato de alguns responsáveis não responderem às mensagens enviadas. Esse fato fazia com que não se soubesse se esses, de fato, estavam recebendo os materiais e instruções. Além disso, não foi possível adicionar novos pacientes ao projeto nesse contexto. Com isso, para que fosse possível a disponibilização das informações sintetizadas para outros pacientes não participantes do projeto e para a população geral, foi criada uma conta no Instagram com o usuário *sobredermatiteatopica*, no qual foram feitas postagens semanais com o mesmo tema da mensagem enviada para os pais na respectiva semana. Essas postagens continham uma imagem criada no programa *CANVA*, com o tema da semana descrito e figuras ilustrativas, além da legenda, a qual era composta pelo texto da mensagem semanal, a qual havia sido enviada por *WhatsApp*. Dessa forma, esse obstáculo pôde ser minimizado.

Por fim, a equipe, planejando-se para o retorno das atividades presenciais, quando possível, preparou materiais e atividades, entre eles jogos interativos, como de memória, de palavras cruzadas, além de histórias em quadrinhos e desenhos para colorir, visando um melhor desenvolvimento das futuras reuniões, para que se possa retomar o processo de educação em saúde dessas crianças e minimizar os prejuízos decorrentes do período de isolamento social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado pelo Grupo de Apoio aos Pacientes com Dermatite Atópica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (HU-UFJF) tem ajudado pacientes portadores de DA, assim como suas famílias, a conviverem melhor com a doença, mesmo no período de pandemia, colocando em prática os cuidados necessários em suas casas.

Com o auxílio da tecnologia, as informações repassadas à sociedade, através dos aplicativos *WhatsApp* e *Instagram*, conseguiram alcançar um grande número de pessoas, que se conscientizaram ainda mais sobre o processo da doença e como lidar com ela. As postagens informativas abordam diversos temas dentro da DA, as quais podem ajudar não só os pacientes e famílias, como também docentes e discentes a aprenderem mais sobre a Dermatite Atópica.

Durante o isolamento social, manter contato com as famílias, que vivem a realidade da DA é de extrema importância, para que todos se sintam amparados e procurem ajuda quando preciso. O grupo de apoio reforçou os cuidados com a integridade física e mental dos pacientes no cenário de pandemia, que devem ser intensificados.

Por fim, a experiência tem sido de suma importância para o crescimento dos discentes em sua formação profissional, permitindo um entendimento mais completo sobre como o cuidado humanizado com os pacientes, mesmo que de longe, auxilia de modo geral na condição dos mesmos.

REFERÊNCIAS

BARBAROT, Sebastien; STALDER, J.F.. Therapeutic patient education in atopic eczema. *British Journal of Dermatology*, v. 170, n. 1, p. 44-48, fev. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/bjd.12932>. Acesso em: 18 dez. 2020.

FONTES NETO, Paulo T. L. *et al.* Avaliação dos sintomas emocionais e comportamentais em crianças portadoras de dermatite atópica. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul*, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 279-291, dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082005000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 dez. 2020.

GISONDI, Paolo. Dermatologists and SARS-CoV-2: the impact of the pandemic on daily practice. *Journal of the European Academy of Dermatology and Venereology: JEADV*, Itália, v. 34, n. 6, p. 1196-1201, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jdv.16515>. Acesso em: 14 dez. 2020.

NÓBREGA, Vanessa Medeiros da; COLLET, Neusa; SILVA, Kenya Lima da; COUTINHO, Simone Elizabeth Duarte. Rede e apoio social das famílias de crianças em condição crônica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 12, n. 3, p. 431-40, 30 set. 2010. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i3.7566>. Acesso em: 17 dez. 2020.

PATRUNO, Cataldo *et al.* COVID-19, quarantine, and atopic dermatitis. *Medical Hypotheses*, v. 143, article 109852, out. 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0306987720310793?via%3Dihub>. Acesso em: 19 dez. 2020.

RISTIC, Gordana *et al.* Atopic dermatitis: the impact of personality properties of affected children and parental styles of care. *European Journal of Dermatology*, v. 30, n. 3, p. 251-258, jun. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32554356/>. Acesso em: 19 dez. 2020.

WOLTER, Sierra; PRICE, Harper N. Atopic dermatitis. *Pediatric Clinics of North America*, Philadelphia, v. 61, n. 2, p. 241-260, abr. 2014. Disponível em: [https://www.pediatric.theclinics.com/article/S0031-3955\(13\)00205-8/pdf](https://www.pediatric.theclinics.com/article/S0031-3955(13)00205-8/pdf). Acesso em: 19 dez. 2020.

ZAZULA, Robson *et al.* Educação terapêutica para a pacientes com dermatite atópica e seus cuidadores: uma revisão sistemática. *Acta comport*, Guadalajara, v. 19, n. 2, p. 241-252, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452011000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 dez. 2020.

Incentivo à doação de sangue em Juiz de Fora – MG através das redes sociais: projeto “Amigo Doador” – um relato de experiência

Mirjhenyfer Lúcia Martins¹
Betânia Nogueira da Silva²
Maura Furtado Barbosa Felipe³
Rafaela Gonçalves Dias⁴
Thayná Souza Nascimento⁵
Sabrine Teixeira Ferraz Grünewald⁶

¹Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: mirjhenyfer.jf@gmail.com.

²Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: betania.nogueiraa@gmail.com.

³Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: mauraf181@gmail.com.

⁴Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: thayna.nascimento@medicina.ufjf.br.

⁵Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: rafagoncalvesdias@gmail.com.

⁶Mestra em Ciências Biológicas – Imunologia e Doenças Infectoparasitárias e Doutora em Saúde Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora Adjunta do Departamento Materno Infantil, Faculdade de Medicina (UFJF). E-mail: sabrine.ufjf@gmail.com.

Incentivo à doação de sangue em Juiz de Fora-MG através das redes sociais: Projeto “Amigo Doador” – um relato de experiência

1 INTRODUÇÃO

Doar sangue é um ato pró-social, que nos dá capacidade de salvar vidas. No Brasil, cerca de 3,5 milhões de pessoas realizam doações sanguíneas por ano, representando 1,8% dos brasileiros (Santos *et al.*, 2017). O número de doações nem sempre é suficiente para suprir as necessidades transfusionais dos hospitais e clínicas, especialmente, em épocas como férias e feriados prolongados. Não é raro que bancos de sangue noticiem estoques insuficientes para o atendimento da população.

O Hemominas de Juiz de Fora, polo de referência para 27 cidades e 57 hospitais da região, atende à demanda de 5 mil transfusões por mês (Ernesto *et al.*, 2018). A necessidade de manutenção adequada dos estoques depende unicamente da motivação e da conscientização da população para doar sangue regularmente.

O ato de doar sangue não integra o cotidiano da maioria da população brasileira, o que faz com que a inserção da ideia/ação de doar sangue seja um processo demorado, sendo necessário o desenvolvimento de estratégias educativas para captação. Atividades essas, as quais são imprescindíveis as etapas, como planejamento, execução, monitoramento e avaliação, visando atingir um bom resultado. Assim, observa-se que estratégias educativas de informação e incentivo, se forem adotadas, contribuem para tornar a doação de sangue parte do hábito e dos valores da população brasileira (Brasil, 2015).

Dentre os elementos que atrapalham o desenvolvimento desse hábito, os principais são aqueles ligados ao medo, preconceitos, dúvidas e desinformação. Vale ressaltar que os meios de comunicação, como as redes sociais, apresentam-se como grandes aliados na divulgação para a doação de sangue (Tasso, 2018).

A extensão universitária promove atividades que possuem caráter disseminador, já que compartilham os conhecimentos adquiridos no âmbito acadêmico para a comunidade externa (Moita; Andrade, 2009). Dessa forma, tais atividades de extensão universitária promovem uma via de mão dupla, pela qual a universidade leva conhecimento e assistência à comunidade, em que está inserida e os acadêmicos, por sua vez, tornam-se mais conscientes às questões de cunho social (Santos *et al.*, 2017).

Portanto, o projeto de extensão Amigo Doador da Universidade Federal de Juiz de Fora tem como objetivo aumentar o número de doações de sangue e torná-las mais frequentes por meio da divulgação de informações, do esclarecimento de dúvidas e postagem de mensagens motivacionais, incentivando o espírito solidário essencial para a doação e consequente manutenção dos estoques no Hemominas de Juiz de Fora. Em meio à pandemia pelo novo Coronavírus, as atividades são realizadas por redes sociais, que atualmente são amplamente utilizadas pela população e são de elevado alcance.

2 METODOLOGIA

O projeto conta com cinco alunos selecionados, os quais realizaram uma capacitação sobre o processo de doação de sangue, voltado para posterior elaboração de conteúdo sobre o tema e esclarecimento de potenciais dúvidas da população.

A princípio, o objetivo do projeto seria a atuação de forma contínua no processo de educação em saúde voltado para pacientes, que estão em sala de espera na unidade ambulatorial do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora, realizando mini palestras sobre a importância da doação de sangue e distribuindo material educativo. Paralelamente, seriam organizadas visitas semanais aos pacientes hospitalizados em enfermarias, para conscientização sobre a importância das doações de reposição.

Entretanto, devido ao atual contexto vivenciado, pandemia pelo novo Coronavírus, fez-se necessário uma adequação das intervenções propostas pelo projeto, já que o distanciamento social e medidas protetivas são essenciais na contenção da infecção por COVID-19. Assim, instituiu-se um planejamento de forma remota, em que foi criada uma página em rede social em maio de 2020. Desde essa data, é feito o compartilhamento da mesma pelos administradores, com o intuito de dar visibilidade e aumentar o alcance do projeto.

Em seguida, iniciou-se a confecção de postagens diárias, baseadas em informações coletadas em páginas disponibilizadas pelos hemocentros e demais instituições hemoterápicas, as quais abordam diversos assuntos, que envolvem a doação de sangue e o cadastro para doação de medula óssea, atualizações sobre a situação dos bancos de sangue no Hemominas de Juiz de Fora, postagens motivacionais para realização da doação, além de disponibilizar espaço para a população expor suas dúvidas, que são sanadas pela equipe.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Tendo em vista que menos de 2% da população brasileira é doadora de sangue. Esse fato encontra-se aquém do ideal, somado a isso, em Juiz de Fora a demanda diária é de 160 doações para abastecimento necessário nos estoques na cidade e na região (Ernesto *et al.*, 2018), logo a obtenção desse hábito por parte dos indivíduos é um processo desafiador, que necessita de estratégias de educação e desmistificação do assunto para eficaz captação de voluntários para arrecadação necessária à demanda de transfusão sanguínea.

Assim, a extensão universitária atua diretamente com o público e tem um potencial significativo de impacto social, dada a importância das doações para a manutenção dos estoques dos bancos de sangue.

Além disso, com o atual panorama vivenciado pela pandemia de COVID-19, demonstra-se que a informação da importância da doação e como fazê-la de modo seguro deve ser difundida de forma ampliada dentre a população. Isso é alcançado pelo projeto de forma remota, utilizando tecnologia e respeitando as normas de distanciamento social necessárias.

Apesar de termos sido surpreendidos pela chegada da pandemia no início do projeto, o que, de fato, tornou-se um grande obstáculo para a realização das atividades práticas propostas, a meta do projeto manteve-se erguida. Nesse sentido, adaptações

para trabalhar de forma remota foram necessárias, visto que uma forma de incentivo é a divulgação de informações, por meio das redes sociais, a qual mostra resultados satisfatórios quanto ao alcance e interação do público (Morais; Moreira, 2015). Iniciaram-se as publicações na rede social do projeto, buscando aumentar o número de doações de sangue na cidade de Juiz de Fora e, concomitantemente, conscientizar a população acerca da importância de realizar e manter esse ato voluntário.

Outro grande desafio para a concretização da atividade remotamente foi a interação da população por intermédio das redes sociais. Isso visou aproximar o público do projeto, dentro do qual disponibilizamos o perfil para sanar dúvidas frequentes e depoimentos. Acreditamos que, assim, ao responder as indagações conseguimos estimular novas doações de sangue, após o esclarecimento das dúvidas.

Por meio do projeto, pode-se compreender a real importância da doação de sangue e, principalmente, como se faz necessária a conscientização de toda a sociedade acerca dessa realidade, uma vez que foi possível analisar, de fato, como a população desconhece a necessidade de se realizar doações de sangue, além de não estarem a par das condições e restrições, para que o ato seja concretizado.

Por fim, tratando-se de um período com queda quantitativa das doações devido à pandemia de COVID-19, acreditamos que o projeto teve grande importância, conscientizando as pessoas acerca da necessidade de doar sangue. Concluindo que, apesar da impossibilidade de realizar as atividades presenciais propostas inicialmente, conseguimos atingir o objeto proposto mediante adaptações para sua realização remota.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da temática apresentada pelo projeto de extensão Amigo Doador é evidenciada pela necessidade de incentivo à doação de sangue pela comunidade, onde as ações trarão benefício para a mesma. Por existir estigmas e preconceitos envolvidos nesse processo e que devem ser sanados por intermédio da disseminação do conhecimento, o projeto busca por meio da extensão universitária desmistificar os medos em relação à doação de sangue e contribuir para que mais pessoas tenham esse hábito solidário. A sensibilização ocorre, em muitos casos, quando há familiares envolvidos na necessidade de recebimento de sangue, porém há a necessidade de estender esse ato de humanidade para além. Isso pode ser realizado com incentivo e conscientização das transfusões com o trabalho deste projeto de extensão.

O Projeto de Extensão relatado vem trazendo bons resultados, referente ao incentivo à doação de sangue. Cada vez mais está sensibilizando a população, mesmo que de forma remota, através das redes sociais. Já houve mobilizações e campanhas com bons resultados e o objetivo é cada vez mais melhorar o desempenho nessas ações. Espera-se o retorno às atividades presenciais de forma segura, para que mais campanhas sejam feitas, dessa vez em função do diálogo ao vivo, junto a diversas mobilizações em praças públicas e ambientes de grande fluxo de pessoas. Os alunos foram capacitados para responder dúvidas da população e trazer formas de conscientização e as perspectivas para o período pós-pandemia são de boas ideias e trabalhos junto à comunidade.

Diante do contexto da pandemia da COVID-19 e dos estoques de sangue menos abastecidos devido à necessidade de isolamento, a adaptação do projeto para uma

atuação virtual foi um desafio contornado pelos membros do projeto junto à coordenação, entretanto, há a necessidade e motivação para que as ações presenciais tragam mais resultados positivos junto à sociedade.

Ainda há muito que se avançar. No entanto, observa-se um efeito muito positivo sobre a população demonstrando a potencialidade da experiência, que foi o início do projeto de extensão Amigo Doador como ferramenta de intervenção e mobilização para a doação de sangue e abastecimento dos bancos de sangue. Assim, a Extensão Universitária mostrou-se como uma ferramenta importante para ampliação das relações entre os alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora para o bem da comunidade, unindo-se junto a um objetivo de forma integrada, ampla e humanizada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. *Manual de orientações para promoção da doação voluntária de sangue* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde.

Departamento de Atenção Especializada e Temática. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015. 152 p. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_orientacoes_promocao_doacao_voluntaria_sangue.pdf. Acesso em: 18 jan. 2021.

ERNESTO, Ianka Cristina *et al.* Campanha “Bahamas 15 anos” como estratégia de captação de doadores de sangue na Fundação Hemominas Juiz de Fora. *Revista de APS*, v. 21, n. 1, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/16857>. Acesso em: 18 jan. 2021.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 269-280, aug. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jan. 2021.

MORAES, Éder Júnior; MOREIRA, Rossana Freitas. Ferramenta para gestão de hemocentros com aplicativo para divulgação de doações de sangue no Facebook. *In: Congresso Latino Americano de Gestão da Tecnologia*. 2015. Disponível em:

<http://altec2015.nitec.co/altec/papers/735.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SANTOS, Paulo César Pereira dos *et al.* Doe sangue, doe vida: uma ação de extensão para a desmistificação e estimulação à doação de sangue em Dourados, MS.

Realização, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 06-11, nov. 2017. ISSN 2358-3401. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/realizacao/article/view/7180>. Acesso em: 20 jan. 2021.

TASSO, Natália de Araújo Miranda. *Doação de sangue: aspectos sociodemográficos e análise evolutiva*. Dissertação (Mestrado em Biologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Biociências, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia. Natal, 2018.

Diagnóstico e gestão da manutenção em instituição filantrópica Instituto Maria

Beatriz Henrique¹

Charles Henrique²

Patrick Farinati³

Maria Aparecida Steinherz Hippert⁴

¹Graduanda em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: beatriz.henriques@engenharia.ufjf.br.

²Graduando em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntário da ação de extensão. E-mail: charleshenrique25@gmail.com.

³Graduando em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntário da ação de extensão. E-mail: patrick.farinati@engenharia.ufjf.br.

⁴Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutoramento em Engenharia Civil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora titular da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora da ação de extensão. E-mail: aparecida.hippert@ufjf.br.

Diagnóstico e gestão da manutenção em instituição filantrópica Instituto Maria

1 INTRODUÇÃO

O tema manutenção de edifícios tem crescido de importância na atualidade, porque, com o passar do tempo, materiais e edificações deterioram-se e precisam passar por atividades de manutenção de maneira a atender às condições de desempenho estabelecidas inicialmente no projeto do edifício.

Conforme afirma Terror (2002), “Edifícios são obras arquitetônicas apenas; se habitados por pessoas são lares; se habitados, também por ideias, são mais do que lares, são Escolas. Entretanto, quando o tempo os torna inadequados para o uso, são presas fáceis da obsolescência e estão condenados à condição de meras ruínas”. Daí a importância de mantê-los utilizáveis.

Na atividade de manutenção são realizadas previsões, bem como o planejamento das intervenções a serem executadas ao longo da vida útil dos edifícios de maneira a reduzir o aparecimento de possíveis anomalias. Para isso, faz-se necessária a realização de inspeções periódicas capazes de apontar os elementos, que demandam intervenções em um curto intervalo de tempo, ou aquelas inspeções, para os quais as intervenções possam ser programadas para datas futuras.

De maneira a regulamentar as atividades de manutenção, normas técnicas têm sido criadas. No Brasil, a norma NBR 5674 (ABNT, 2012) estabelece a necessidade de elaboração de sistema de gestão da manutenção, contendo uma série de documentos, que orientem a execução das atividades de manutenção. Essa norma demanda ainda a elaboração de um Manual de operação, de uso e de manutenção das edificações, conforme recomendado pela NBR 14037 (ABNT, 2011), bem como um programa de manutenção.

Para a elaboração desse programa é necessário que se realize um diagnóstico de maneira a conhecer as reais condições da edificação, na qual se vai intervir. A partir do diagnóstico podem ser sistematizadas as intervenções a serem realizadas, elaborando o referido programa de manutenção. Ao se realizar o diagnóstico pode ser também necessário a elaboração de plantas e desenhos da edificação caso os mesmos não existam, não se encontrem atualizados ou dispostos de forma a facilitar a sua recuperação (meios digitais, por exemplo).

O Instituto Maria, instituição filantrópica localizada em Juiz de Fora/MG, completou, em março de 2019, 75 anos de sua fundação. Ao longo desse período, várias atividades de manutenção foram realizadas de maneira a manter suas instalações em condições adequadas de uso e operação.

Porém, o Instituto não dispõe de equipe técnica para programar a realização das suas atividades de manutenção, sendo as mesmas realizadas de forma corretiva. A estrutura organizacional do Instituto é enxuta. Todos os cargos de presidência, vice-presidência e diretorias são exercidos por trabalhadores voluntários. As atividades de gestão são realizadas pela presidência e vice-presidência com o apoio da diretoria. Dentre as diretorias, a de patrimônio é a responsável pelas questões diretamente relacionadas a todo o parque edificado.

Nesse sentido, é relevante o apoio que o projeto pode oferecer ao Instituto, ajudando-o a estabelecer um sistema de gestão da manutenção a ser seguido com base em avaliações técnicas. Assim, o objetivo deste projeto foi desenvolver um sistema, o qual ajude o Instituto Maria na gestão da manutenção de suas edificações de maneira a mantê-las em condições de uso para a prestação de seus serviços.

2 METODOLOGIA

O relato ora apresentado é oriundo de um projeto de extensão interface com a pesquisa desenvolvido entre 2019 e 2020. O trabalho teve início com a realização de uma revisão bibliográfica seguida de um estudo de caso. Na primeira fase foram buscadas referências bibliográficas sobre a modelagem da construção, BIM (Building Information Modeling – Modelagem de Informações da Construção), utilizada no desenvolvimento do trabalho. No estudo de caso, segunda fase, foram levantadas *in loco* as informações no Instituto, de maneira a permitir o desenvolvimento do trabalho. Esse levantamento foi realizado ao longo de 2019, tendo sido necessário o retorno às instalações, para sanar dúvidas, algumas vezes ainda em 2019 e depois em 2020, quando a administração local disponibilizou-se a abrir o espaço de maneira a permitir a checagem das informações necessárias, visto o período de isolamento no ano de 2020.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

O trabalho teve início com a busca de referências sobre o BIM. Diferente do Computer Aided Design (CAD), que desenvolve cada projeto isoladamente, buscando somente sua representação, o BIM é um grande sistema, o qual contempla todas as fases do ciclo de vida de uma construção, sendo elaborado para armazenar todas as informações e representações do edifício em um só arquivo, de forma integrada, possibilitando uma maior acessibilidade aos dados e atualização das modificações realizadas ao longo do tempo (Tolentino e Feitosa, 2014).

A utilização do BIM em construções preexistentes está sendo fundamental para a conservação de suas características originais e para a gestão de suas informações, uma vez que contém ferramentas, as quais conseguem representar por intermédio de modelos paramétricos e gráficos pequenos detalhes da arquitetura na edificação, possibilitando uma maior proximidade do modelo com a realidade. Além disso, por meio da sistematização da documentação e da simulação virtual é possível inspecionar mudanças, programar futuras intervenções, identificar situações de emergência, planejar uma rotina de manutenção e gestão do edifício (Pereira e Tomé, 2016).

Concomitantemente, ocorre um grande interesse em digitalizar os projetos e documentos de patrimônios históricos e modernos. Além dessas possibilidades apresentadas, tal ação permite a perpetuação da história por trás das construções. “As vantagens da aplicação desta tecnologia reside na redução dos custos e tempo na recolha da documentação desses edifícios, assim como na garantia de uma gestão atualizada, mais célere e fidedigna de dados, e na sua permanente acessibilidade” (Teixeira, Rodrigues e Rodrigues, 2018).

Devido ao seu sistema, há uma maior facilidade de implantação de dados na plataforma BIM e na sua manutenção, pois o arquivo, que contém todas as informações gráficas e não-gráficas do edifício pode ser acessado de qualquer lugar e editado por

qualquer pessoa, acompanhando dessa forma, as possíveis modificações futuras, sem a necessidade de criação de novos projetos. Em função dessas particularidades, o BIM começará a ser exigido em projetos entregues a partir de 2021 no Brasil, gerando uma alta busca por especialização, desde já, dos profissionais em relação a essa ferramenta.

Para o levantamento das informações da edificação buscou-se inicialmente pelos projetos. Entretanto, o Instituto não dispõe dos projetos *as-built* da edificação, dificultando a gestão de sua manutenção. O último levantamento do espaço físico foi realizado em 2006 e sua representação física foi feita em papel vegetal. Desde esse período, diversas intervenções foram realizadas sem, entretanto, serem registradas em planta.

Para ajudar no levantamento das informações a equipe desenvolveu um formulário a ser preenchido a mão com as dimensões e localização dos elementos e acabamentos existentes em cada ambiente da construção.

Com isso, a equipe, formada pelo professor e sete alunos de Engenharia Civil, foi dividida em duplas e iniciou o levantamento do 1º pavimento da edificação, estabelecendo-se os espaços de trabalho de cada dupla. Nesse dia, uma outra equipe, de outro projeto, também estava no local, realizando o levantamento das patologias existentes na edificação. A não padronização de elementos da edificação como divisórias e esquadrias, além de materiais de acabamento tornou o processo de levantamento das dimensões moroso. Dessa maneira, ficou decidido que seriam levantadas, em um primeiro momento, somente as dimensões (dos cômodos e elementos da construção), para, posteriormente, serem levantadas as demais informações do ambiente. Seguindo essa dinâmica, a equipe retornou ao local outras duas vezes para completar o levantamento.

Posteriormente, foram ainda realizadas mais algumas visitas ao local para verificação das medidas levantadas. Foram gerados, ao todo, 85 formulários referentes a 67 ambientes existentes na edificação. A maior parte dos ambientes está localizada no primeiro pavimento. No segundo pavimento, há uma grande área, referente a um guarda móveis, o qual, atualmente, está desativado, transformada em um salão.

Inicialmente, as informações levantadas em campo seriam utilizadas para realizar a representação gráfica da edificação, utilizando-se do software CAD. Porém, por sugestão de um dos participantes da equipe, antigo coordenador do Grupo de Estudos e Práticas em BIM – GEBIM-UFJF, optou-se por utilizar o Revit, sendo a sugestão prontamente aceita pela equipe.

O GEBIM-UFJF está inserido no Núcleo de Estudos e Projetos em Educação Tecnológica, da Faculdade de Engenharia da UFJF (NETEC) e surgiu da necessidade de inovação no currículo dos cursos envolvidos no setor AEC (Arquitetura, Engenharia e Construção), prática já adotada anteriormente no NETEC, em que são estudados assuntos como o projeto de construção civil, BIM, gerenciamento de projetos e análise de riscos na construção civil. O GEBIM-UFJF tem suas atividades voltadas à pesquisa e à aplicação dos conceitos da Modelagem da Informação da Construção (BIM), com foco na produção e disseminação do conhecimento dessa plataforma na UFJF.

Entretanto, como no curso de Engenharia Civil da Universidade Federal de Juiz de Fora o uso do Revit ainda está restrito à somente algumas disciplinas, com poucos professores fazendo uso da ferramenta, nem todos os participantes dominavam o seu uso. Por isso, fez-se necessária a realização de um treinamento, de maneira a capacitar os alunos para a realização das atividades demandadas. Ele foi ministrado, no período

de quatro horas, pelo coordenador do GEBIM e realizado no laboratório da Faculdade, que possui o software instalado em suas máquinas, na versão educacional. Nesse treinamento, os participantes puderam ter um contato maior com o software, realizando um minicurso de capacitação, o qual envolveu a introdução de conceitos básicos sobre BIM, definição, processos e ferramentas. E na parte prática, houve a introdução da modelagem arquitetônica no software Revit, no qual desenvolveu-se um modelo de nível de detalhamento inicial.

A partir daí, na medida em que os dados do Instituto Maria foram sendo levantados em campo, foram transportados para o Revit. Esse procedimento foi adotado, de maneira que as inconsistências porventura encontradas, em virtude da grande área física a ser levantada, pudessem ser verificadas e resolvidas ao longo do processo de representação, com o apoio do GEBIM.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração do projeto foi possível desenvolver habilidades técnicas e de escrita, conhecimentos normativos, trabalho em equipe e comprometimento com as atividades extracurriculares. Foram realizadas visitas fora do *campus* universitário, assim como, treinamentos fora do horário curricular, referente ao software Revit, para capacitação dos membros. Além disso, durante a finalização do projeto, foi de suma importância a utilização da internet e de seus meios de comunicação, para prosseguir com o projeto e finalizá-lo adequadamente, devido ao cenário atual, de isolamento social, que a sociedade está vivenciando.

O levantamento realizado permitiu que fosse atualizada a planta baixa arquitetônica do Instituto. Em seguida, com base na normativa existente, foi também elaborado o Manual de Uso, Operação e Manutenção da Edificação a partir das pesquisas sobre os diversos materiais presentes no Instituto e os cuidados de uso, para que ao passar do tempo a vida útil da edificação seja prolongada de acordo com a finalidade para a qual foi projetada.

Sendo assim, o projeto é relevante, na medida em que pode oferecer ao Instituto um sistema de gestão da manutenção, com base em avaliações técnicas, a ser seguido. Além de trazer uma contribuição acadêmica ao permitir que os discentes possam colocar em prática o conhecimento adquirido em sala de aula, relacionando, dessa forma, atividades científicas e técnicas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 5674*: manutenção de edificações – requisitos para o sistema de gestão de manutenção. Rio de Janeiro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14037*: diretrizes para elaboração de manuais de uso, operação e manutenção de edificações – requisitos para elaboração e apresentação dos conteúdos. Rio de Janeiro, 2011.

PEREIRA, J. F.; TOMÉ, A. O Uso da Tecnologia BIM em Património Histórico. Um Caso de Estudo: O Convento dos Capuchos da Caparica. *In: I Congresso Português de Building Information Modelling (2016)*. Guimarães, Portugal, 2016.

TEIXEIRA, J.; RODRIGUES, F.; RODRIGUES, H. Desenvolvimento de uma Aplicação para a Gestão do Património Existente – Caso de Estudo. *In: II Congresso Português de Building Information Modelling (2018)*. Lisboa, Portugal, 2018.

TERROR, J.S. *O Granbery e sua Imagem Arquitetônica*. Juiz de Fora, 2002.

TOLENTINO, M. M. A.; FEITOSA, B. B. L. A Utilização de Tecnologias Digitais na Documentação do Patrimônio Arquitetônico. *In: III Seminário Internacional Sobre Documentação do Patrimônio Arquitetônico Com o Uso de Tecnologias Digitais (2014)*, João Pessoa, Paraíba, Brasil, 2014.

Ensino e aprendizagem em Microgeração Solar Fotovoltaica

André Augusto Ferreira¹

Hyago Palacio Fabris²

Rafael Siqueira Fusário³

¹Doutor em Engenharia Elétrica com pós-doutoramento pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Departamento de Energia Elétrica da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador do Projeto de Extensão. E-mail: andre.ferreira@ufjf.br.

²Graduação em Ciências Exatas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista de ações de extensão. E-mail: hyago.palacio@engenharia.ufjf.br.

³Graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista de ações de extensão. E-mail: rafel.fusario@engenharia.ufjf.br.

Ensino e aprendizagem em Microgeração Solar Fotovoltaica

1 INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos em Energias Renováveis têm produzido uma significativa alteração na matriz energética mundial. No Brasil, o crescimento exponencial da microgeração solar fotovoltaica tem criado uma série de oportunidades de comercialização e de emprego. O projeto “Ensino e Aprendizagem em Microgeração Solar Fotovoltaica” visa formar recursos humanos qualificados para dimensionamento, comercialização e instalação de sistemas de microgeração solar fotovoltaica. O público alvo são pessoas em situação de vulnerabilidade financeira. Os beneficiários deste projeto são os alunos do curso, os alunos que visitam o Laboratório Solar Fotovoltaico da UFJF, os estudantes vinculados ao projeto, os clientes de projetos de microgeração solar fotovoltaica, a região da Zona da Mata Mineira, para atração de novos negócios e empreendimentos, e o meio ambiente com a produção de energia limpa e sustentável.

No período compreendido entre 2012 e 2014 foi executado o projeto de extensão “Laboratório Solar Fotovoltaico”, que promovia a visita ao laboratório Solar Fotovoltaico. Eram recebidos acadêmicos de escolas técnicas, universitários e pessoas que se interessavam pelo tema. Neste período ficou evidente o interesse do público pelo tema e a escassez de oferta de cursos nesta área. À época, os investimentos para treinamento em solar fotovoltaica eram vultosos, especialmente para aqueles que possuíam a necessidade de se deslocar até outra cidade ou outros estados. Em 2015 foi proposto e aprovado o projeto “Curso Projeto e Instalação de Sistemas de Microgeração Solar Fotovoltaica”, que previa a formação de recursos humanos especializados para realizar dimensionamento e instalação de sistemas de microgeração solar fotovoltaica. Em 2018 o projeto foi alterado para “Curso Projeto, Análise de Viabilidade Econômica e Instalação de Sistemas de Microgeração Solar Fotovoltaica” e o interesse pelo curso aumentou, alcançando no último edital a marca de 586 candidatos inscritos para 40 vagas ofertadas. O aumento de interesse pelo curso se deve ao aprimoramento do processo de divulgação, à qualidade do curso e, o aspecto mais significativo, o crescimento exponencial de instalações de microgeradores de energia solar fotovoltaica. O tempo de retorno do investimento típico é de 4 a 7 anos, bastante atrativo para um mercado estagnado, com juros em queda, e aumento do custo da energia elétrica. Face à escassez de oferta de empregos, mesmo em áreas de tecnologia, os profissionais têm buscado aprimorar a qualificação profissional e oportunidades de investir em áreas que estão tendo um bom desempenho.

Durante o ano de 2020, devido ao estado de emergência e calamidade pública causado pela pandemia do novo Coronavírus (SARS-COV-2), causador da COVID-19, as atividades foram revistas para serem realizadas remotamente, respeitando-se as medidas de segurança dos bolsistas, voluntários e beneficiários do curso. O grupo se reorganizou internamente, determinando funções e traçando metas a fim de continuar com o grande impacto do projeto, desta vez com o objetivo de contribuir com ajuda que a tecnologia pode nos oferecer, como acesso a redes sociais, através do *YouTube*, principalmente, e com ajuda de plataformas educacionais como o *Google for Education*.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada no curso de microgeração do Laboratório Solar da UFJF foi revista diante do cenário da pandemia. A equipe do projeto de extensão realizou encontros virtuais para propor possíveis soluções e definir um plano de ação, que se adaptasse às novas condições e, ao mesmo tempo, mantivesse o viés e a qualidade do Curso de Microgeração. Foram discutidas as técnicas didáticas capazes de reter o máximo da atenção e interesse dos alunos. Além disso, foi necessário estabelecer novas condições dentro dos formulários de seleção, no intuito de selecionar candidatos com acesso a meios digitais de comunicação, sem perder o foco na prioridade de ingresso de escolher pessoas em situação de vulnerabilidade financeira.

A equipe decidiu, primeiramente, pela reformulação do material didático, de forma a atender às premissas básicas do ensino remoto. Na revisão das apresentações, além dos aspectos de aprimoramento dos conceitos teóricos e técnicos, ficou estabelecido uma nova padronização de cores e estilos, criando-se uma identidade visual para a gravação das aulas ministradas pelos bolsistas e voluntários do LABSOLAR.

Os alunos do curso de microgeração foram inseridos na plataforma virtual Google Classe de Aula. A cada semana foi apresentado um capítulo do conteúdo e, em princípio, optou-se por manter a disponibilidade dos vídeos restrita apenas aos alunos do curso. Depois do sucesso da primeira turma, a equipe decidiu compartilhar publicamente as aulas do curso no canal *YouTube* do LABSOLAR.

Do ponto de vista do aperfeiçoamento da aprendizagem, os bolsistas e voluntários buscaram manter os vídeos interessantes e com uma linguagem expositiva de fácil compreensão, substituindo-se, quando possível, termos demasiadamente técnicos, em linguagem acadêmica complexa, por termos análogos comuns a eletricitistas.

Do ponto de vista do ensino, procurou-se adaptar conceitos de aula invertida para o ensino remoto ofertado no curso. Depois de assistir ao vídeo da aula planejada para a semana, os alunos do curso responderam a questionários avaliativos sobre o tema abordado. Um Fórum de discussão virtual, usando a plataforma *Google Meet*, foi utilizado para solucionar dúvidas e para compartilhar experiências.

Os encontros síncronos foram de extrema relevância e importância, tendo em vista os benefícios que geravam tanto para os alunos quanto para os bolsistas e voluntários. Nesses encontros, os alunos realizavam questionamentos *online* e/ou recebiam respostas para questionamentos enviados por e-mail ou pelo mural do Google Sala de Aula.

O método final de avaliação escolhido foi designar um trabalho, o qual consistia na elaboração de um projeto de microgeração solar fotovoltaica residencial, indo desde a análise do local e do recurso solar, permeando o dimensionamento dos diversos componentes do sistema até a análise do investimento, aproximando os alunos do que é necessário para assegurar o retorno do investimento realizado pelo cliente.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

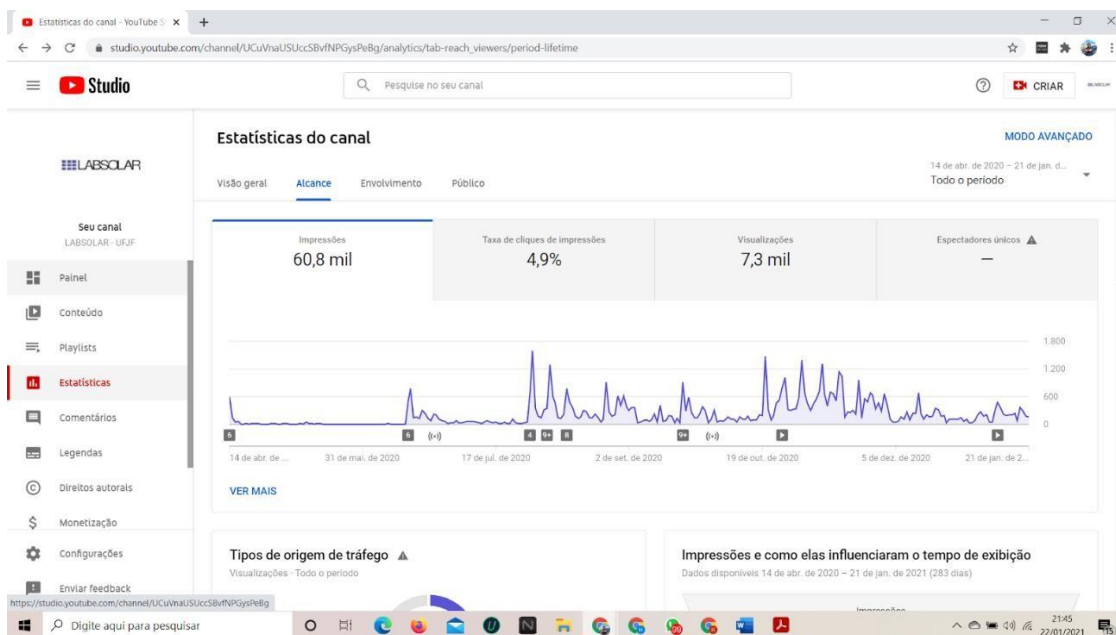
No ano de 2020, diante do cenário global de pandemia, as metas foram revisadas para execução remota das atividades de ensino, mantendo-se o foco principal do projeto, que é o aprendizado do público alvo, ou seja, profissionais da eletricidade, os

quais se encontram em situação de vulnerabilidade econômica. Se por um lado foi possível alcançar alunos de todo o país, por outro lado não foi possível realizar a visita técnica ao Laboratório Solar Fotovoltaico.

A estratégia de desenvolvimento do trabalho foi a manutenção das reuniões semanais em videoconferência; a repactuação das atividades a serem desenvolvidas a partir da proposta dos bolsistas e voluntários; a definição de grupos responsáveis por assuntos; a criação de uma identidade visual para as apresentações a gravação das aulas; a revisão das aulas gravadas por seus pares; a reformulação do edital para o formato remoto, execução do curso e mensuração da satisfação dos alunos do curso.

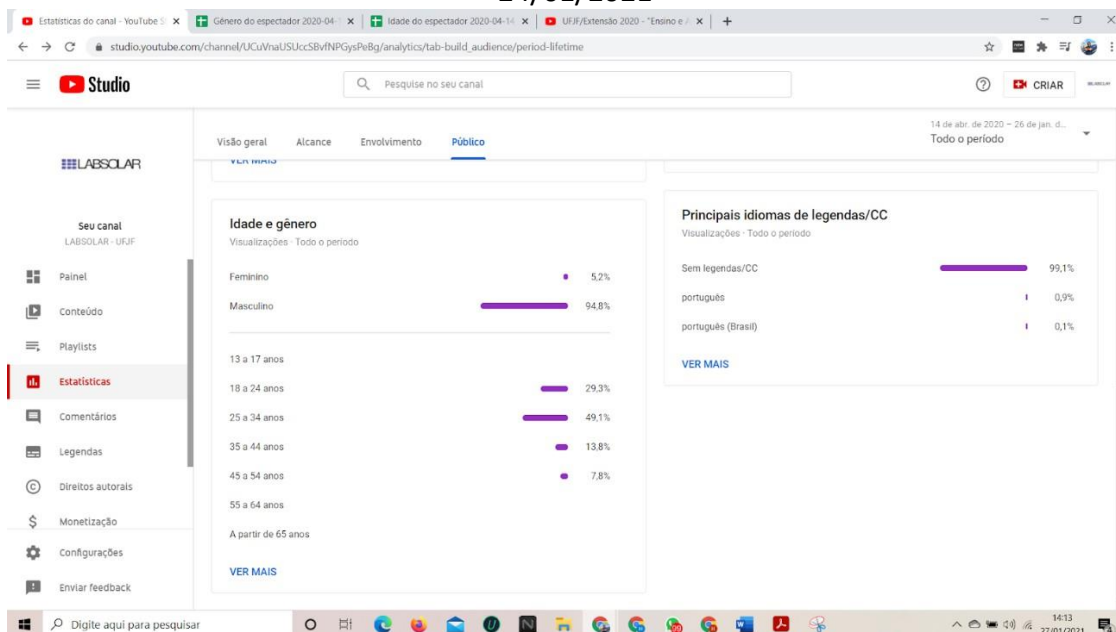
Desde a criação do canal no YouTube, em 14 de abril de 2020, foi possível alcançar cerca de 300 pessoas inscritas no canal. A análise das estatísticas fornecidas pela plataforma revela um total de 7,3 mil visualizações dos vídeos, conforme ilustrado na figura 1. O público desses vídeos é predominantemente composto por jovens do sexo masculino, em que 78,4% dos espectadores possuem entre 18 e 34 anos de idade, conforme ilustrado na figura 2.

Figura 1 – Dados referentes ao alcance dos vídeos. Coletado em 24/01/2021



Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 2 – Estatística de idade e gênero das visualizações do canal. Coletado em 24/01/2021



Fonte: elaborado pelos autores.

Foram ofertadas duas turmas na modalidade de ensino remoto. O processo de seleção se baseou principalmente na análise das condições socioeconômicas dos candidatos, formação e experiência na área da eletricidade, disponibilidade de recursos de informática como, por exemplo, computador, editores de textos e de planilhas.

Houve inscrições de quase todas as unidades da federação e uma inscrição de fora do país, conforme pode ser observado na Tabela 1. A maioria dos candidatos é de Minas Gerais, sendo digno de nota o alcance obtido pela divulgação do curso na TV Integração da Zona da Mata mineira.

Tabela 1 – Distribuição de inscritos por unidade da federação

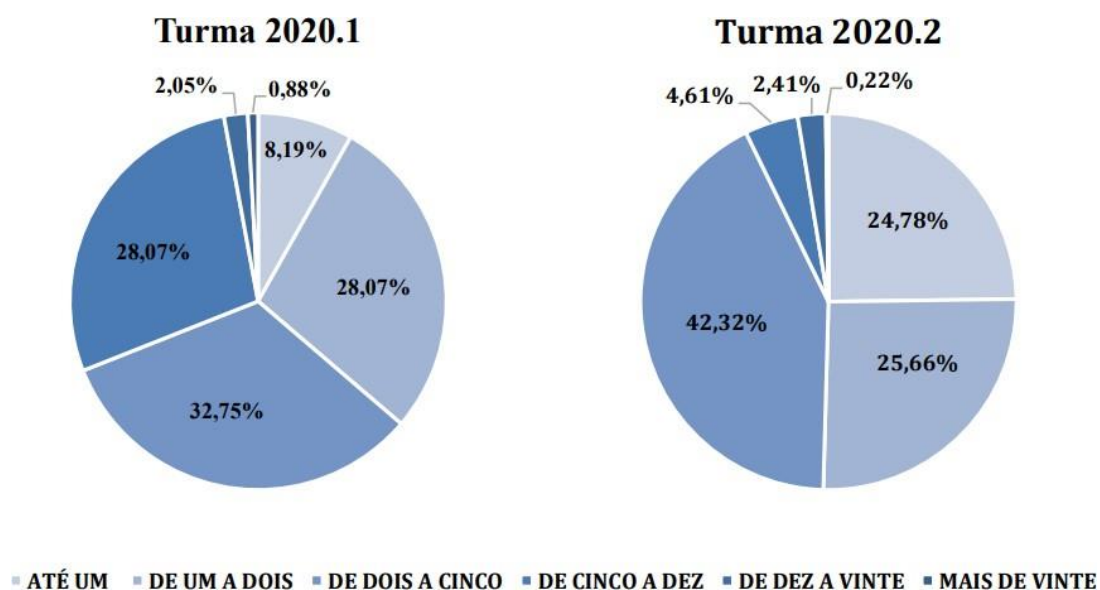
ESTADOS	QUANTIDADE DE INSCRIÇÕES	ESTADOS	QUANTIDADE DE INSCRIÇÕES
AC	3	PA	3
AL	1	PB	1
AP	4	PE	6
BA	13	PR	7
CE	7	RJ	42
DF	5	RN	1
ES	3	RS	2
GO	4	SC	1
MA	1	SP	28
MG	593	TO	1
MS	2	SEM DADOS	3
MT	5	OUTROS PAÍSES	1

TOTAL	737
-------	-----

Fonte: elaborado pelos autores.

Na figura 3 é possível notar que dos 736 inscritos nas duas turmas, cerca de 36% da Turma 2020.1 e de 50% da Turma 2020.2 possuem uma renda per capita familiar de até 2 salários-mínimos. Foram selecionadas 75 pessoas, das 5 regiões do país, que se enquadraram no critério de até 2 salários-mínimos.

Figura 3 – Perfil da renda dos candidatos inscritos no curso. Coletado em 24/01/2021



Fonte: elaborado pelos próprios autores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2020 ficará registrado na história pela intensificação do necessário isolamento social no trabalho e ensino remotos. Apesar da impossibilidade da desejável convivência presencial entre bolsistas e voluntários com os alunos do curso, associado às dificuldades decorrentes da falta de equipamentos e softwares apropriados para gravação das aulas, a equipe conseguiu, com sucesso, produzir o material e ministrar o curso de modo remoto.

O curso promove a qualificação de pessoas para o mercado de energia solar fotovoltaica. Diversos dos alunos do curso de extensão relataram aos membros da equipe a importância do curso no seu desenvolvimento profissional e, em alguns casos, que se tornaram microempreendedores na área.

Também é notório a qualificação dos bolsistas e voluntários envolvidos no projeto. Além de aprenderem sobre a geração solar fotovoltaica, são capacitados para ministrar aulas, elaborar edital de seleção de candidatos, trabalhar em equipe, cumprir prazos, elaborar estratégias e métodos e exercitar a transferência de conhecimento.

A título de trabalhos futuros estão previstas a revisão das gravações das aulas, aperfeiçoamento das estratégias para aprendizagem do conteúdo ministrado, planejamento para o retorno às atividades presenciais em forma de ensino híbrido e participação em eventos de extensão.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA. *Geração Distribuída*. Disponível em: <https://www.aneel.gov.br/geracao-distribuida>. Acesso em: 24 jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Desemprego*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 25 jan. 2020.

LABORATÓRIO SOLAR FOTOVOLTAICO DA UFJF. *Labsolar UFJF*. Disponível em: <https://www.ufjf.br/labsolar//>. Acesso em: 23 jan. 2020.

O projeto “Radar da Política Comercial” como instrumento para a difusão do comércio internacional

Carolina Rodrigues Corrêa Ferreira¹

¹Doutora em Economia Aplicada pelo PPGEA/DER/UFV. Professora adjunta do Departamento de Economia da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Governador Valadares (UFJF/GV). Pesquisadora do Econúcleo – Estudos Socioeconômicos. E-mail: carolina.correa@ufjf.br.

O projeto “Radar da Política Comercial” como instrumento para a difusão do comércio internacional

1 INTRODUÇÃO

O comércio internacional é um bom negócio para os países, não só para trazer disponibilidade dos mais diferentes bens para consumidores dos mais diversos lugares, mas também por ser fonte de recursos, instrumento de acordos políticos, possibilitar transferência de tecnologia entre nações, permitir ganhos de escala, entre outros benefícios.

Apesar de tantos benefícios, Ferreira (2021) destaca que instrumentos de política comercial são constantemente utilizados como meio de promoção do crescimento econômico, para a preservar os interesses de determinados setores e para proteger o consumidor e o meio ambiente. Isso ocorre por meio do resguardo de setores infantis, monopólio de setores-chave com grandes encadeamentos a jusante e a montante, geração de renda via tarifas, promoção das exportações via subsídios, regulamentação dos produtos via medidas técnicas e sanitárias, entre outros. Cada país, dado seu grau de desenvolvimento atual, vive em uma diferente conjuntura econômica interna, que é afetada pela externa e pode demandar um comércio mais livre ou mais protegido.

Portanto, barreiras tarifárias e medidas não-tarifárias (MNTs) são de grande importância para as nações. As tarifas, que são alíquotas percentuais ou específicas que incidem sobre a importação de determinado bem ou serviço, são de fácil compreensão e amplamente conhecidas pela sociedade. É intuitivo pensar que uma tarifa atua elevando o preço do bem importado internamente, protegendo, assim, o concorrente doméstico. Porém, MNTs possuem diferentes formatos, aplicações e efeitos sobre o comércio. A existência de muitas delas sequer é conhecida pela população em geral.

O Radar da Política Comercial (RPC) é um projeto de extensão do departamento de economia da UFJF *campus* Governador Valadares e tem como objetivo acompanhar periodicamente a adoção, por países membros da Organização Mundial do Comércio (OMC), de medidas não-tarifárias ao comércio internacional. Com isso, busca-se facilitar o conhecimento e a compreensão dessas medidas pelos exportadores e importadores de Governador Valadares e de todo o Brasil, permitindo que estes possam se adequar às mesmas.

O projeto também tem como escopo o acompanhamento e análise da balança comercial valadarense, visando dar maior destaque ao comércio internacional da região, bem como identificar oportunidades de expansão. Por fim, o projeto almeja trazer informação e capacitação aos empresários participantes do comércio internacional, bem como para aqueles que desejam ingressar nesse mercado.

O presente trabalho traz, além desta introdução, a metodologia do projeto na seção 2. Posteriormente são apresentados os resultados mais relevantes e, por fim, a conclusão.

2 METODOLOGIA

São coletadas as novas medidas não-tarifárias emitidas pelos países para todos os produtos, em periodicidade bimestral, no banco de dados ITIP da Organização Mundial do Comércio (ITIP/OMC, 2021). De posse dessas informações, tais medidas são traduzidas para português, analisadas e assim compiladas de forma a tornar mais fácil a compreensão do conteúdo das mesmas. A existência de muitas MNTs sequer é conhecida pela população em geral. O quadro 1 sintetiza os tipos existentes.

Quadro 1 – Tipos de MNTs

Importações	Medidas técnicas	A Medidas sanitárias e fitossanitárias (SPS) B Barreiras técnicas ao comércio (TBT) C Inspeção pré-embarque e outras formalidades
	Medidas não técnicas	D Medidas contingentes de proteção comercial E Controles quantitativos, exceto por razões de TBT ou SPS F Medidas de controle de preços, incluindo taxas e encargos adicionais G Medidas financeiras H Medidas que afetam a concorrência I Medidas de investimento relacionadas ao comércio J Restrições de distribuição K Restrições sobre serviços pós-venda L Subsídios (exceto classificados em P7) M Restrições sobre aquisições governamentais N Propriedade intelectual O Regras de origem
	Exportações	P Medidas relacionadas às exportações

Fonte: Tradução própria com base em UNCTAD, 2012.

De acordo com o relatório Classificação internacional de MNTs (UNCTAD, 2012), o capítulo A compreende as medidas sanitárias e fitossanitárias (Sanitary and phytosanitary measures – SPS), incluindo, por exemplo, restrição de substâncias, garantia de segurança alimentar e prevenção de disseminação de doenças ou pragas.

SPS são medidas adotadas, na importação de bens de origem animal ou vegetal, para proteger a vida humana ou animal de riscos decorrentes de aditivos, contaminantes, toxinas ou organismos causadores de doenças em seus alimentos; doenças transmitidas por plantas ou animais; proteger a vida animal ou vegetal de pragas, doenças ou organismos causadores de doenças; evitar ou limitar outros danos a um país a partir da entrada, estabelecimento ou propagação de pragas, e; proteger a biodiversidade. Inclui também procedimentos de avaliação da conformidade, que são testes e requerimentos para verificar se as medidas SPS estão sendo cumpridas (Ferreira, 2021).

O capítulo B inclui as barreiras técnicas ao comércio (Technical Barriers to Trade – TBT), tais como exigências de rotulagem, padrões de qualidade e medidas destinadas

à proteção ambiental. Procedimentos para avaliação de conformidade dos bens às medidas TBT e SPS também estão nesse grupo.

Medidas TBT são referentes a regulamentos técnicos, normas e procedimentos para avaliação de conformidade. Um regulamento técnico é um documento que estabelece as características do produto ou os processos e métodos de produção relacionados, incluindo as disposições administrativas aplicáveis, cuja conformidade é obrigatória. Inclui os requisitos de terminologia, símbolos, embalagem, marcação ou rotulagem, transporte e distribuição (Ferreira, 2021).

O capítulo C, contém medidas relacionadas a inspeções pré-embarque e demais formalidades aduaneiras. Inclui inspeções pré-embarque, requisitos de remessa direta, exigência de passar pelo porto de alfândega, medidas automáticas de licenciamento, entre outras formalidades. Assim, representam procedimentos burocráticos para o fluxo de bens entre países.

O Capítulo D agrupa as medidas contingentes (proteção comercial), implementadas para remediar os efeitos adversos específicos das importações no mercado do incluindo medidas destinadas a práticas comerciais desleais. Estas incluem medidas antidumping, compensatórias e de salvaguarda.

Os capítulos E e F incorporam as MNTs de controle direto de quantidades (quotas, proibições e licenciamentos não automáticos) e de preços (imposição de preços mínimos de importação), respectivamente.

O Capítulo G abrange as medidas financeiras. Refere-se a medidas que restringem os pagamentos de importações, por exemplo, quando o acesso e o custo do câmbio são regulados. Inclui também medidas que impõem restrições às condições de pagamento.

O capítulo H compreende medidas que afetam a concorrência, isto é, que garantam privilégios a um conjunto limitado de atores, como direitos exclusivos de importação a uma determinada firma.

Os capítulos J e K referem-se à forma como os produtos, ou serviços ligados aos produtos, são comercializados após as importações. São consideradas MNTs porque podem afetar a decisão de importação. O Capítulo J refere-se a medidas restritivas relacionadas à distribuição interna de produtos importados. O Capítulo K lida com restrições sobre serviços de pós-venda.

Os capítulos L, M, N e O estão relacionados às políticas dentro das fronteiras. O Capítulo L contém medidas relacionadas aos subsídios que afetam as importações. O Capítulo M, medidas de restrição de compras governamentais. O Capítulo N reúne restrições relacionadas a medidas de propriedade intelectual e direitos de propriedade intelectual. O capítulo O, sobre regras de origem, congrega as medidas que restringem a origem dos produtos ou seus insumos.

Por fim, o capítulo P engloba medidas que um país impõe às suas exportações, inclusive subsídios de exportação.

Além disso, são coletados mensalmente dados de importação e exportação da região de Governador Valadares, gerando informações como saldo da balança comercial, principais produtos comercializados, importância do setor na economia regional, entre outras. Tais informações são encontradas no portal do Ministério da Economia (2021) e no Comex Stat (2021).

De posse desses dados, são confeccionados dois boletins: um sobre barreiras comerciais e outro sobre a balança comercial. Os resultados completos deste trabalho

são amplamente divulgados via website para toda a população (<http://www.ufjf.br/rpcgv>). Os boletins podem ser acessados no site e estão em constante atualização desde 2017, início do projeto.

3 RESULTADOS

3.1 Barreiras comerciais

Ao longo de todo o período analisado, de 2017 até o presente, observou-se uma prevalência da imposição de medidas TBT e SPS em relação aos outros tipos. Tal comportamento se mantém ao analisar a adoção de medidas desde a criação da OMC, em 1995. A tabela 1 a seguir mostra as notificações mundiais, iniciadas ou em vigor, aos acordos TBT e SPS de 1995 até julho de 2021, por continente.

Tabela 1 – Notificações mundiais aos acordos TBT e SPS de 1995 até julho de 2021

Continente	SPS	TBT
África Total	828	4097
Ásia Total	5959	6192
Comunidade dos Estados Independentes Total (CEI)	489	594
Europa Total	1664	4659
Países Menos Desenvolvidos Total	446	2510
Oriente Médio Total	1302	5156
América do Norte Total	4870	3221
América do Sul, Central e Caribe Total	4928	4933
Total Geral	19983	28822

Fonte: elaboração própria com dados da OMC, 2021.

Como é possível observar, os países que menos impõem medidas são aqueles menos desenvolvidos, a CEI e os continentes que têm uma concentração maior de países mais pobres, pois, conforme Corrêa e Gomes (2018), estes encontram maior dificuldade técnica e financeira para utilizar as medidas. Ademais, dado o princípio do tratamento nacional dos acordos TBT e SPS, um país não pode ser mais exigente com suas importações do que com a produção interna, o que muitas vezes inviabiliza a adoção de padrões mais elevados.

Para que esses países possam ter uma maior participação na OMC, é previsto nos acordos TBT e SPS que os países mais desenvolvidos devem dar auxílio técnico a nações mais vulneráveis, para que estas possam adotar medidas TBT e SPS necessárias para proteção do consumidor, da nação ou do meio ambiente. Além disso, estimula-se a cooperação técnica para a adoção de padrões qualitativos excelentes, pois com a adoção dessas medidas é possível a padronização dos produtos, gerando harmonização e excelência universal (Corrêa; Gomes, 2018).

3.2 Balança Comercial

Com relação ao Brasil, considerando o ano de 2021 até a segunda semana de outubro em comparação ao mesmo período de 2020, as exportações cresceram 36,8% e somaram US\$221,25 bilhões. As importações cresceram 36,1% e totalizaram US\$162,75 bilhões. Portanto, a balança comercial apresentou superávit de US\$58,50 bilhões, com crescimento de 38,8% no período.

Setorialmente, nas exportações, houve crescimento de 45,6% na Agropecuária, que somou US\$ 1,22 bilhões; crescimento de 52,9% na Indústria Extrativa, que chegou a US\$ 2,04 bilhões e, por fim, crescimento de 48,8% na Indústria de Transformação, que alcançou US\$ 4,60 bilhões. A combinação destes resultados levou ao aumento do total das exportações. A expansão das exportações foi puxada, principalmente, pelo crescimento nas vendas dos seguintes produtos: Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (12,5%), Café não torrado (29,1%) e Soja (186,6%) na Agropecuária; Pedra, areia e cascalho (154,8%), Minérios de alumínio e seus concentrados (103,1%) e Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (201,7%) na Indústria Extrativa; Alumina (óxido de alumínio), exceto corindo artificial (276,2%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (584,5%) e Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, folheados ou chapeados, ou revestidos (4.044,4%) na Indústria de Transformação.

Nas importações, por setores, observou-se crescimento de 41,0% na agropecuária, que somou US\$ 0,15 bilhões; crescimento de 134,1% em Indústria Extrativa, que chegou a US\$ 0,26 bilhões e, por fim, crescimento de 46,5% em Indústria de Transformação, que alcançou US\$ 5,43 bilhões. O movimento de crescimento nas importações foi influenciado pela ampliação das compras dos seguintes produtos: Pescado inteiro vivo, morto ou refrigerado (62,4%), Milho não moído, exceto milho doce (560,3%) e Látex, borracha natural, balata, guta-percha, guaiúle, chicle e gomas naturais (104,5%) na Agropecuária; Outros minérios e concentrados dos metais de base (257,1%), Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (77,0%) e Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (483,0%) na Indústria Extrativa ; Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (97,1%), Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (209,0%) e Geradores elétricos giratórios e suas partes (588,9%) na Indústria de Transformação.

Já com relação ao município, no acumulado de janeiro a setembro de 2021, as exportações de Governador Valadares totalizaram aproximadamente 16,6 milhões de dólares, enquanto marcaram 8,9 milhões no mesmo período do ano anterior. Já as importações registraram cerca de US\$19,3 milhões de dólares, com cerca de 11,2 milhões no mesmo período do ano anterior. Portanto, até setembro de 2021 o município registra um déficit de cerca de 2,7 milhões de dólares *free on board* (FOB).

Os principais produtos importados foram veículos terrestres, tais como tratores e automóveis e suas partes, máquinas e aparelhos eletrônicos, pérolas e pedras preciosas e obras de ferro ou aço; já os principais exportados foram pedras preciosas e pérolas naturais, produtos de origem animal, cimento e cal e vestuários e seus derivados. Os parceiros comerciais valadarenses mais proeminentes foram Estados Unidos, China, Alemanha e Itália.

4 CONCLUSÕES

O comércio internacional traz diversos benefícios para as nações como, por exemplo, possibilitar maior disponibilidade e variedade de bens, ser fonte de renda e permitir transferência de tecnologia. Entretanto, existem motivos para os países buscarem proteger o mercado interno, seja para que a concorrência externa não elimine o produtor doméstico, para garantir a qualidade dos produtos, proteger o meio ambiente e/ou resguardar setores chave. Assim, instrumentos de política comercial são frequentemente utilizados pelos governos para tais objetivos. São estas as barreiras tarifárias e as medidas não tarifárias (MNTs).

As tarifas são instrumentos amplamente conhecidos e de funcionamento relativamente simples: atuam elevando o preço do bem importado no mercado interno. Porém, MNTs possuem os mais diferentes formatos e efeitos, muitas delas sendo desconhecidas por grande parte dos agentes econômicos.

Assim sendo, o Radar da Política Comercial (RPC) surgiu como uma forma de difundir os aspectos relativos ao comércio internacional de mercadorias, especificamente a política comercial na forma de medidas não tarifárias. O projeto busca facilitar o conhecimento e a compreensão dessas medidas pelos exportadores e importadores de Governador Valadares e de todo o Brasil, permitindo que estes possam se adequar às mesmas. Adicionalmente, realiza acompanhamento e análise da balança comercial valadarense, visando dar maior destaque ao comércio internacional da região, bem como identificar oportunidades de expansão.

Os resultados completos deste trabalho são amplamente divulgados via website para toda a população (<http://www.ufjf.br/rpcgv>). São confeccionados boletins que podem ser acessados no site e estão em constante atualização desde 2017, início do projeto.

Por fim, o projeto almeja trazer informação e capacitação aos empresários participantes do comércio internacional, bem como para aqueles que desejam ingressar nesse mercado, além de pesquisadores e formuladores de políticas públicas de todo o país.

REFERÊNCIAS

COMEX STAT. *Estatísticas de comércio exterior do Brasil*. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: out. 2021.

CORRÊA, C. R.; GOMES, M. F. M. Tariff and Technical international trade measures: a look at advanced and emerging countries. *AUSTRAL: Brazilian Journal of Strategy & International Relations*, v. 7, n. 13, 2018.

FERREIRA, C. R. C. *Guia para análise teórica e empírica de políticas comerciais*. Governador Valadares, [s.n.] 1, 54 p. 2021. Disponível em: <https://www.ufjf.br/rpcgv/livro/>. Acesso em: out. 2021.

ITIP – OMC. *Integrated Trade Intelligence Portal*. Disponível em: https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/itip_e.htm. Acesso em: jul. 2021.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. *Balança comercial*. Disponível em:
https://balanca.economia.gov.br/balanca/pg_principal_bc/principaisresultados.htm.
Acesso em: jul. 2021.

RPC GV. *Radar da Política Comercial*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/rpcgv/>. Acesso em: out. 2021.

UNCTAD. *Classification of non-tariff measures*: February 2012 edition. Geneva: UNCTAD, 2012.

Relato de experiência: a extração de palavras-chave no projeto ODS Mapeados¹

Igor Ciampi de Mattos Roque²

João Victor de Mattos Louro³

Ana Carolina E. Polessa da Silva⁴

Ruan Medina Carvalho⁵

Gisele Goulart⁶

Priscila V. Z. Capriles Goliatt⁷

Leonardo Goliatt da Fonseca⁸

¹ODS Mapeados. Projeto de Extensão.

²Graduação em Engenharia Elétrica (Automação Industrial) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: igor.ciampi@engenharia.ufjf.br.

³Graduação em Engenharia Elétrica (Sistemas Eletrônicos) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntário. E-mail: joao.louro@engenharia.ufjf.br.

⁴Doutoranda do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: polessaa@gmail.com.

⁵Mestrando pela Faculdade de Engenharia e Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: ruan.medina@engenharia.ufjf.br.

⁶Doutoranda em Modelagem Computacional da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: giselegoulart@ice.ufjf.br.

⁷Doutora em Modelagem Computacional pelo Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), com Pós-doutoramento em Modelagem Computacional na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora Adjunta no Departamento de Ciência da Computação do Instituto de Ciências Exatas da UFJF. Departamento de Ciência da Computação. Coordenadora da ação de extensão. E-mail: priscilacapriles@gmail.com.

⁸Doutor em Modelagem Computacional pelo Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC). Professor Associado do Departamento de Mecânica Aplicada e Computacional da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador da ação de extensão. E-mail: leonardo.goliatt@ufjf.br; goliatt@gmail.com.

Relato de experiência: a extração de palavras-chave no projeto ODS Mapeados

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “ODS Mapeados” é desenvolvido pelo Grupo de pesquisa de Modelagem Computacional Aplicada (CNPq/UFJF), no Eixo de Cidades e Soluções Inteligentes, em parceria com a Coordenação de Divulgação Científica da Imagem Institucional da UFJF, com o objetivo de mapear e alinhar os projetos de pesquisa e extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora com a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), buscando responder às seguintes perguntas: Como os trabalhos desenvolvidos na UFJF alinham-se à Agenda 2030? E qual seu potencial para a sociedade como um todo?

A Agenda 2030 se refere aos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), englobando ao longo de suas 169 metas um plano de ação que depende de 5P's: as Pessoas, o Planeta, a Paz, as Parcerias e a Prosperidade. Os objetivos, as metas e o plano de ação buscam soluções para erradicação da pobreza, igualdade de gênero, saúde de qualidade, erradicação da fome, estímulo a energias renováveis, consumo e produção responsável, cidades e comunidades responsáveis e resilientes, entre outros (ONU, 2015).

De acordo com o relatório da *Sustainable Development Solutions Network* (2019), ligado às Nações Unidas, a relação dos 17 ODS com o setor acadêmico oferecem benefícios mútuos, em grande parte, graças as principais funções da atividade universitária, envolvendo liderança, ensino e aprendizagem, governança organizacional, pesquisa e inovação.

Em um artigo de Colglazier (2015), publicado na Revista Science, descreve-se que a ciência pode contribuir positivamente para alcançar os ODS em quatro grandes áreas: (1) desafios, (2) ações que podem fazer a diferença, (3) monitoramento do progresso e (4) soluções inovadoras. Porém essas áreas dependem de avaliação aprofundada sobre como contribuir para cada um dos 17 Objetivos juntamente a uma avaliação, a qual permita comprovar avanços em tais áreas. Além disso, o autor do artigo apresenta a importância de uma sociedade baseada no conhecimento, dependente de capacitação, de disponibilidade de conhecimento e de uma competência para responder aos desafios do desenvolvimento sustentável. Como exemplo ao exposto tem-se, entre os pontos principais, a criação de um robusto “ecossistema de assessoria científica” capaz de fornecer evidências científicas contribuintes à Agenda 2030 (Colglazier, 2015).

Mas ainda que possamos usar a Agenda 2030 como uma estratégia ou plataforma para desenvolver metas na sociedade mediadas pela UFJF, o diagnóstico do Grupo de Modelagem Computacional Aplicada foi de que seria necessário conhecer a própria Instituição, no caso, mapear com mais precisão e celeridade as próprias produções acadêmicas na UFJF.

Uma das possibilidades é que esse processo poderia ser feito por meio de uma estratégia de conhecer e potencializar o perfil de liderança dos alunos e pesquisadores, permitindo um melhor compartilhamento de pesquisas, um maior conhecimento e entendimento da importância do setor acadêmico para estratégias internas (institucionais) e externas (sociedade, governo e setor privado).

McCowan (2016), por exemplo, afirma que, sendo as Universidades reconhecidas como principal impulsionador de desenvolvimento, sua forma de trabalho pode contribuir para tal objetivo, uma vez que esse desenvolvimento está relacionado ao tipo de Instituição e como essa fornece espaços e discussão para o aprimoramento local, nacional e global.

Compreendeu-se, assim, que o apoio à promoção, à contribuição e à busca por parcerias dependeria não apenas de investimento, manutenção de acordos e compromissos, mas também de estratégias, que permeassem as bases dos campos burocráticos e institucionais, possibilitando mecanismos mais eficazes de diálogo entre o meio acadêmico, o setor privado, o governo e a sociedade civil (El-Jardali *et al.*, 2018).

Mas para usar os conhecimentos da UFJF em seu potencial, precisamos primeiramente conhecê-la, identificar capacidades, oportunidades e possibilitar colaborações (incluindo colaborações internas entre diferentes setores e áreas do conhecimento) e capacidade de alinhamento à Agenda 2030 de maneira integrada.

Assim, o GMCA propôs que o projeto ODS MAPEADOS tivesse os seguintes objetivos:

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Desenvolver uma ferramenta computacional com técnicas de aprendizagem em máquina (*machine learning*), que seja capaz de alinhar e mapear a relação dos projetos de pesquisa e extensão da UFJF com a Agenda 2030.

2.2 Objetivos Específicos

- a) criar um banco de dados unificado dos projetos de pesquisa e extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora dos anos de 2019 e 2020;
- b) determinar métricas relacionadas à Agenda 2030, as quais sejam capazes de identificar qual o potencial (alto-médio-baixo) de um projeto da UFJF impactar um ou mais ODS;
- c) identificar quais ODS mais se aproximam de uma determinada pesquisa de acordo com as devidas áreas de especialização;
- d) investigar o lugar dos ODS no ensino e extensão das pesquisas da UFJF.

Nessa fase preliminar de desenvolvimento, o compartilhamento de saberes e a capacitação da equipe mostraram-se os pontos mais fortes, que permitiram a integração da pesquisa e extensão. O presente relato pretende descrever uma parte de tais experiências.

3 METODOLOGIA

Mantendo uma abordagem interdisciplinar, com sustentação teórica feita de forma aplicada, considera-se que metodologicamente o presente relato descreve as fases iniciais do Projeto ODS Mapeados por se tratar dos processos de readequação das atividades em razão da pandemia da COVID-19 e compreenderá todo o processo de capacitação, adaptação ao ambiente virtual e metodologias empregadas pela equipe.

Os bolsistas foram apresentados ao tema. Por meio de abordagens aplicadas do *Design Thinking*, devido à relação do projeto com a Inovação para um gerenciamento eficaz de geração e organização das soluções e ideias, esses bolsistas, advindos de diferentes áreas, dada a interdisciplinaridade dos membros da equipe, inclusive com funcionários da UFJF, foram habilitados a garantir um resultado bem-sucedido.

Um dos problemas foi pensar em como dinamizar as estratégias da UFJF para identificar qual seria o ODS potencialmente mais forte dentro da própria Instituição e ainda correlacionar projetos de diferentes áreas do conhecimento à Agenda 2030.

Esse primeiro momento de preparação, que se estendeu entre janeiro e agosto, foi demandada a necessidade não apenas de conhecer a Agenda 2030 com profundidade para selecionar as primeiras palavras-chaves ao longo de seus objetivos e de suas metas, bem como compreender os desafios, pensando de maneira prática em possíveis soluções, as quais dependeriam de capacitação e bom planejamento.

As etapas de tal processo de construção metodológico tiveram início entre janeiro e março, antes da paralisação das atividades presenciais em 16 de março de 2020. Em função da COVID-19, foram realizadas as primeiras reuniões para traçar metas de realização da seleção dos bolsistas voluntários no tema, sua apresentação e integração a equipe.

Posteriormente, foram demandados conhecimentos empíricos, teóricos e práticos de diferentes áreas do conhecimento para execução e encaminhamento do projeto. Em um processo, que exige capacitação continuada, algumas das atividades envolveram participação em atividades extracurriculares.

A experiência e a organização das atividades em formato físico, foram adaptadas para a fase de desenvolvimento do projeto à distância, por exemplo. A organização das atividades da equipe foram inseridas no *Trello*.

O grupo passou a dividir suas atividades em demandas semanais, com preparação de pautas para dinamizar os encontros. De acordo com o surgimento das dificuldades, eram estruturadas novas estratégias e soluções.

Nesse momento, adotou-se a metodologia *Problem-Based Learning*, oferecendo a oportunidade de que os membros da equipe aprendessem sobre um assunto ou tópico por meio da experiência para visualizar e resolver os problemas de acordo com que esses surgissem.

4 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Os ODS foram estudados pelos orientandos por meio dos textos oficiais dos sites da ONU, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e dos ODS Brasil (IBGE, 2020), no qual tem todas as métricas utilizadas pelo país para mensurar o desenvolvimento de determinada meta e suas adaptações para o contexto brasileiro feitos pelo IPEA (2015). O Relatório Luz (2020) foi outra fonte de informação, pois contém análises sobre como tem sido o progresso da Agenda 2030 no Brasil.

Cursos de capacitação externos sobre os ODS, como o do Raleduc, patrocinado pela Petrobrás, ofereceram conteúdos assíncronos como vídeos sobre aspectos gerais da Agenda 2030, sobre os ODS e sua interiorização em território brasileiro, além de transmissões ao vivo semanais com entrevista a atores importantes do desenvolvimento sustentável nacional.

Todas as fontes de conhecimento sobre o tópico são oficiais ou credenciadas e foram escolhidas devido à credibilidade e ao conteúdo, os quais foram essenciais para a análise feita pelos bolsistas durante a extração das palavras-chave dos textos base presentes no site da ONU sobre os ODS e suas metas.

As planilhas criadas descreviam todos os 17 ODS e continham cinco colunas: palavras-chave gerais, objetivos, metas e métricas. As palavras-chave foram extraídas com base no conhecimento prévio, que os bolsistas tinham e em vídeos sobre os assuntos de cada Objetivo do canal do Youtube, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Visto que o desenvolvimento da ferramenta precisava de um padrão mais funcional e que a extração fosse mais objetiva, foi criado um molde, para que as palavras-chave fossem mineradas manualmente a partir dos textos das metas dos 17 ODS.

Um dos problemas, foi pensar em como dinamizar as estratégias da UFJF para identificar qual seria o ODS potencialmente mais forte dentro da própria Instituição e ainda, correlacionar projetos de diferentes áreas do conhecimento, que teriam alguma relação entre si.

O desenvolvimento seguiu com o estudo dos ODS e criação de resumos descritivos de cada objetivo, para que fosse estabelecida uma base de conhecimento para dar início à criação de suas respectivas planilhas de palavras-chave.

A criação das palavras-chave para cada uma das 169 metas decorreu ao longo das semanas de forma manual pelos orientandos, de modo que foram lidas todas as metas e extraídas suas devidas palavras-chave. Para facilitar esse processo, foi criada uma planilha auxiliar, na qual era inserida toda nova palavra-chave encontrada. A criação de palavras-chave demandou discussões a fim de padronizar as palavras para que a posterior aplicação dessas em ferramentas computacionais não gerasse problemas futuros.

Assim, foram criadas ao todo 657 palavras-chave, todas elas no infinitivo e sem *stopwords* – palavras comuns a expressões da língua portuguesa – a fim de uma melhor eficácia em futuras comparações com projetos e afins.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano em que o projeto foi realizado foi marcado pela pandemia do vírus Sars-Cov-2 (COVID-19), o que interrompeu diversas atividades presenciais, entre elas as acadêmicas, por todo o país. Houve um momento de adaptação dos voluntários ao projeto e de todos os integrantes às novas condições de vida impostas pela pandemia, tomando tempo da disponibilidade de todos.

Dificuldades foram encontradas em várias das reuniões – os voluntários entraram com pouca experiência na área de programação e foram aprendendo as habilidades necessárias durante o desenvolvimento do projeto. Nessa trajetória, houve problemas com hardware, sistema operacional utilizado (Windows), e dados fornecidos pela universidade – os arquivos de texto PDF recebidos continham textos fora do padrão estabelecido, o que dificultou sua análise pelo algoritmo, atrasando assim o projeto.

No entanto, houve um grande processo de aprendizado caracterizado tanto por habilidades no âmbito computacional – os bolsistas aprenderam fundamentos das linguagens SQL e Python, a trabalhar com algumas ferramentas para Ciência de Dados,

a projetar bancos de dados com mais eficiência, a criar formatos de planilhas eletrônicas eficientes para uso posterior em programas – como no âmbito pessoal, tendo em vista que muitas vezes foi necessário assumir papéis de liderança para progredir com o desenvolvimento da ferramenta, promover o trabalho em equipe e organizar todo o trabalho sendo feito.

Partindo desse trabalho em equipe desenvolvido, a otimização da ferramenta cresceu durante o projeto. O banco de dados da nova ferramenta foi criado, alimentado e pode ser usado em outros projetos, que apresentavam a possibilidade de obtenção de uma base confiável para programar equipamentos relacionados à Agenda 2030; um repositório para o desenvolvimento contínuo ficou disponível; a importância desse projeto, no meio acadêmico, cresceu e foi esperado que se terminasse as atividades durante o ano de 2021.

REFERÊNCIAS

AGENDA 2030 – ODS – *Metas Nacionais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. IPEA. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3zvdeot>. Acesso em: 17 jan. 2021.

COLGLAZIER, William. Sustainable development agenda: 2030. *Science*, 04 sep. 2015, v. 349, n. 6252, p. 1048-1050. Disponível em: <https://tinyurl.com/y69gexmy>. Acesso em: 17 jan. 2021.

EL-JARDALI, F; ATAYA, N; FADLALLAH, R. Changing roles of universities in the era of SDGs: rising up to the global challenge through institutionalising partnerships with governments and communities. *Health Res Policy Syst*, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2atfukq>. Acesso em: 17 jan. 2021.

INDICADORES BRASILEIROS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – ODS Brasil. 2020. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/>. Acesso em: 17 jan. 2021.

MCCOWAN, T. Universities and the post-2015 development agenda: an analytical framework. *High Educ*, v. 72, p. 505–523, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10734-016-0035-7>. Acesso em: 17 jan. 2021.

RELATÓRIO LUZ. *GT Agenda 2030*. 2019. Disponível em: <https://gtagenda2030.org.br/relatorio-luz/relatorio-luz-2019/>. Acesso em: 17 jan. 2021.

SUSTAINABLE DEVELOPMENT SOLUTIONS NETWORK (SDSN). *The Sustainable Development Report*, 2019. Disponível em: <https://www.sdindex.org/>. Acesso em: 17 jan. 2021.

Inclusão produtiva através de oficinas culinárias em uma obra social do município de Juiz de Fora – MG¹

Nelma Helena Freguglia Coutinho²

Monike Hellen de Oliveira³

Tayani de Oliveira Souza⁴

Ana Livia de Oliveira⁵

¹Inclusão produtiva através de oficinas culinárias em uma obra social do município de Juiz de Fora – MG. Projeto de Extensão.

²Graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: nelmafreguglia@gmail.com.

³Graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: nikehellen79@gmail.com.

⁴Graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: tayoliveira1678@gmail.com.

⁵Doutora em Saúde pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora Adjunta do Departamento de Nutrição do Instituto de Ciências Biológicas da UFJF. Coordenadora da ação de extensão. E-mail: analivia.oliveira@ufff.br.

Inclusão produtiva através de oficinas culinárias em uma obra social do município de Juiz de Fora – MG

1 INTRODUÇÃO

A inclusão produtiva promove ações, que possibilitem a inserção de indivíduos no mercado de trabalho, contribuindo para o processo de emancipação social; diminuindo a dependência de programas e benefícios dos governos federal, estadual e municipal; gerando trabalho e renda; potencializando a arte e o saber-fazer local. Essas atividades contribuem para a ampliação dos trabalhos executados por cooperativas, associações comunitárias e outros sistemas associativos, além da abertura de frentes de trabalhos compatíveis com a vocação econômica do município, garantindo a convivência familiar e comunitária. Para que uma inclusão produtiva bem sucedida ocorra, não basta que existam oportunidades de boa qualidade e que essas sejam acessíveis aos mais pobres. É também imprescindível que, com seu esforço e tenacidade, as famílias pobres aproveitem plenamente essas oportunidades (efetiva utilização das portas de saída). De fato, oportunidades não são serviços dos quais podemos passivamente nos beneficiar. Ao contrário, para serem efetivas, as oportunidades requerem protagonismo, esforço e perseverança, sem o que não é possível alcançar sucesso na inclusão produtiva (Barros, Mendonça e Tsukada, 2011). A oficina constitui uma modalidade de trabalho, o qual proporciona uma visão integradora, englobando reflexões racionais, como as formas de pensar, sentir e agir. Proporcionam oportunidades para incorporar novos conceitos por meio das interações entre os participantes (Afonso, 2000). A Oficina Culinária é uma estratégia de promoção de alimentação saudável, pautada na apropriação ativa do saber, na criatividade, na troca de conhecimentos e experiências (Rotemberg *et al.*, 2011).

Essa ação foi desenvolvida no projeto de extensão *Inclusão produtiva através de oficinas culinárias em uma obra social do município de Juiz de Fora – MG*. O objetivo do projeto é capacitar pessoas para a inserção no mercado de trabalho, na manipulação de alimentos e microempreendimentos individuais.

2 METODOLOGIA

As atividades de extensão são realizadas presencialmente, mediante oficinas culinárias, porém, diante da pandemia do Coronavírus, foi necessário o reajuste das estratégias pedagógicas para o ano de 2020 para manter o projeto ativo, uma vez que as atividades presenciais foram suspensas. Foram realizadas postagens através do aplicativo de mensagens, em grupo fechado, por ser de fácil acesso aos usuários da obra, sendo composto somente por participantes do projeto.

A ação foi elaborada por intermédio de criação e de postagens, duas vezes por semana, de materiais com temas, como higiene pessoal, alimentos, superfícies de manipulação dos alimentos e compra, armazenamento e preparo de alimentos com ações necessárias para evitar a contaminação. Foram abordados também assuntos relacionados a COVID e alimentação (Santos *et al.*, 2020; Perruci *et al.*, 2020).

A equipe de trabalho deste projeto de extensão está operacionalizando a criação de um livro sobre *Oficinas Culinárias em vários cenários de prática*, buscando narrar

todas as oficinas, as quais foram desenvolvidas no projeto, no período presencial antes de março de 2020.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Observou-se baixa adesão e interação dos usuários quanto às postagens por aplicativo de mensagem. O desenvolvimento de materiais propiciou aos bolsistas do projeto de extensão o aprendizado, criatividade, trocas de saberes e uma visão crítica de quanto a interação pessoal é importante em um projeto de extensão.

Devido à pouca participação nos grupos a equipe optou pelo desenvolvimento e criação de um livro sobre *Oficinas Culinárias em vários cenários de prática*, proporcionando as bolsistas do projeto a vivência prática mediadas pelas narrativas e experiências de projetos anteriores, levando o conhecimento acadêmico a comunidade e a formação contínua na execução das atividades a serem desenvolvidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que essas novas abordagens educativas através de aplicativos auxiliam na comunicação, mas podem ter dificuldade de acesso a comunidades de baixa renda. Escrever e refletir sobre o projeto de extensão permite ao aluno fazer a articulação dos conteúdos aprendidos na universidade e a vivência prática, criando oportunidades para o desenvolvimento de habilidades em trabalho interdisciplinar e em equipe.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Monise Vieira; COURA, Tatiana; SANTOS, Virgínia Souza. *COVID-19. Estratégias para adaptação da produção, comercialização e gestão de estabelecimentos do setor de alimentos*. São Carlos, São Paulo: Editora Scienza, 2020.

AFONSO, Lucia. *Oficinas em dinâmicas de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2000.

ASBRAN. *Guia para uma Alimentação Saudável*. Em tempos de COVID-19/Daniela Cierro; Marli Brasioli; Ruth Cavalcanti Guilherme. Edição e projeto gráfico, Sandra Perruci; março, 2020. Disponível em: <https://www.asbran.org.br/storage/downloads/files/2020/03/guia-alimentarcovid-19.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021.

ROTENBERG, S. *et al.* Oficinas culinárias na promoção da saúde. In: DIES – GARCIA, R.V; MANCUSO, A.M.C. *Mudanças alimentares e educação nutricional*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

Matriciamento, vigilância e intervenção em saúde do trabalhador e trabalhadora em tempos de pandemia: relato de experiência de um projeto de extensão universitária¹

Heloisa da Costa Souza²

Mariana Costa Garcia³

Vivian Rezende Mota⁴

Vitória Abraão de Lima⁵

Bruna Lopes Adriano⁶

Diogo Simões Fonseca⁷

¹Matriciamento, vigilância e intervenção em saúde do trabalhador e da trabalhadora: uma atuação interdisciplinar. Projeto de Extensão.

²Graduação em Fisioterapia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: heloisa231998@gmail.com.

³Graduação em Fisioterapia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: mariana.garcia37@gmail.com.

⁴Graduação em Engenharia Ambiental e Sanitária pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: rezende.vivian@engenharia.ufjf.br.

⁵Graduação em Fisioterapia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: vitoriaabraao20@gmail.com.

⁶Graduação em Fisioterapia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: bruninhalopesadriano@gmail.com.

⁷Doutorado em Engenharia Biomédica pelo Programa de Engenharia Biomédica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEB/COPPE-UFRJ). Professor Adjunto da Faculdade de Fisioterapia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador da ação de extensão. E-mail: diogo.simoos@ufff.br.

Matriciamento, vigilância e intervenção em saúde do trabalhador e da trabalhadora em tempos de pandemia: relato de experiência de um projeto de extensão universitária

1 INTRODUÇÃO

Uma das missões da extensão universitária é mudar o ambiente de aprendizagem, gerando novos conhecimentos e experiências impactantes memoráveis para os participantes (Phansavath, 2015). Um de seus pontos principais é abordar questões sociais complexas, a fim de promover questionamentos, críticas e estratégias de mudanças por parte dos alunos e do público alvo do projeto em questão. Isso também melhora a compreensão das perspectivas pessoais do outro, modificando a forma com que os participantes veem as questões sociais e agem na sua vida pessoal e profissional (Reichenbach; Muth; Smith, 2013). Para alcançar esses objetivos, os métodos tradicionais são pesquisas, entrevistas e visitas de campo, quando os estudantes orientados podem atuar junto ao público alvo do projeto, por meio de intervenções diretas ou promovendo educação dessa população (Reichenbach; Muth; Smith, 2013). Uma das possíveis áreas de atuação dos projetos de extensão universitária é o trabalho, que enquadra o campo da saúde do trabalhador (ST). Este último se volta para a análise e intervenção nas relações de trabalho que provocam doenças e agravos, visando a prevenção, promoção e vigilância (Gomez *et al.*, 2018).

O trabalho é um determinante social de saúde, porque ele é fonte de renda, o que viabiliza a compra de bens materiais necessários à vida. Contribui, também, para a rede de apoio ao trabalhador, por meio da interação social com os colegas de trabalho, clientes, subordinados e superiores. Além disso, o trabalho pode gerar ou agravar doenças, causar acidentes de trabalho e gerar repercussões na saúde mental. O trabalho pode agir como facilitador ou barreira no processo saúde-doença (Brasil, 2018).

Alguns dos desafios da ST são: pouca inserção dos conceitos da ST na saúde pública; dificuldades de realização de efetiva vigilância em saúde, principalmente a sanitária; ausência de metodologias na área da saúde que incluam a ST; a falta de interesse por parte do profissional responsável pela percepção do trabalhador no seu próprio processo de saúde-doença; inconsistência e divergência metodológica nas ações de ST (Gomez *et al.*, 2018). No Sistema Único de Saúde (SUS), existe pouco desenvolvimento de ações na ST que atuem em mudanças efetivas nas causas de agravos no trabalho (Vasconcellos *et al.*, 2017). É importante, então, que sejam estimuladas e construídas equipes de pesquisadores que estudem e compartilhem conhecimentos sobre esse campo, por meio de propostas institucionais durante a formação de diversos profissionais (Gomez *et al.*, 2018).

O Projeto de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), intitulado “Matriciamento, vigilância e intervenção em saúde do trabalhador e da trabalhadora: uma atuação interdisciplinar” teve início em março de 2020, com o objetivo de atuar em toda a população trabalhadora de Juiz de Fora, por meio de atendimentos clínicos e na vigilância epidemiológica, tendo por meta atingir duas UBSs ao mês. O presente projeto iria alcançar seus objetivos e metas com a parceria com o Centro de Referência em

Saúde do Trabalhador (CEREST) e com os profissionais de saúde das Unidades Básicas de Saúde (UBSs), realizando o matriciamento sobre questões relacionadas à saúde dos trabalhadores.

No mês de fevereiro de 2020, o primeiro caso de COVID-19 foi relatado e, a partir disso, os casos aumentaram exponencialmente (Ministério da Saúde, 2020), impossibilitando atividades presenciais de extensão universitária e causando grande mudança na metodologia e meios de ação das mesmas. O objetivo do presente artigo é relatar a experiência do Projeto de Extensão desenvolvido na UFJF, tendo o trabalho como temática, e analisar o impacto da pandemia COVID-19 na atuação do mesmo junto à população alvo.

2 CAMINHO DA AÇÃO

O presente Projeto de Extensão teve início no dia 16 de março de 2020, contando com a participação das alunas bolsistas Mariana Costa Garcia, graduanda em Fisioterapia, e Vivian Rezende Mota, graduanda em Engenharia Ambiental e Sanitária, e as alunas voluntárias Bruna Lopes Adriano, Heloisa da Costa Souza e Vitória Abraão de Lima, todas graduandas em Fisioterapia. Tem colaboração do Professor Doutor da Faculdade de Engenharia Júlio César Teixeira e da Prefeitura de Juiz de Fora, por meio do CEREST-JF, sendo coordenado pelo Professor Doutor Diogo Simões Fonseca, da Faculdade de Fisioterapia.

Este projeto tinha por objetivo atuar no CEREST-JF e nas UBSs, dando suporte aos atendimentos clínicos, vigilância epidemiológica, matriciamento na atenção básica e educação em saúde da população trabalhadora. Entretanto, no dia 18 de março, dois dias após o início das atividades referentes à extensão, a UFJF, instituição à qual o projeto é vinculado, suspendeu as atividades acadêmicas e administrativas, e, no dia 25 de março de 2020, o calendário acadêmico, devido à pandemia. Dessa forma, as atividades propostas pelo projeto foram readequadas para torná-lo viável de forma remota. Reuniões *online* semanais foram realizadas para instituir formas de utilizar a internet como ferramenta de educação em ST.

No dia 03 de abril de 2020, foi sugerida a criação de um Instagram que tivesse como finalidade formar novos saberes na população trabalhadora, tornando esses indivíduos detentores de conhecimentos acerca de seus direitos e condições de trabalho. Durante essa reunião, foram discutidos possíveis nomes para esse Instagram, após consenso o nome “InViSTa Trabalhador” foi a opção escolhida, sendo um acrônimo para intervenção, vigilância e matriciamento na saúde do trabalhador.

Assim, no dia 28 de abril de 2020, o Instagram @invista_trabalhador foi desenvolvido. A partir desse Instagram foram divulgadas informações semanais relacionadas a COVID-19, direitos trabalhistas, lesões mais comuns em trabalhadores de Juiz de Fora, função do CEREST-JF, desigualdade de gênero no trabalho, inclusão, racismo, trabalho infantil, entre outros temas. Atualmente, o @invista_trabalhador apresenta 37 publicações e 436 seguidores, os quais interagem constantemente com a página.

Concomitantemente à construção das postagens para o Instagram, outras atividades foram produzidas durante os meses de pandemia. Em 23 de abril de 2020, a gerente do CEREST-JF participou da reunião a fim de elucidar as principais funções desse

órgão e suas correlações com o Projeto de Extensão. No mês seguinte, foram desenvolvidos documentos para nortear a atuação fisioterapêutica no CEREST-JF.

Em maio, foram apresentados dados relativos a acidentes de trabalho em Juiz de Fora, Minas Gerais e Brasil que haviam sido levantados pelos integrantes do grupo em diversas fontes como por exemplo o AEAT (Anuário Estatístico de Acidentes de Trabalho), a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), e o Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho. Verificou-se uma discrepância entre os dados e uma possível subnotificação dos mesmos. Por isso, foi idealizado um projeto de pesquisa que foi escrito ao longo dos meses de maio, junho e julho, mas que, dadas as condições sanitárias do município, ainda não foi implementado.

Ainda, durante o período de junho e julho foi atualizada a Análise da situação de Saúde do Trabalhador de Juiz de Fora, documento produzido pelos alunos do Projeto de Extensão, em parceria com o CEREST-JF, que avalia dados, de 2014 a 2018, que caracterizam os trabalhadores, os estabelecimentos e sua relação com os acidentes de trabalho e doenças ocupacionais no município.

No decorrer dos meses de agosto e setembro foi desenvolvida uma cartilha para a abordagem metodológica de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho na Atenção Primária para ser usada futuramente no matriciamento, contendo a rede de apoio, perguntas a serem feitas na anamnese, encaminhamentos, referência e contrarreferência. Além disso, foi realizada a criação de um fluxograma a fim de sanar dúvidas dos profissionais das UBSs.

No mês de outubro foi elaborado um formulário para a pesquisa de triagem de ST dos profissionais de saúde de Juiz de Fora, contendo perguntas a respeito do ambiente de trabalho, sintomas musculoesqueléticos, o Questionário de Saúde do Paciente – 2 (PHQ-2), que tinha por objetivo rastrear a depressão em uma abordagem de primeira etapa, e o Questionário de Transtorno Geral de Ansiedade-2 (GAD-2), utilizado como uma ferramenta de triagem para transtorno de ansiedade generalizada. Neste mês, foram retomadas, de forma remota, as reuniões mensais da CISTT (Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora), das quais o grupo teve oportunidade de participar.

No mês de novembro foi criado o canal no YouTube, InViSta Trabalhador, no qual foi postado o primeiro vídeo que aborda a questão da explosão de grãos que pode ocorrer em silos e ocasionar um grande acidente de trabalho. Ressalta-se que, além dos posts semanais, ainda neste mês, foi feita uma enquete no Instagram da equipe sobre os tipos de acidente de trabalho, para aumentar o engajamento e consolidar algumas informações acerca do tema.

No mês de dezembro, começou a ser elaborado o vídeo do grupo para o III Congresso de Extensão da UFJF, e ocorreu a última reunião conjunta com a CISTT de 2020.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Após a suspensão das atividades práticas pela UFJF por conta da pandemia, não foi possível de adequação a Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT), uma vez que as visitas de vigilância em saúde devem ser feitas presencialmente para a avaliação correta do ambiente de trabalho. Os atendimentos fisioterapêuticos, que seriam realizados no CEREST-JF também foram cancelados. Contudo, foi realizado um plano de estratégias

terapêuticas, com intenção de prevenir dores na coluna e com intuito de ser aplicado assim que possível.

Todavia, as reuniões presenciais semanais foram passíveis de adaptações para a forma remota através de plataformas de reunião *online*, assim como a educação em saúde do trabalhador e da trabalhadora, que foi adequada através do Instagram e Youtube.

O matriciamento em saúde do trabalhador tinha como intuito ser realizado nas UBSs com a finalidade de aprimorar o atendimento à população trabalhadora. No entanto, devido ao cenário atual, foram desenvolvidas adaptações parciais do matriciamento, com a construção de um fluxograma e um manual baseados no Caderno de Atenção Básica de Saúde do Trabalhador e Trabalhadora (Ministério da Saúde, 2018), para o auxílio dos profissionais da UBS durante os seus atendimentos.

Além disso, foram elaborados dois projetos de pesquisa na área de ST. Um deles, que visa a triagem em ST dos profissionais de saúde de Juiz de Fora, foi realizado de maneira adaptada, com questionários *online* que poderão ser realizados no cenário atual. Já o outro, que tinha por objetivo avaliar a prevalência de acidentes de trabalho em um setor específico de atividade, foi adiado, por necessitar de encontros presenciais para ser desenvolvido.

As diversas adaptações e reinvenções feitas no decorrer do projeto foram grandes desafios, exigindo novas perspectivas, criatividade e, sobretudo, a aquisição de novos conhecimentos. A alteração na comunicação entre os membros do projeto e o público alvo agora ocorre através das mídias eletrônicas foi algo pouco usual e inesperado por parte dos membros, que esperavam uma relação mais tangível. Entretanto, o Projeto de Extensão manteve sua excelência por ter oportunizado o aprimoramento nas habilidades das participantes em pesquisa científica e tornou possível o aprendizado aprofundado da área de ST, algo de suma importância para o crescimento profissional e também pessoal das alunas, uma vez que a compreensão das vulnerabilidades da população trabalhadora foi aprimorada, com um maior grau de sensibilidade em relação à algumas aflições da mesma e com maior capacidade para ajudar ou orientar de alguma forma.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do novo coronavírus impossibilitou que as atividades de extensão previamente programadas fossem realizadas como planejadas. Apesar das adequações terem sido grandes desafios a serem vencidos, elas oportunizaram a criação de um novo processo de pensamento, ensino, aprendizagem, de colaborações e criatividade nos alunos. Além disso, tais modificações possibilitaram a criação de estratégias de educação em saúde que alcançaram tanto os trabalhadores do município de Juiz de Fora como de outras regiões, potencializando os objetivos traçados inicialmente.

O ano de 2020 foi desafiador, e isto possibilitou a criação de estratégias que não seriam desenvolvidas no projeto inicial, mas que contribuiriam positivamente tanto para o aprendizado dos participantes do projeto quanto para os trabalhadores. Novas ações estão sendo produzidas para permitirem a continuidade do Projeto de Extensão em questão. Espera-se que as condições epidemiológicas se modifiquem, no decorrer de 2021, para que as estratégias traçadas se associem com ações em campo e, desse modo, beneficiem ainda mais a população trabalhadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde do trabalhador e da trabalhadora, *Cadernos de Atenção Básica*, n. 41. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em:

http://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/recursos/cadernos_da_atecao_basica_41_saude_do_trabalhador.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. 2020. *Painel Coronavírus*. Disponível em:

<https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GOMEZ, Carlos Minayo *et al.* Saúde do trabalhador: aspectos históricos, avanços e desafios no sistema único de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.L.], v. 23, n. 6, p. 1963-1970, jun. 2018. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018236.04922018>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PHANSAVATH, Ing. *CREATING "EXCELLENT" LEARNING EXPERIENCES: A GAP ANALYSIS OF A UNIVERSITY EXTENSION PROGRAM*. 2015. 24 f. Dissertation (Doctor of Education) – Faculty of The USC Rossier School Of Education, University Of Southern California, [S.L.], 2015.

REICHENBACH, Michael R; MUTH, Allyson B.; SMITH, Sanford S. Transformative Learning in Practice: Examples from Extension Education. *Journal of Extension*, v. 51, n. 6,

p. 1-7, dec. 2013. Disponível em:

https://www.joe.org/joe/2013december/pdf/JOE_v51_6a1.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de *et al.* Saúde do Trabalhador: necessidades desconsideradas pela gestão do sistema único de saúde. *Saúde em Debate*, [S.L.], v. 41, n. 113, p. 605-617, abr. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201711320.2>. Acesso em: 12 jan. 2021.